



ARQUIDIOCESE DE SÃO PAULO
VICARIATO EPISCOPAL PARA A EDUCAÇÃO E A UNIVERSIDADE
2026 - 280 ANOS DE CRIAÇÃO DA DIOCESE DE SÃO PAULO.



Caderno *Pedagógico*

Ação Pastoral

Perspectivas e dimensões teórico-práticas



01 / 2026



LIVRO DO ANO DE

2026



Organizadores

Vicariato Episcopal para Educação e a Universidade
Arquidiocese de São Paulo

Núcleo de Formação Continuada para Profissionais da Educação
Fundação São Paulo

Caderno Pedagógico

Ação Pastoral

Perspectivas e dimensões teórico-práticas

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

V628c	<p>Vicariato Episcopal para a Educação e para a Universidade</p> <p>Caderno Pedagógico: Ação Pastoral: Perspectivas e Dimensões Teórico-Práticas / Vicariato Episcopal para a Educação e para a Universidade - Arquidiocese de São Paulo; Núcleo de Formação Continuada para Profissionais da Educação (orgs.). – São Paulo: Arquidiocese de São Paulo, 2026. 115f. : il.</p> <p>e-ISBN 978-65-976291-0-7 (Livro do Ano de 2026)</p> <p>1. Educação Católica - Brasil. 2. Educação Pastoral. 3. Formação Católica. 4. Profissionais da Educação. I. Arquidiocese de São Paulo. II. Núcleo de Formação Continuada para Profissionais da Educação. III. Título.</p> <p>CDD – 377.8281</p>
-------	---

Elaborado por Lidiane Silva Lima - CRB-8/9602



SUMÁRIO

Pág.

PREFÁCIO

01

1. EDUCAÇÃO CATÓLICA: FUNDAMENTOS ESSENCIAIS PARA QUEM INGRESSA EM UMA INSTITUIÇÃO CATÓLICA

04

Dom Carlos Lema Garcia, Ir. Vânia Cristina de Oliveira,
Diego Kenji de Almeida Marihama

2. PASTORAL JUVENIL MARCELINA: 25 ANOS DE HISTÓRIA E EVANGELIZAÇÃO

19

Ir. Lucinalva de Jesus Souza

3. JUVENTUDE CRISTO REI : A PASTORAL ESCOLAR EM UMA NOVA PERSPECTIVA DE PROXIMIDADE E DE AÇÃO

25

Ir. Elton Lopes, Jaqueline Santana Alves, Natália Santos Moraes

4. PASTORAL UNIVERSITÁRIA: UM ESTALEIRO DE ESPERANÇA — A SALA DE PASTORAL DO UNISAGRADO COMO ESPAÇO FORMATIVO E DE (COM)VIVÊNCIA DA ESPIRITUALIDADE

33

Thiago Pignatti de Freitas, Ir. Ana Paula Gobbo Motta

5. O PACTO EDUCATIVO GLOBAL E O ENSINO RELIGIOSO NA ESCOLA CATÓLICA: CAMINHOS PARA UMA EDUCAÇÃO INTEGRAL, DIALÓGICA E SUSTENTÁVEL

51

Thaís de Lima Lins, Sérgio Rogério Azevedo Junqueira



Pág.

**6. PASTORAL UNIVERSITÁRIA - DIÁLOGOS ECUMÊNICOS COMO UM DOS
DESAFIOS DA ATUALIDADE: A MISSÃO DA IGREJA NUMA SOCIEDADE
PLURAL**

65

Eduardo de Campos Garcia

**7. PESSOA, SOCIEDADE E TECNOLOGIA: A INFLUÊNCIA DOS PROJETOS
SOCIAIS NA FORMAÇÃO ACADÊMICA**

74

Rafael Mahfoud Marcoccia

**8. RELATO DE EXPERIÊNCIA: AÇÃO SOCIAL, FORMAÇÃO INTEGRAL E A
MISSÃO DA PASTORAL UNIVERSITÁRIA**

83

Vinício Felipe Brasil Rocha, Edson Cassiano Lopes

**9. RELATO DE EXPERIÊNCIA: A IMPORTÂNCIA DA PASTORAL ESCOLAR
NA FORMAÇÃO INTEGRAL E VOCACIONAL**

90

Diego Kenji de Almeida Marihama

10. JUVENTUDE EM ORAÇÃO: FÉ E UNIDADE NO ENSINO MÉDIO

96

Diego Andrade de Jesus Lelis, Maria Victoria Fiori Giannoni

CONSIDERAÇÕES FINAIS

105

SOBRE OS AUTORES

108

Prefácio

Dom Carlos Lema Garcia

Alguém poderia pensar que, hoje, a presença da Igreja na educação seria algo excepcional ou apenas externa. Na verdade, os colégios e as universidades nasceram no interior da própria tradição eclesial. Como recorda São João Paulo II na Constituição Apostólica *Ex Corde Ecclesiae*, a universidade católica surgiu literalmente “do coração da Igreja”. Em sintonia com essa compreensão histórica e teológica, o Papa Leão XIV, em recente Carta Apostólica “Traçando novos mapas de esperança”, recorda que, desde os primeiros séculos do cristianismo, os Padres do Deserto já transmitiam uma sabedoria pedagógica fundada na simplicidade, na disciplina interior e na contemplação de Deus presente em toda a realidade. Nessa tradição, Santo Agostinho compreendeu que o verdadeiro mestre não apenas transmite conteúdos, mas desperta no discípulo o desejo pela verdade e educa a liberdade para discernir os sinais e escutar a voz interior.

Posteriormente, o monaquismo preservou e desenvolveu essa herança cultural e espiritual, sobretudo em tempos de instabilidade histórica, dedicando-se ao estudo, à preservação e ao ensino das obras clássicas. Esse esforço silencioso a serviço da cultura possibilitou que muitos textos fundamentais chegassem à posteridade. Foi nesse ambiente intelectual e espiritual que nasceram as primeiras universidades medievais, constituindo-se como centros de criatividade e difusão do conhecimento para o bem da humanidade. Nessas instituições, especialmente com a contribuição das Ordens Mendicantes, o pensamento teológico e filosófico encontrou condições para se organizar de modo sistemático e dialogar com as fronteiras do conhecimento, enquanto diversas congregações religiosas passaram a contribuir significativamente para o desenvolvimento de práticas pedagógicas inovadoras e socialmente comprometidas (Leão XIV, n. 2.2).

Nesta perspectiva, educação sempre foi, para a tradição cristã, mais do que um processo de transmissão de conhecimentos. Ela é, antes de tudo, um caminho de formação integral da pessoa humana, um espaço no qual inteligência, sensibilidade, espiritualidade e compromisso social se encontram para dar sentido à existência. Nesse horizonte, a ação pastoral nos colégios e nas universidades assume um papel singular: ela recorda continuamente que educar é também cuidar da dimensão mais profunda do ser humano, sua busca por significado, transcendência e comunhão.

Em um tempo marcado por profundas transformações culturais, tecnológicas e sociais, as instituições educativas são constantemente desafiadas a repensar suas práticas. O conhecimento circula em velocidade, as novas gerações vivem em ambientes digitais complexos e a sociedade apresenta múltiplos paradigmas de convivência e identidade. Nesse contexto, a escola e a universidade não podem limitar-se a preparar indivíduos apenas para o mercado ou para o desempenho acadêmico. Elas são chamadas a formar pessoas capazes de pensar criticamente, agir com responsabilidade e cultivar relações humanas baseadas na dignidade, na solidariedade e no cuidado com o outro. É justamente nesse ponto que a ação pastoral se revela indispensável.

A pastoral escolar e universitária não se limita a um conjunto de atividades religiosas ou a momentos celebrativos inseridos no calendário escolar ou acadêmico. Trata-se de uma presença que atravessa toda a vida institucional, inspirando relações, projetos, decisões pedagógicas e práticas comunitárias. Quando compreendida em sua profundidade, a pastoral revela-se como um modo de viver e compreender a própria educação.

Nas escolas católicas, essa perspectiva ganha contornos ainda mais claros. A tradição educativa da Igreja sempre compreendeu que o anúncio do Evangelho se realiza também por meio da educação. Desde as primeiras comunidades cristãs até as universidades medievais, passando pelas inúmeras congregações religiosas dedicadas à educação ao longo da história, a Igreja reconhece na escola um espaço privilegiado para o desenvolvimento humano e espiritual.

Contudo, falar de pastoral hoje exige compreender os sinais do nosso tempo. As novas gerações carregam perguntas diferentes, vivem em contextos culturais diversos e experimentam desafios que muitas vezes não encontram respostas nas pedagogias correntes. O mundo contemporâneo apresenta, ao mesmo tempo, oportunidades inéditas

e crises profundas: crise de sentido, fragmentação das relações, solidão existencial e perda de referenciais éticos.

Diante desse cenário, a ação pastoral nas instituições torna-se um verdadeiro laboratório de humanidade. Ela cria espaços de escuta, de diálogo e de acolhimento, nos quais alunos, educadores e colaboradores podem compartilhar suas experiências de vida, suas dúvidas e seus sonhos. A pastoral oferece um ambiente em que a fé não é imposta, mas proposta como horizonte de sentido capaz de iluminar as dimensões intelectuais, afetivas e sociais da formação humana.

Nas escolas, a pastoral tem a missão de acompanhar o crescimento integral das crianças e dos jovens. Ela ajuda a construir comunidades educativas baseadas na fraternidade, na solidariedade e no respeito. Por meio de projetos sociais, momentos de espiritualidade, ações de voluntariado e experiências comunitárias, os alunos são convidados a experimentar a identidade e o carisma presente nas instituições católicas, a compreender que a educação não se resume ao desempenho individual, mas envolve também responsabilidade coletiva e compromisso com o bem comum.

Nesse horizonte, torna-se particularmente significativa a publicação da primeira edição do Caderno Pedagógico do Vicariato Episcopal para a Educação e a Universidade da Arquidiocese de São Paulo, realizada em parceria com o Núcleo de Formação Continuada para Profissionais da Educação da Fundação São Paulo. Esta iniciativa nasce com o propósito de reunir reflexões teóricas e experiências práticas que iluminem e fortaleçam a ação pastoral nas instituições educativas. Inspirado na identidade e no carisma que brotam da pessoa de Jesus, este caderno recorda que a pastoral, em sua essência, é a continuação da missão de Cristo na história. Assim como Jesus, que se sensibilizava diante das pessoas, parava para escutá-las, conversava, tocava e caminhava com elas, a pastoral educativa é chamada a tornar presente esse modo de cuidar e acompanhar. Deus continua cuidando de seu povo através de pessoas que, no cotidiano das escolas e universidades, assumem a missão de educar e de testemunhar. Por isso, a pastoral é também um espaço privilegiado para falar de valores, verdade, criatividade, propósito, serviço e vocação, ajudando cada pessoa a descobrir o sentido mais profundo de sua vida e de sua participação na construção de uma sociedade mais humana e fraterna.

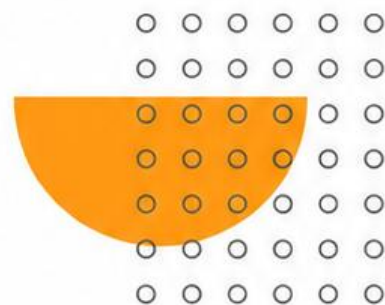


1

EDUCAÇÃO CATÓLICA:

FUNDAMENTOS ESSENCIAIS PARA QUEM INGRESSA EM UMA
INSTITUIÇÃO CATÓLICA

Dom Carlos Lema Garcia, Ir. Vânia Cristina de Oliveira,
Diego Kenji de Almeida Marihama.



EDUCAÇÃO CATÓLICA: FUNDAMENTOS ESSENCIAIS PARA QUEM INGRESSA EM UMA INSTITUIÇÃO CATÓLICA

*Dom Carlos Lema Garcia
Ir. Vânia Cristina de Oliveira
Diego Kenji de Almeida Marihama*

A riqueza de ingressar em uma instituição de ensino católica

Na Antiguidade, especialmente a partir das contribuições de Sócrates, Platão e Aristóteles, consolida-se uma concepção de educação profundamente vinculada à observação da realidade, ao exercício da criticidade e à busca racional da verdade. Esses pensadores inauguram métodos de investigação fundamentados tanto na experiência sensível quanto no questionamento filosófico, voltados à compreensão da essência dos fenômenos. Tal abordagem possibilitou o estabelecimento das bases da lógica, da ética e da reflexão sistemática sobre o conhecimento (Cambi, 1999). Embora ainda não existissem universidades no sentido moderno, as escolas filosóficas gregas promoveram uma cultura educativa centrada no diálogo, na formação intelectual e na elaboração conceitual, elementos que se tornaram estruturantes para o desenvolvimento histórico da educação.

Com o advento do cristianismo e o desenvolvimento da cultura medieval, o legado filosófico da Antiguidade é preservado, reinterpretado e integrado ao pensamento teológico. Nesse processo, Padres da Igreja, como Santo Agostinho, e, posteriormente, grandes pensadores da escolástica, como Santo Tomás de Aquino, promovem uma síntese fecunda entre fé e razão, compreendendo que a busca pela verdade envolve tanto a investigação racional quanto a revelação (Gilson, 2006). É nesse contexto que a educação passa a assumir um caráter institucional mais definido, especialmente por meio das escolas monacais, palatinas e episcopais, organizadas sob a responsabilidade da Igreja. A sistematização dos saberes, estruturada a partir do *trivium* e do *quadrivium*, e articulada ao ensino da teologia, da filosofia e da retórica, contribuiu para a consolidação de um currículo que marcaria profundamente a história da educação ocidental.

Desse longo processo histórico emergem as universidades medievais, compreendidas como os espaços nos quais a educação se formaliza de modo pleno e sistemático. Nelas, a Igreja desempenha papel central, tanto na organização do ensino,

quanto na legitimação dos títulos acadêmicos e na formação de mestres e doutores, muitos dos quais assumiram posteriormente a docência e a responsabilidade pela produção e transmissão do saber. Desse modo, a educação, tal como a conhecemos hoje, não se origina exclusivamente da filosofia nem se restringe à teologia, mas resulta do encontro fecundo entre ambas. Segundo Cambi (1999), a racionalidade crítica herdada do pensamento grego e a institucionalização promovida pela Igreja medieval constituem, em conjunto, o alicerce histórico da universidade e da educação formal, evidenciando que a tradição educativa ocidental é fruto de um diálogo profundo e permanente entre razão, fé e organização social do conhecimento.

O Brasil também recebeu uma influência profunda e decisiva da Igreja na constituição de sua educação, especialmente nos períodos colonial e imperial, desde a chegada dos portugueses, no século XVI, quando a educação esteve diretamente ligada à ação evangelizadora e pedagógica da Igreja, em particular da Companhia de Jesus (Azzi, 2008). Os jesuítas organizaram as primeiras escolas do território brasileiro, estruturando o ensino a partir de um projeto formativo que unia catequese, humanidades e disciplina intelectual, inspirado na *Ratio Studiorum*, documento pedagógico que orientava a formação nos colégios jesuítas em todo o mundo (Saviani, 2013).

Segundo Freitas (2009), ao longo do período colonial, os colégios e seminários mantidos pela Igreja foram praticamente os únicos espaços sistemáticos de escolarização no Brasil, atendendo tanto à formação religiosa e sacerdotal quanto aos jovens da colônia. Mesmo após a expulsão dos jesuítas, em 1759, a presença da Igreja continuou presente por meio de outras ordens/congregações religiosas e da manutenção de seminários, que seguiram formando professores, alunos e lideranças das comunidades. Essa atuação se prolonga até os dias atuais, especialmente por meio de congregações religiosas que assumem missão educativa em regiões remotas e socialmente vulneráveis, onde frequentemente constituem a principal e, em muitos casos, a única presença institucional, articulando educação, cultura, cuidado com a saúde e acompanhamento religioso.

No período imperial, embora o Estado passasse, de forma ainda lenta e gradual, a assumir determinadas responsabilidades no campo educacional, a Igreja permaneceu como referência central na organização do ensino, especialmente no âmbito da educação básica (Freitas, 2009). Tal protagonismo manifestava-se tanto na manutenção de colégios confessionais, quanto na formação de professores e na orientação moral que permeia o currículo. Nesse contexto, a educação encontrava-se fortemente associada à construção de valores, à disciplina e à formação do caráter, evidenciando uma relação de

complementaridade e, em determinados momentos, de tensão entre as iniciativas estatais emergentes e a tradição pedagógica da Igreja.

Já no final do século XIX e ao longo do século XX, com a separação entre Igreja e Estado, a influência eclesial na educação brasileira não desaparece, mas se reinventa. Instituições confessionais católicas passaram a atuar de forma complementar ao sistema público, fundando colégios e, posteriormente, universidades que contribuíram de maneira decisiva para a consolidação do ensino superior no país (Freitas, 2009). Muitas dessas instituições mantiveram o compromisso com uma educação integral, articulando ciência, ética, espiritualidade e compromisso social.

Dessa forma, assim como na Europa medieval, a história da educação no Brasil demonstra que a Igreja não foi apenas um mero agente religioso, mas também verdadeira protagonista educacional (Freitas, 2009). Sua atuação deixa marcas profundas na organização escolar, nos métodos pedagógicos e na compreensão de educação como formação da pessoa humana, influência que permanece viva em diversas instituições educacionais brasileiras até os dias atuais.

A educação católica nos dias de hoje

A educação católica hoje transmite, antes de tudo, uma visão integral da pessoa humana, reconhecendo o aluno como sujeito ativo do processo educativo, que aprende, traz conhecimentos prévios e constrói sentido a partir de suas experiências. Diferentemente de uma educação reduzida ao aspecto instrumental ou orientada apenas por resultados, ela parte da convicção de que educar é formar para a vida, para o discernimento, para a responsabilidade e para o compromisso, valorizando o conhecimento científico, tecnológico e acadêmico em diálogo permanente com questões mais profundas sobre o sentido da existência, da convivência e do cuidado com o outro e com o mundo.

Inspirada na Declaração *Gravissimum Educationis*, a educação católica mantém viva a herança do diálogo entre fé e razão, entendendo que a racionalidade humana não se enfraquece ao se abrir à espiritualidade, mas se amplia. Assim, ela transmite a capacidade de pensar criticamente, de argumentar, de questionar e de buscar a verdade, sem reduzir o ser humano a dados, métricas ou desempenho. A formação intelectual caminha junto com a educação da consciência, da liberdade e da responsabilidade ética, ajudando o aluno a fazer escolhas conscientes.

A educação católica hoje transmite uma forte consciência de identidade e propósito, em um mundo marcado pela fragmentação, pela aceleração e pela lógica do consumo, ela propõe um tempo educativo que favorece a interioridade, o silêncio reflexivo, o autoconhecimento e o sentido de pertencimento (Educar hoje e amanhã: uma paixão que se renova, 2022). Não se trata de impor crenças, mas de oferecer referências, linguagem simbólica e horizontes de sentido que ajudem o aluno a compreender quem é, de onde vem e para onde deseja caminhar, a partir de sua identidade institucional.

Portanto, a educação católica transmite a convicção de que inovação e identidade dialogam de modo fecundo com as tecnologias, as novas metodologias e os desafios do mundo contemporâneo, ancorando-se em uma tradição pedagógica construída ao longo dos séculos e comprometendo-se com métodos ativos de aprendizagem.

Os carismas das congregações religiosas

A riqueza de se ter um carisma específico nos colégios está, antes de tudo, no fato de que ele oferece uma identidade viva e concreta no cotidiano educativo. O carisma é uma marca histórica ligada à congregação fundadora, um modo particular de compreender a pessoa humana, o conhecimento, a relação educativa e a missão da escola/universidade no mundo. Ele funciona como uma espécie de “alma pedagógica” que dá coerência às escolhas institucionais, às práticas educativas e à forma como a comunidade escolar/acadêmica se organiza e se relaciona.

Em um tempo marcado pela multiplicidade de modelos educacionais, pela aceleração das mudanças e pela forte pressão por resultados e indicadores, o carisma permite que a escola/ universidade se reconheça como parte de uma tradição educativa, valores e horizontes próprios. Isso se expressa na maneira de educar, de cuidar, de avaliar, de incluir e de acompanhar os alunos. O carisma ajuda a responder às perguntas “o que ensinamos?”, e sobretudo “para que educamos?” e “que tipo de pessoa desejamos formar?”. Assim, ele orienta a missão pedagógica para além do currículo formal, alcançando as dimensões ética, social, espiritual e comunitária da formação.

Outra grande riqueza do carisma é sua capacidade de *humanizar a educação*. Cada carisma nasce de uma resposta concreta a uma necessidade histórica: educar os mais pobres, formar lideranças, cuidar dos vulneráveis, promover justiça, evangelizar por meio do ensino, fortalecer a vida comunitária. Quando esse carisma se faz presente concretamente, ele mantém viva a sensibilidade para as dores, os desafios e as urgências

do tempo atual. Isso impede que a escola/universidade se torne excessivamente técnica, lembrando constantemente que educar é um ato profundamente humano e relacional.

O carisma também fortalece o sentido de pertencimento da comunidade educativa, formada por educadores, gestores, alunos e famílias, que participam de uma instituição de ensino integrada a um projeto educativo marcado por identidade, história e valores compartilhados.

Assim, ter um carisma específico é uma grande riqueza, porque ele permite inovar sem perder a identidade, ou seja, o carisma oferece critérios para discernir quais inovações fazem sentido e quais descaracterizam a missão educativa. Ele funciona como raiz que sustenta o crescimento: quanto mais profunda a identidade, maior a liberdade para dialogar com o novo. Assim, os colégios carismáticos conseguem responder aos desafios atuais, tecnológicos, culturais e sociais, mantendo fidelidade à sua vocação educativa e contribuindo de forma singular para a pluralidade e a riqueza da educação católica hoje.

O papel dos educadores

O educador deixa de ser apenas transmissor de conteúdos ou executor de métodos e passa a atuar como alguém que exerce o carisma da instituição no cotidiano pedagógico, traduzindo seus valores, sua espiritualidade e sua visão de pessoa humana em práticas concretas de ensino e aprendizagem. Nesse horizonte, ensinar é aplicar uma metodologia, é assumir uma postura coerente com a identidade da instituição e com a missão formativa que ela assume. Na prática, espera-se que o educador:

- * Escute com atenção e empatia, valorizando a palavra do aluno;
- * Reconheça as singularidades, ritmos e contextos de vida;
- * Exerça a sua liderança com clareza, coerência e justiça;
- * Estimule o protagonismo, a autonomia e a responsabilidade.

Nesta perspectiva, à luz do carisma, o educador é chamado a ser testemunha: isso significa que sua presença, sua escuta, sua forma de se relacionar com os alunos e com a comunidade comunicam tanto quanto os conteúdos trabalhados em sala de aula. O carisma orienta o olhar do educador para o cuidado, a inclusão, a atenção às singularidades e à dignidade de cada aluno. Ele oferece critérios éticos e pedagógicos para as decisões cotidianas, ajudando o educador a compreender que toda escolha metodológica também é uma escolha formativa e humana.

No campo pedagógico, especialmente com o uso das metodologias ativas, o educador assume o papel de facilitador e provocador da aprendizagem. Metodologias como aprendizagem baseada em projetos, resolução de problemas, sala de aula invertida e aprendizagem colaborativa colocam o *aluno no centro do processo*, sem retirar do educador sua liderança, mas como mediador do conhecimento. O educador cria situações de aprendizagem significativas, estimula a autonomia, promove o pensamento crítico e ajuda o aluno a conectar o conhecimento com a realidade, com a vida e com os desafios do mundo.

Assim, o educador em uma instituição de identidade carismática é chamado a um exercício permanente de discernimento pedagógico e formativo. Ele precisa atualizar suas práticas, dialogar com as novas linguagens e tecnologias e, ao mesmo tempo, permanecer fiel à missão educativa da instituição.

Outra dimensão relevante do cotidiano, diz respeito aos conflitos, que fazem parte da convivência humana e do ambiente escolar/acadêmico. Em uma instituição católica, eles são compreendidos como oportunidades educativas, e não apenas como problemas a serem punidos ou eliminados. O educador é chamado a atuar como mediador, ajudando os envolvidos a compreender as causas do conflito, a assumir responsabilidades e a reconstruir vínculos.

Na prática, isso significa adotar uma postura educativa marcada pela serenidade e pelo discernimento, evitando atitudes impulsivas, punitivas ou humilhantes que fragilizam vínculos e não contribuem para a formação do aluno. O educador prioriza o diálogo, a escuta atenta e a mediação como caminhos para a compreensão das situações vividas, ajudando o aluno a refletir sobre suas escolhas, assumir responsabilidades e compreender as consequências de seus atos. Esse processo formativo tem como horizonte a reconciliação e a restauração das relações, fortalecendo o senso de justiça, respeito e corresponsabilidade no ambiente escolar/acadêmico.

Pacto educativo global

O Pacto Educativo Global é uma iniciativa lançada pelo Papa Francisco, a partir de 12 de setembro de 2019, com o objetivo de renovar o compromisso com a educação em todo o mundo, nas escolas, nas universidades, nas famílias, nas comunidades, nas instituições e no agir dos governos e da sociedade civil. Ele propõe unir esforços numa ampla aliança educativa para:

1. Refletir sobre a forma como estamos construindo o futuro do planeta;
2. Investir nos talentos de todas as pessoas;
3. Promover uma educação que seja aberta, inclusiva, solidária e humana;
4. Formar pessoas maduras capazes de superar divisões, dialogar com paciência e agir com compreensão mútua;
5. Reconstruir o tecido das relações para uma humanidade mais fraterna.

O Pacto Educativo Global (2019) é um chamado à ação que convoca toda a comunidade educativa à corresponsabilidade, estruturado em **07 compromissos** que orientam a construção de uma educação humanizadora e solidária, capaz de formar pessoas, fortalecer vínculos e transformar a sociedade a partir do cuidado com o outro e com a casa comum, são eles:

1. Colocar a pessoa no centro - colocar a pessoa no centro de cada processo educativo, realçar a sua especificidade e a sua capacidade de estar relacionado com os outros, contra a cultura do descartável;
2. Escutar as novas gerações - escutar a voz das crianças, dos adolescentes e jovens para juntos construir um futuro de justiça e de paz, uma vida digna para cada pessoa;
3. Promover a participação das mulheres - favorecer a participação plena das meninas e das jovens na educação;
4. Responsabilizar a família - ver na família o primeiro e indispensável sujeito educador;
5. Abrir-se à acolhida - educar e educar-nos à acolhida, abrindo-nos aos mais vulneráveis e marginalizados;
6. Renovar a economia e a política - estudar novas formas de compreender a economia, a política, o crescimento e o progresso, ao serviço do homem e de toda a família humana na perspectiva de uma ecologia integral;
7. Cuidar da Casa Comum - cuidar e cultivar a nossa casa comum, protegendo os seus recursos, adotando estilos de vida mais sóbrios e visando energias renováveis e respeitadas do meio ambiente (Pacto Educativo Global, 2019, p.09).

O Papa Leão XIV em sua carta apostólica “*Traçando novos mapas de esperança*”, de 27 de outubro de 2025, acrescenta mais três compromissos que ampliam e aprofundam aquilo que já estava nos 07 compromissos do Pacto Educativo Global, são eles:

O primeiro diz respeito à vida interior: os jovens exigem profundidade; precisam de espaços de silêncio, discernimento e diálogo com a sua consciência e com Deus.

O segundo diz respeito à digitalização humana: educamos para o uso sábio da tecnologia e da IA colocando a pessoa acima do algoritmo e harmonizando as inteligências técnica, emocional, social, espiritual e ecológica.

O terceiro diz respeito ao desarmamento e à construção da paz: educamos em linguagens não violentas, na reconciliação, na construção de pontes, não de muros; “Bem-aventurados os pacificadores” (Mt 5,9) torna-se o método e o conteúdo da aprendizagem (Traçando novos mapas de esperança, 2025, sn).

Traçando novos mapas de esperança

Situando-se diante de um cenário marcado por rápidas transformações culturais, sociais, tecnológicas e novas formas de vulnerabilidade, o Papa Leão XIV propõe em sua carta apostólica a metáfora dos “novos mapas de esperança” como chave interpretativa da ação educativa. Essa imagem remete à necessidade de orientação, discernimento e coragem para navegar em tempos de incerteza, reconhecendo que a tradição educativa da Igreja é uma estrutura dinâmica, uma bússola viva capaz de inspirar respostas criativas aos desafios do presente sem perder a fidelidade ao Evangelho.

Ao desenvolver uma leitura histórica da educação católica, a carta apostólica retrata que a ação educativa da Igreja sempre foi expressão concreta do Espírito em ação, desde os padres da Igreja, passando pelo surgimento das universidades e pelos carismas das ordens religiosas, até as múltiplas experiências educativas atuais. Assim, a pedagogia cristã aparece como prática profundamente vinculada à justiça social, à evangelização dos pobres e à formação da pessoa humana. Essa tradição viva mostra que educar, na perspectiva cristã, é sempre um ato de esperança e uma resposta criativa às necessidades de cada tempo.

O Papa Leão XIV afirma que ninguém educa sozinho e que a comunidade educativa constitui um verdadeiro “nós”, no qual professores, alunos, famílias, gestores e sociedade civil compartilham responsabilidades. Essa visão rompe com perspectivas individualistas ou meramente funcionais da educação e reafirma o valor das relações, da escuta e da corresponsabilidade. Nesse horizonte, a escola e a universidade católicas são chamadas a ser espaços nos quais fé e razão, conhecimento e vida, ciência e humanismo dialogam de forma integrada, favorecendo processos formativos que respeitam a complexidade da pessoa.

Importantes fragmentos da Carta Apostólica - Traçando novos mapas de esperança

8.1 Falo de uma “constelação” porque o mundo da educação católica é uma rede viva e diversa: escolas e faculdades paroquiais, universidades e instituições de ensino superior, centros de formação profissional, movimentos, plataformas digitais, iniciativas de aprendizagem-serviço e programas pastorais em escolas, universidades e centros culturais. Cada “estrela” brilha com seu próprio fulgor, mas juntas traçam um rumo. Onde antes havia rivalidade, hoje pedimos às instituições que converjam: a unidade é a nossa força mais profética.

8.2 As diferenças metodológicas e estruturais não são empecilhos, mas sim recursos. A pluralidade de carismas, se bem coordenada, cria um quadro coerente e frutífero. Num mundo interconectado, o jogo se desenrola em duas frentes: a local e a global. Intercâmbios de professores e alunos, projetos conjuntos entre continentes, reconhecimento mútuo de boas práticas e cooperação missionária e acadêmica são essenciais. O futuro nos impele a aprender a colaborar mais, a crescer juntos.

8.3 As constelações refletem sua própria luz em um universo infinito. Como um caleidoscópio, suas cores se entrelaçam, criando novas variações cromáticas. O mesmo ocorre no âmbito das instituições educacionais católicas, que se abrem ao encontro e à escuta da sociedade civil, das autoridades políticas e administrativas, bem como dos representantes dos setores produtivos e dos diversos grupos profissionais. Estes são convidados a colaborar ainda mais ativamente com essas instituições, a fim de compartilhar e aprimorar os percursos educacionais, para que a teoria se fundamenta na experiência e na prática. A história também nos ensina que nossas instituições acolhem alunos e famílias que não são crentes ou que pertencem a outras religiões, mas que desejam uma educação verdadeiramente humana. Por essa razão, como já acontece na

realidade, devemos continuar a promover comunidades educativas participativas, nas quais leigos, religiosos, famílias e alunos compartilham a responsabilidade pela missão educativa juntamente com as instituições públicas e privadas (Traçando novos mapas de esperança, 2025, sn).

Considerações finais

Ingressar em uma instituição de ensino católica implica reconhecer que o ato de educar ultrapassa uma compreensão restrita de ensino centrada exclusivamente na transmissão de conteúdos e se orienta para a formação integral da pessoa humana. Nesse contexto, a prática docente é permeada por uma concepção ampliada de educação, que considera o educando em suas múltiplas dimensões — intelectual, ética, social, cultural e espiritual —, articulando saberes, valores e sentido formativo.

Ao reconhecer essa perspectiva, o professor percebe que a identidade da escola ou universidade católica é simultaneamente confessional — por estar explicitamente vinculada a uma tradição religiosa específica —, pedagógica e antropológica. Trata-se de um projeto educativo que nasce do diálogo e que se expressa, de modo contínuo, na forma como a instituição organiza seu currículo, estrutura suas relações educativas e orienta sua proposta pedagógica.

Nesse horizonte, evidencia-se que o carisma institucional constitui a alma pedagógica da escola ou universidade, na medida em que traduz, de forma concreta, a visão de pessoa humana, de sociedade e de mundo que a instituição se propõe a promover. Trata-se de um princípio vivo e dinâmico, capaz de orientar atitudes, decisões pedagógicas e relações educativas. À medida que o educador se apropria desse carisma, sua atuação passa a revelar maior coerência entre discurso e prática, fortalecendo, simultaneamente, o sentido de pertencimento e identidade institucional.

Nesse contexto, a escola ou universidade católica se distingue por compreender que educar é oferecer horizontes de sentido em um mundo fragmentado, em que a educação torna-se espaço de interioridade, autoconhecimento e reflexão, ajudando os alunos a responderem perguntas fundamentais sobre quem são, de onde vêm e para onde desejam caminhar. O professor, assim, torna-se mediador de sentido e esperança.

Essa missão educativa não é individual, pois ninguém educa sozinho como retrata o Papa Leão XIV. A prática docente se insere em uma comunidade educativa mais ampla, na qual professores, famílias, gestores e alunos, compartilham responsabilidades. Essa

corresponsabilidade fortalece vínculos, qualifica as práticas e amplia o impacto formativo da escola/universidade na sociedade.

À luz do Pacto Educativo Global, o professor reconhece que educar constitui também um compromisso social e transformador. A docência é compreendida como ação ética, no sentido mais pleno do termo, voltada à formação de pessoas capazes de dialogar, cuidar da Casa Comum e promover a justiça, a paz e a inclusão. Nessa perspectiva, os pequenos gestos do cotidiano educativo assumem significado ampliado, tornando-se sementes de transformação social.

Por essa razão, a educação católica configura-se como uma pedagogia da esperança, que acredita no potencial humano e na possibilidade de construir futuros mais justos e solidários. Em contextos marcados por incerteza e desalento, a escola ou universidade católica, assim como o educador que nela atua, afirmam-se como sinais de esperança, testemunhando a confiança no ser humano e na força transformadora da educação.

Estudos

1. De que modo minha prática pedagógica favorece a formação integral dos estudantes, considerando suas dimensões intelectual, humana, ética, social e espiritual? Quais aspectos dessa prática ainda demandam maior amadurecimento pessoal e profissional?
2. Como o carisma da instituição em que atuo pode tornar-se mais visível e concreto em minhas atitudes, nas relações educativas que estabeleço, nas escolhas pedagógicas que realizo e na forma como acompanho e cuido dos estudantes?
3. Diante das metodologias ativas, do uso das tecnologias e das novas demandas do cenário educacional contemporâneo, de que maneira posso inovar pedagogicamente sem perder de vista a identidade, os valores e a missão próprios da educação católica?
4. Entre os compromissos propostos pelo Pacto Educativo Global, qual interpela com maior intensidade minha consciência hoje como educador(a)? Que atitudes e gestos concretos sou chamado(a) a assumir na minha prática profissional à luz desse compromisso?

Referências bibliográficas

AZZI, Riolando. **A Igreja Católica na formação da sociedade brasileira**. São Paulo: Paulus, 2008.

CAMBI, Franco. **História da pedagogia**. Tradução de Álvaro Lorencini. São Paulo: UNESP, 1999.

BENTO XVI, PAPA: **Documento de Aparecida: texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe**. 2007. Disponível em: <https://celam.org/wp-content/uploads/2021/07/5-conferencia-general-aparecida.pdf> acessado em 09/12/2025.

CONGREGAÇÃO PARA A EDUCAÇÃO CATÓLICA. **Educar hoje e amanhã: uma paixão que se renova**. Vaticano, 2014. Disponível em: https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/ccatheduc/documents/rc_con_ccatheduc_doc_20140407_educare-oggi-e-domani_po.html acessado em 11/12/2025.

CONGREGAÇÃO PARA A EDUCAÇÃO CATÓLICA. **A identidade da escola católica para uma cultura do diálogo**. Vaticano, 2022. Disponível em: https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/ccatheduc/documents/rc_con_ccatheduc_doc_20220125_istruzione-identita-scuola-cattolica_po.html acessado em 03/01/2026.

FRANCISCO, Papa. **Discurso aos educadores e formadores**. Vaticano, 2014. In: VATICANO. Discursos e mensagens do Papa Francisco. Cidade do Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2014.

FRANCISCO, Papa. **Evangelii Gaudium**. Exortação Apostólica. Vaticano, 2013. Disponível em: https://www.vatican.va/content/dam/francesco/pdf/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20131124_evangelii-gaudium_po.pdf acessado em 05/12/2025

FREITAS, Marcos Cezar de. **Educação brasileira: organização e história**. São Paulo: Cortez, 2009.

GILSON, Étienne. **O espírito da filosofia medieval**. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

LEÃO XIV, Papa. **Carta Apostólica: Traçando novos mapas de esperança**. 2025. Disponível em: https://www.vatican.va/content/leo-xiv/it/apost_letters/documents/20251027-disegnare-nuove-mappe.html acessado em 01/12/2025.

Paulo VI, Papa. **Constituição Gravissimum Educationis**. Concílio Vaticano II, 1965. Disponível em: https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_decl_19651028_gravissimum-educationis_po.html acessado em 01/12/2025.

SAVIANI, Dermeval. **História das ideias pedagógicas no Brasil**. 4. ed. Campinas: Autores Associados, 2013.



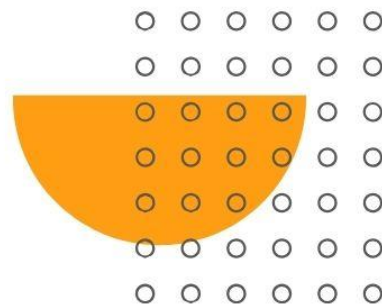
2



PASTORAL JUVENIL MARCELINA :

25 ANOS DE HISTÓRIA E EVANGELIZAÇÃO

Ir. Lucinalva de Jesus Souza



PASTORAL JUVENIL MARCELINA: 25 ANOS DE HISTÓRIA E EVANGELIZAÇÃO

Ir. Lucinalva de Jesus Souza

Em tempos de tantos desafios, a Pastoral Juvenil Marcelina se reafirma como importante ferramenta de evangelização, escuta e presença. Em meio a um mundo acelerado, no qual os jovens são constantemente convocados a produzir, corresponder e atender às expectativas, a pastoral surge como um espaço de pausa, encontro e sentido. Ali, o jovem é convidado a descobrir que existe um tempo para Deus, tempo esse que dá significado a todos os outros tempos.

Atualmente, vivemos em um cenário em que a juventude se vê dividida entre múltiplas demandas, como estudos, responsabilidades, redes sociais e o desejo de pertencimento. É comum observar adolescentes e jovens, sobretudo os do ensino médio, sentirem-se sobrecarregados e, ao mesmo tempo, seduzidos por um mundo de distrações. Muitos buscam aprovação em grupos, evitam expor sua fé e acabam sendo conduzidos por influências que pouco contribuem para o seu crescimento humano e espiritual.

Nesse sentido, um dos maiores desafios é lidar com o alto volume de estímulos e informações que os jovens recebem. Mesmo diante de conselhos, muitos precisam viver suas próprias experiências, e, por vezes, errar para aprender. Questões como o consumo de álcool e a busca incessante por aceitação estão entre os obstáculos enfrentados cotidianamente pelos jovens. O mundo oferece muito, mas nem sempre o que ele oferece traz sentido. É preciso parar e descobrir que há outras maneiras de dar significado à vida.

Sinais dos tempos

Estar atento aos sinais dos tempos é parte essencial do carisma Marcelino. Evangelizar hoje exige compreender o mundo em que o jovem está inserido, o que implica dialogar com a cultura contemporânea, com suas músicas, séries, linguagens e códigos. Não se trata de diluir a identidade cristã, mas de compreender que, para evangelizar, é preciso primeiro escutar com atenção e empatia. Uma simples conversa sobre algo que o jovem tenha assistido ou ouvido pode se transformar em um momento de fé, porque o diálogo nasce do reconhecimento do outro, da sua realidade e individualidade.

Nesse sentido, a pastoral escolar assume o papel de escuta, acolhimento e orientação. Muitos jovens se aproximam carregando dores, dúvidas e segredos guardados por medo do julgamento. Nesses momentos, a presença pastoral se torna refúgio e ponto de apoio, por meio da qual são acolhidos e convidados a enxergar que há um caminho de luz, mesmo em meio à confusão. A pastoral é, portanto, um espaço sagrado em que o jovem pode ser autêntico e se reencontrar com Deus e consigo mesmo.

Espaço formativo e de convivência espiritual

A sala de pastoral é o verdadeiro coração dessa vivência. É ali que acontecem as partilhas, as orações, as reflexões, as risadas e os encontros que fortalecem a fé e a convivência. A pastoral se constrói no cotidiano, nos gestos simples, nas conversas, nas orações antes das aulas, nos pequenos momentos em que a presença de Deus se manifesta no ordinário. Também é ali que o espírito de família, tão característico do carisma Marcelino, torna-se visível.

As famílias participam ativamente dessa caminhada, seja nas missas, nos encontros de espiritualidade, nos terços e nos projetos, como “Famílias que Oram”. Assim, a pastoral ultrapassa o espaço juvenil e envolve toda a comunidade escolar, fortalecendo os laços entre escola, família e fé.

O DNA Marcelino

O carisma Marcelino está no centro de tudo o que a pastoral realiza. Inspirado pelo Beato Luigi Biraghi, o Instituto das Irmãs Marcelinas tem como missão educar segundo o Evangelho, promovendo a fé, a espiritualidade e os valores humanos em todos os âmbitos da vida escolar. Essa vivência cotidiana dá sentido à pastoral, por meio de momentos de oração com professores antes das aulas, reflexões sobre o Evangelho, formações semanais e ações que envolvem estudantes e colaboradores em torno da mesma espiritualidade.

Cada colégio, dentro da Rede, desenvolve atividades próprias de evangelização, como visitas a asilos, campanhas solidárias e projetos sociais, sempre tendo o testemunho como principal forma de anúncio. Assim, os jovens aprendem que ser pastoral vai além da participação em encontros: é viver diariamente os valores do Evangelho.

A coerência é o que dá autenticidade à missão. Muitos dos frutos da pastoral vêm justamente dessa vivência sincera: jovens que cresceram na fé e que hoje, adultos, transmitem aos filhos aquilo que aprenderam. Para eles, o colégio não é apenas uma escola católica com

um grupo pastoral, é uma escola em pastoral, onde o espírito do cuidado e da missão perpassa todos os ambientes e relações.

Estar em pastoral é viver o que o próprio Cristo viveu: acolher, cuidar e servir. Evangelizar é reconhecer Cristo no outro, e esse olhar vai além dos muros da escola. Os jovens são incentivados a expandir sua missão pelo mundo, levando o testemunho de fé e de serviço para além da comunidade escolar.

25 anos de História

Desde 1912, quando o Instituto das Irmãs Marcelinas fundou seu primeiro colégio no Brasil, a Rede Santa Marcelina tem oferecido uma educação conectada aos sinais dos tempos, priorizando a formação integral do estudante, alicerçada em valores cristãos e no compromisso com a transformação social.

Com inspiração cristocêntrica e mariana, a Rede afirma sua confiança na verdade e no respeito mútuo, tendo como missão transformar a sociedade à luz do Evangelho e utilizar a ciência como instrumento de formação humana em sua totalidade.

Como colégio católico e espaço de evangelização, cada unidade se empenha em promover os ensinamentos cristãos em todas as suas atividades, valorizando o acolhimento, o cuidado, a alegria no serviço, a convivência fraterna e a cooperação, princípios essenciais do Evangelho.

Entre as inúmeras iniciativas realizadas pelas Pastorais do Santa Marcelina em todo o Brasil, destacam-se:

1. **Semana de Espiritualidade:** uma semana inteira dedicada a atividades solidárias e reflexões que fortalecem a fé e o espírito de serviço.
2. **Ações sociais com adolescentes e jovens:** campanhas e visitas a creches e asilos, levando carinho e apoio a crianças e idosos.
3. **Formação com os colaboradores:** encontros mensais com as Irmãs Marcelinas ou sacerdotes convidados, promovendo espiritualidade e integração.
4. **Missas com as famílias:** celebrações mensais que reúnem pais, estudantes e catequizandos em comunhão.
5. **Encontro Nacional de Jovens Marcelinos:** evento anual que integra estudantes das diversas unidades em momentos de reflexão, cultura e amizade.

6. **Terço com os jovens:** orações coletivas nos intervalos das aulas, conduzidas pelos próprios estudantes, com o acompanhamento de uma Irmã.
7. **Catequese:** percurso de iniciação cristã que vai além dos ritos, promovendo um encontro pessoal com Cristo.
8. **Partilha do Evangelho nas redes sociais:** vídeos semanais com reflexões dominicais, conduzidos por Irmãs e colaboradores.
9. **Cabide Solidário:** campanhas de arrecadação e entrega de roupas a comunidades em vulnerabilidade social.
10. **Encontros de espiritualidade para jovens:** momentos de oração, música e partilha abertos aos jovens da escola e da paróquia.
11. **Missão Juvenil Marcelina:** realizada a cada dois anos, leva os jovens a comunidades periféricas e obras sociais, despertando a solidariedade e o amor fraterno.

O Beato Luigi Biraghi incentivava as Irmãs a nunca se cansarem de evangelizar, pois vale a pena dedicar-se a essa missão. Orientava também que quando o cansaço chegar, que possamos pedir ao Senhor para caminhar conosco, porque evangelizar é servir com alegria, é semear mesmo sem ver os frutos, confiando que Deus os fará florescer. Que nunca percamos essa paixão por ensinar, por amar e por levar Cristo aos corações, com simplicidade e ternura. É isso que faz da nossa pastoral um espaço de encontro e de esperança.

Histórias de vida

Entre tantas histórias vividas ao longo desses 25 anos, algumas se tornaram testemunhos de fé e amizade. Há um casal, por exemplo, que se conheceu em 2007, durante o Encontro de Jovens Marcelinos, e o que começou como amizade terminou, muitos anos depois, em casamento. A esposa costuma dizer que foi na pastoral que encontrou não apenas o amor de sua vida, mas também amizades verdadeiras e a força para superar a perda do pai. É uma história que simboliza o poder transformador da pastoral, um espaço de evangelização e humanização, onde laços e vidas são tocados pela graça.

Outro exemplo marcante são as missões juvenis, experiências que possibilitam aos estudantes o contato direto com realidades diferentes. Durante anos, grupos da pastoral visitaram comunidades na Bahia, convivendo com famílias em condições simples e, muitas vezes, em situação de vulnerabilidade. Esse encontro com o outro despertou mudanças

profundas nos jovens, alguns dos quais, inclusive, que antes supervalorizavam bens materiais, voltaram transformados, mais conscientes e solidários.

Em uma missão realizada em São Paulo, o grupo se deparou com uma realidade de extrema pobreza, que o marcou pela sensação de impotência diante do sofrimento alheio. Nessas experiências concretas é que a Pastoral Juvenil Marcelina mais se reconhece.

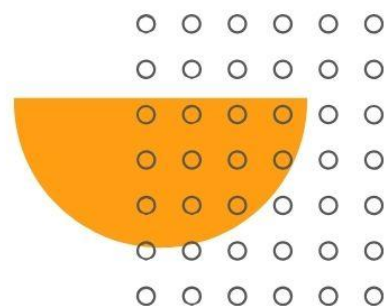


3

JUVENTUDE CRISTO REI :

A PASTORAL ESCOLAR EM UMA NOVA PERSPECTIVA DE PROXIMIDADE E DE AÇÃO

Ir. Elton Lopes, Jaqueline Santana Alves, Natália Santos Moraes



JUVENTUDE CRISTO REI: A PASTORAL ESCOLAR EM UMA NOVA PERSPECTIVA DE PROXIMIDADE E DE AÇÃO

*Ir. Elton Lopes
Jaqueline Santana Alves
Natália Santos Moraes*

A Igreja Católica, em sua longa trajetória, tem reconhecido, por meio de documentos do Magistério e, principalmente, pelas iniciativas das instituições de ensino, que surgiram a partir das Ordens e Congregações Religiosas, o lugar primordial da educação para se respeitar a dignidade humana e para o cuidado com a nossa “casa comum”, nosso ambiente planetário. Nesse contexto, o Papa Francisco convocou, em 2019, todas as pessoas a realizarem um Pacto Global pela Educação, uma vez que para ele, a educação é o antídoto para a superação de todas as crises que vivemos na sociedade pós-moderna.

O Instituto dos Irmãos do Sagrado Coração, mantenedor do Colégio Cristo Rei, localizado em Marília/SP, insere-se no contexto das instituições católicas que têm como missão a educação. A sua fundação ocorreu em 1821, na cidade francesa de Lyon, por iniciativa de um jovem sacerdote, o Pe. André Coindre (1787-1826), sensibilizado pela realidade do período pós Revolução Francesa, ocasião em que muitas crianças ficaram órfãs e abandonadas pelas ruas da cidade, sem perspectiva de futuro. Desde os primórdios do Instituto, o fundador delineou a identidade de Irmãos voltada à educação e à evangelização de crianças, adolescentes e jovens, sobretudo os mais excluídos.

Nessa perspectiva, a instituição se ampliou e chegou à América do Norte, inicialmente aos Estados Unidos e depois ao Canadá. A partir do Canadá, os Irmãos abriram diversas frentes de missão pelo mundo, entre as quais se destaca a chegada ao Brasil, em 1945. Já em 1958, fundaram, na cidade de Marília (SP), o Colégio Cristo Rei.

Hoje, com 67 anos de história, o colégio Cristo Rei procura integrar tradição e inovação, sempre respeitando seus valores essenciais e sua identidade cristã católica. Dessa forma, unimo-nos ao Pacto Educativo Global proposto pelo Papa Francisco e reafirmamos nossa paixão e nosso compromisso com uma educação mais aberta e inclusiva capaz de responder às demandas do século XXI e integrar todos os componentes da pessoa humana: “entre o estudo e a vida; entre as gerações; entre os professores, os alunos, as famílias e a sociedade civil, com as suas expressões intelectuais, científicas, artísticas, esportivas, políticas, empresariais e

solidárias. Uma aliança entre os habitantes da terra e a ‘casa comum’, à qual devemos cuidado e respeito. Uma aliança geradora de paz, justiça e aceitação entre todos os povos da família humana, bem como de diálogo entre as religiões” (*Vademecum*, p.5).

Para atingirmos tais objetivos, fortalecemos a identidade do Colégio Cristo Rei como Escola dos Irmãos do Sagrado Coração. Nesse sentido, o principal aspecto é a vivência do carisma do Instituto, que, no cotidiano da vida escolar, se concretiza na acolhida a todos os alunos, sobretudo aqueles que enfrentam algum tipo de dificuldade. O carisma também se manifesta por meio do respeito mútuo. Pela etimologia, compreendemos que respeito significa: “*re*” (de novo) e “*spectore*” (olhar). Trata-se da capacidade de as pessoas serem vistas e aceitas tal como de fato são ou como podem vir a ser e não como gostaríamos que fossem, pois, é necessário esclarecer, respeitar as limitações das pessoas não é o mesmo que se conformar com elas. Outra atitude que encarna o carisma em nossa rotina escolar, no Colégio Cristo Rei, é a capacidade de ter empatia, ou seja, “*em*” (dentro) e “*pathos*” (sofrimento) - necessidade de se colocar no papel do outro, isto é, prestar atenção de verdade ao outro e em suas manifestações para sentir o seu sofrimento. Encontramo-nos todos os dias com os nossos alunos e é necessário reconhecer as suas dores e celebrar as suas alegrias. Ampliar o nosso olhar e ter uma visão “binocular” também nos ajuda na vivência do carisma, já que envolve a capacidade de abrirmos novos ângulos de observação de um mesmo fato, de criar um olhar de confiança e esperança, para ampliar as possibilidades de pensar as diferentes realidades que os alunos vivenciam nas relações com as pessoas.

Da mesma forma, se faz necessário o cultivo e o amor à verdade. Isso não significa ter a posse da verdade absoluta, mas sim que sejamos verdadeiros conosco mesmos; ou seja, que, como uma condição *sine qua non*, tenhamos uma atitude de querer conhecer e enfrentar os diferentes pontos de vista. Nossas ações devem estar pautadas na ética, no *ethos*, que para os gregos significava fundamentalmente a morada humana. Não em sua materialidade, mas na forma como a organizamos e cuidamos dela, de tal modo que se transforma em nosso *habitat*. Trata-se do lugar onde “nos sentimos em casa”, protegidos e vivendo em harmonia com todos os que nele habitam, com os vizinhos e com a natureza circundante. Assim, envolve uma postura de cuidado contínuo. E, por fim, como o processo educativo se centra no humano, é preciso ter muita paciência para viver cada dia como uma possibilidade de desenvolvimento e construção de conhecimento. “*Pathos*”, como vimos, significa sofrimento. Ter paciência é, portanto, suportar a dor da espera, enquanto não surge uma luz no final do túnel. Não se trata de uma atitude passiva ou de resignação, mas de um processo ativo de tolerância, vivido

por cada pessoa que compõe a comunidade educativa e participa do processo de ensino e aprendizagem.



Destarte, trata-se de uma contínua busca de integração entre a excelência e a educação humanizada, da vivência da autoridade com espaço para o acolhimento e da competência de ensinar de uma forma dialógica. Como uma escola dos Irmãos, o Colégio Cristo Rei busca continuamente melhorar, respeitando cada membro da comunidade escolar em sua dignidade humana, suas fragilidades e suas potencialidades. Em nosso espaço escolar, o professor tem autoridade e sua relação com o aluno é “assimétrica”, não no sentido autoritário, mas como aquele que propõe e media os processos com conhecimento, competência e habilidades para o fazer pedagógico. Tudo isso parte de um olhar atento para cada aluno, acolhendo-o em suas necessidades e buscando escutar as novas gerações com vistas a uma educação que cuide e gere vida.

Juventude Cristo Rei: espaço de formação humana

A Juventude Cristo Rei (JCR) é um espaço que acolhe adolescentes e jovens visando ao fortalecimento de vínculos, à convivência, à cidadania e ao voluntariado no Colégio Cristo Rei.

Há quase 15 anos, a Juventude Cristo Rei é um espaço de acolhimento, de formação e de estreitamento de vínculos. O princípio da Juventude Cristo Rei consiste em reconhecer os

estudantes como agentes de suas próprias histórias e, ao passarem por esse espaço, em fazê-los parte de uma construção coletiva, fortalecendo seus projetos de vida, seus sonhos individuais e coletivos. Um caminho feito a várias mãos e corações, um espaço repleto de sentido e significado, de vivência da espiritualidade, que ajudou, e continua ajudando, muitos jovens na construção de seus sonhos.

A Juventude Cristo Rei nasceu como possibilidade de vivenciar o carisma do Instituto dos Irmãos do Sagrado Coração junto aos jovens do Colégio. O acolhimento e a manifestação do amor e da fraternidade são pilares fundamentais em todas as ações desenvolvidas pela JCR, uma das diversas formas pelas quais o Colégio Cristo Rei coloca em prática os ensinamentos do Sagrado Coração de Jesus, do Pe. André Coindre, fundador do Instituto, e do Venerável Ir. Policarpo.

Além disso, o Colégio preza por uma educação integral, que considera todas as dimensões da formação humana. Dessa forma, por meio da JCR, conseguimos oferecer ferramentas para o fortalecimento do autoconhecimento e da integração que correspondem à relação do jovem tem consigo mesmo e com os outros, favorecendo as dimensões **da personalização** e da vida **comunitária**. Além disso, a consciência social que corresponde à relação do jovem com a sociedade, **favorecendo a dimensão sócio-política**.

Tudo isso é colocado em prática por meio das ações, das campanhas e dos projetos que mobilizam toda a comunidade educativa:

Ações de cidadania como a Campanha Páscoa Cidadã e a Campanha Compartilhar, que realizam arrecadação de chocolates e alimentos para crianças e famílias em situação de vulnerabilidade socioeconômica.

Ações de voluntariado no Projeto Florescer, que realiza o apadrinhamento de jovens mulheres moçambicanas, garantindo a permanência estudantil e o desenvolvimento social, e no Projeto Vincular que realiza interação e convivência comunitária com as crianças e adolescentes dos Centros Sociais do Instituto, por meio do diálogo e de vivências lúdicas.

Ações de convivência, como o acolhimento na sala da JCR, localizada no pátio do prédio principal e o ENJUVI – Encontro da Juventude e Vivências, realizado na chácara, com estudantes, tendo como base central reflexões sobre a Campanha da Fraternidade.

Olhar para as potencialidades de cada jovem, acolher com amor e afeto suas demandas, orientar sobre a importância da construção de uma sociedade mais justa e fraterna, prezar pelo

protagonismo juvenil e reafirmar nosso compromisso com a vida dos jovens são princípios importantes do nosso fazer profissional no JCR.

Por isso, continuamos trabalhando para que nossos adolescentes e jovens desenvolvam a capacidade de sonhar e projetar sonhos para a humanidade, com ousadia para ampliar horizontes e desejar outro mundo possível, valorizando a coletividade e uma cultura de paz e apostando na solidariedade e no amor à vida. Entendemos nosso lugar no mundo e nossa responsabilidade em modificá-lo, reconhecendo que precisamos de pouco para viver bem e que quem tem amor tem tudo.

ENJUVI – Encontro da Juventude e Vivências

Lugar de repensamento e fortalecimento de relações

Sabemos bem que a formação do indivíduo é caracterizada por diversas dimensões. Todos nós estamos em constante construção e desconstrução. Nunca chegaremos a uma etapa da vida em que não aprenderemos nada. O aprendizado será um aspecto importante até nosso último minuto de existência.

O aprendizado nos leva ao encontro do desconhecido e da novidade, mas, principalmente, ao encontro de pessoas. Nesse caminho de aprendizados, podemos ensinar e aprender a ser, a estar junto e a compartilhar a vida. Sabemos que, para ser gente, não crescemos sozinhos nem isolados, cada um de nós carrega um pouco do outro, como diz Antoine de Saint Exupéry.

Aprender com a “academia”, mas também com o cotidiano da vida, com o simples e com as pequenas coisas, que, no fundo, são grandiosas e nos impulsionam a ir ao encontro do outro. E, ir ao encontro do próximo, é um desafio na sociedade atual, pois, infelizmente, o individualismo é supervalorizado, e as relações efêmeras e rasas nos são apresentadas como opção para uma vida saudável. Da mesma forma que aprendemos esses falsos parâmetros de felicidade e autorrealização, podemos desprendê-los e no coletivo, aprender a construir pontes em vez de muros, que nos levem a relações saudáveis de afeto, solidariedade e companheirismo.

Esse é o principal objetivo do ENJUVI – Encontro da Juventude e Vivências, realizado desde 2016 pelo Projeto Juventude Cristo Rei em parceria com as coordenações pedagógicas, psicólogos/as e professores/as do Projeto Tutoria do Colégio Cristo Rei.

Além de propor espaços de repensamento e desconstrução, o ENJUVI é espaço de fortalecimento das relações entre os estudantes do Ensino Fundamental, mais do que um

incentivo ao trabalho em equipe e à valorização da coletividade, vivenciam-se valores importantes do carisma do Instituto dos Irmãos do Sagrado Coração, à luz das temáticas propostas pelas Campanhas da Fraternidade ao longo dos anos.

Partilhar um final de semana com rodas de conversas, dinâmicas, gincanas, brincadeiras, trocas de ideias e convivência, favorece a união e a coletividade entre os adolescentes e jovens. Esses frutos não são colhidos apenas na chácara do Cristo Rei, local onde o encontro é realizado, mas também no cotidiano escolar. Sentimos isso na transformação das atitudes entre as/os adolescentes e jovens, nas redes de solidariedade que vamos tecendo dentro e fora dos muros do colégio.

Além de repensarmos e nos comprometermos com a relação que estabelecemos com o próximo, preocupamo-nos com o próximo que está mais distante de nós, por meio do cultivo de sentimentos de cuidado, solidariedade e amor, bem como de ações concretas de transformação, por meio das ações de voluntariado.

Essas ações de voluntariado estão proporcionando encontros entre estudantes do Colégio Cristo Rei e da Escola Sagrado Coração de Jesus de Amatongas, Moçambique. Esses encontros não são presenciais, mas percebemos, enquanto coletivo, que não existem fronteiras para a empatia e a solidariedade e, dessa forma, a arte do encontro se depara com solo fértil para florescer.

Os estudantes do Ensino Médio participantes dos encontros criaram o Projeto Florescer como gesto concreto do ENJUVI. O projeto nasceu da vontade de fazer a diferença e contribuir ativamente para um mundo melhor e mais justo. Com essa iniciativa, os jovens participantes auxiliam na formação integral de jovens órfãs moçambicanas que sonham em concluir os estudos.

Várias ações são organizadas pelos alunos, desde rifas e venda de camisetas até vaquinhas online. Tudo isso visa a arrecadar doações a fim de manter as estudantes no internato e proporcionar uma formação integral de qualidade.



Percebemos que o ENJUVI tomou proporções grandiosas e significativas. Os encontros de ideias, histórias e projetos de vida têm resultado em construções de relações saudáveis, de empatia e de valorização do plural e do coletivo, lançando-nos a descobertas de realidades diferentes daquelas habitualmente vivenciadas pelos estudantes.

Nessa bonita rede de relações, continuamos levando o melhor dos outros na bagagem da nossa vida e presenteando o melhor de nós aos outros.

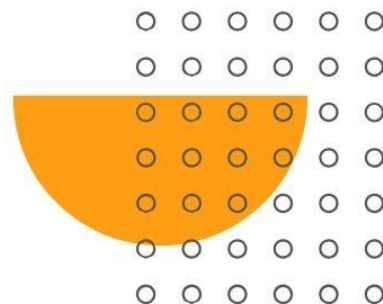


4

PASTORAL UNIVERSITÁRIA:

UM ESTALEIRO DE ESPERANÇA – A SALA DE PASTORAL DO UNISAGRADO COMO ESPAÇO FORMATIVO E DE (COM)VIVÊNCIA DA ESPIRITUALIDADE

Thiago Pignatti de Freitas, Ir. Ana Paula Gobbo Motta



PASTORAL UNIVERSITÁRIA: UM ESTALEIRO DE ESPERANÇA — A SALA DE PASTORAL DO UNISAGRADO COMO ESPAÇO FORMATIVO E DE (COM)VIVÊNCIA DA ESPIRITUALIDADE

*Thiago Pgnatti de Freitas
Ir. Ana Paula Gobbo Motta*

1. Introdução – travessia, estaleiro e vocação

Cada Instituição de Ensino Superior vive uma dinâmica de travessias: embarques de sonhos, portos de chegada e partida para novas etapas. No Centro Universitário Sagrado Coração (UNISAGRADO), essas travessias não se reduzem a itinerários acadêmicos, mas são também gestos de sentido, de encontro e de transcendência. A Pastoral Universitária acompanha, de modo singular, essa realidade, pois traduz em gestos concretos a identidade católica e cleliana da Instituição e o compromisso de formar pessoas de maneira integral, que se desenvolvem plenamente em todas as dimensões e cultivam competências que articulam abertura ao outro, saber, sensibilidade, ética e espiritualidade.

Inspirada no carisma confiado por Deus à Bem-aventurada Clélia Merloni (1861-1930) e testemunhado com fidelidade pelas Irmãs Apóstolas do Sagrado Coração de Jesus, a Pastoral Universitária não se define apenas como um setor funcional. Ela constitui uma presença institucional viva, responsável por integrar fé, razão, cultura e vida, de modo que o conhecimento científico se una ao humanismo evangélico e ao compromisso social. Essa integração encontra fundamento na *Ex Corde Ecclesiae*, Constituição Apostólica promulgada por São João Paulo II, ao afirmar que a universidade católica é “uma comunidade acadêmica que, de modo rigoroso e crítico, contribui para a tutela e o desenvolvimento da dignidade humana e da herança cultural, mediante a investigação, o ensino e os diversos serviços oferecidos às comunidades locais, nacionais e internacionais” (JOÃO PAULO II, 1990).

Na mesma direção, ressoa o apelo da *Evangelii Gaudium*, Exortação Apostólica do Papa Francisco, que propõe uma “Igreja em saída” e convida todos os batizados a “tornar presente e operante a salvação de Deus no mundo” (FRANCISCO, 2013). O UNISAGRADO, fiel a esse espírito eclesial, realiza sua missão institucional de proporcionar educação integral à luz dos princípios católicos e clelianos, formando pessoas comprometidas com a sociedade e com o

bem comum. Essa missão se concretiza cotidianamente em múltiplas ações, nas quais a Pastoral Universitária ocupa lugar estratégico como espaço integrador e dinamizador da identidade confessional.

Mais do que promover atividades religiosas, a Pastoral Universitária tem a responsabilidade de salvaguardar o carisma cleliano dentro da Instituição, assegurando que a inspiração espiritual continue a iluminar a gestão, o ensino e a convivência. Em cada projeto, encontro e celebração, o lema de 2025 — *‘Pastoral: um estaleiro de esperança’* — sintetiza a vocação educativa do UNISAGRADO: o estaleiro, onde embarcações são construídas e reparadas, simboliza, assim, a missão formadora e o processo comunitário de reconstrução interior, amadurecimento humano e renovação espiritual.

Cada pessoa que percorre os espaços universitários pode ser compreendida como uma embarcação em processo de formação, sustentada por uma comunidade educativa que acolhe, orienta e envia. Nesse contexto, a Pastoral Universitária atua como núcleo de comunhão, formação e inspiração, contribuindo para que o cotidiano acadêmico se transforme em travessia de sentido e de fé. Ser Pastoral, portanto, significa habitar o coração da Instituição como presença que constrói, repara e envia. Significa acompanhar estudantes, docentes e colaboradores na arte de viver e aprender com sentido e esperança, testemunhando que a esperança também se educa. No estaleiro do UNISAGRADO, Deus é o grande construtor, que inspira, sustenta e orienta as travessias acadêmicas e humanas.

2. O espaço de pastoral: lugar de formação, espiritualidade e convivência

O Espaço de Pastoral do UNISAGRADO nasce da intuição de que o ambiente formativo, além de educar, favorece experiências de vida. Em uma Instituição de Ensino Superior (IES) católica, o ambiente físico não é apenas cenário, mas também linguagem e mediação pedagógica. Cada elemento, como a disposição das cadeiras, a iluminação, os símbolos e as imagens, comunica uma determinada compreensão do ser humano, da convivência e de Deus.

A inspiração dessa proposta encontra fundamento na *Ex Corde Ecclesiae*, que afirma que “a inspiração cristã presente nas universidades católicas deve transformar-se em princípio animador de todas as atividades universitárias, segundo a própria natureza e autonomia de cada uma” (JOÃO PAULO II, 1990). Essa transformação, que parte do interior das relações humanas, manifesta-se na sala de Pastoral como expressão concreta da missão educativa da Instituição. A presença pastoral naquele espaço não é periférica, mas central: é um lugar

teológico, um *locus theologicus*, onde a dimensão espiritual se torna parte constitutiva do processo de formação integral.

De modo particular, o espaço da Pastoral simboliza o esforço institucional de unir fé, razão, cultura e vida. Inspirada no carisma da Bem-aventurada Clélia Merloni, que compreendia a reparação como ato de amor e serviço, a Pastoral do UNISAGRADO concebeu esse espaço como casa de encontro, escuta e espiritualidade. Sua arquitetura reflete uma pedagogia da ternura, na qual cada ambiente convida à introspecção, ao diálogo e à partilha.

A estrutura física da Pastoral é composta por diferentes salas complementares: sala de música, sala de reuniões, sala de atendimento, sala de catequese e a sala do padre para confissões e direção espiritual, além da Capela adjacente. Cada uma delas possui intencionalidade pedagógica e espiritual específica, configurando um percurso de formação integral.

A sala de música representa o diálogo entre fé e arte. Nela, o som e a sensibilidade estética funcionam como caminhos de transcendência e de comunhão. Ensaios, vivências e tutorias acontecem de modo a integrar os talentos individuais a uma experiência coletiva de beleza. Como recorda Bento XVI, “a beleza é o caminho privilegiado para abrir o coração humano à verdade e ao bem” (BENTO XVI, 2009). Assim, o espaço musical torna-se uma escola de espiritualidade estética, na qual o estudante é convidado a perceber a harmonia como expressão do divino.

A sala de reuniões é o ambiente da escuta e do discernimento comunitário. Nela, são planejadas ações, avaliados projetos e articuladas iniciativas com diferentes setores da universidade, especialmente a Reitoria, a Pró-Reitoria Acadêmica, as Diretorias, a Extensão e as comissões institucionais, além de toda estrutura e planejamento para o apoio ao discente e à comunidade educativa. Trata-se de um espaço de corresponsabilidade e sinodalidade, no qual a Pastoral manifesta a dimensão colegiada da vida eclesial. Esse aspecto dialoga com o pensamento do Papa Francisco em *Veritatis Gaudium*, ao afirmar que a universidade católica deve ser lugar de “diálogo, interconexão e transversalidade do saber” (FRANCISCO, 2018).

A sala de atendimento é o coração da Pastoral, onde se realiza o ministério da escuta. Estudantes, docentes e colaboradores encontram nesse espaço um ambiente de acolhida e confidencialidade. A escuta ativa e compassiva traduz o carisma cleliano da reparação e faz da Pastoral um espaço de cuidado integral. Essa prática encontra fundamento na *Evangelii Gaudium*, que recorda que “a Igreja deve iniciar todos os seus processos com a arte do

acompanhamento, com uma atitude de prudência, compreensão e paciência” (FRANCISCO, 2013).

A sala de catequese é o núcleo formativo da fé. Nela, são realizados encontros bíblicos, catequeses sacramentais e formações inspiradas na espiritualidade cleliana. A presença da relíquia de primeiro grau de São Carlo Acutis, patrono dos ambientes digitais, simboliza o diálogo entre tradição e contemporaneidade. A fé vivida nesse espaço se traduz como aprendizado vital e missionário: não é mera instrução, mas formação que integra razão, coração e compromisso.

Por fim, a sala do padre e a Capela Universitária completam o itinerário espiritual. A proximidade física entre esses espaços favorece a dimensão sacramental e orante da vida acadêmica. A Capela, especialmente, é compreendida como o coração do campus. Nela, a comunidade celebra a Eucaristia, adora o Santíssimo Sacramento e reza o Terço da Misericórdia, o que fortalece a unidade entre espiritualidade e vida universitária. Como ensina João Paulo II, “a Eucaristia é fonte e ápice de toda a vida cristã e, portanto, da própria missão educativa da Igreja” (JOÃO PAULO II, 2003).

A articulação desses espaços forma um ambiente pedagógico e espiritual coeso, que permite à Pastoral Universitária atuar como verdadeiro laboratório de humanização. Nesse contexto, o estudante é convidado a crescer não apenas em conhecimento técnico, mas também em sensibilidade ética e espiritual, descobrindo que a fé pode iluminar sua trajetória profissional e pessoal.

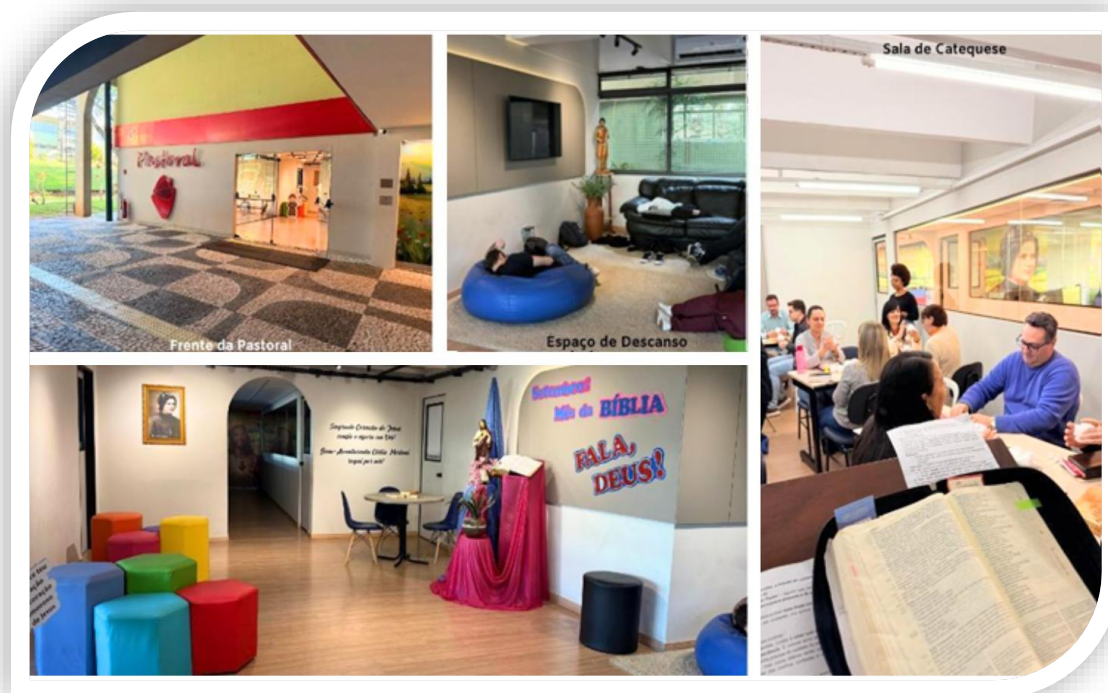
O Espaço de Pastoral, compreendido em sua dimensão simbólica e formativa, transcende a noção de espaço físico. Ele constitui um sinal concreto da missão educativa e evangelizadora do UNISAGRADO, no qual a espiritualidade se torna caminho de aprendizagem e a convivência se traduz em experiência de comunhão. Esse ambiente expressa uma pedagogia do encontro, na qual fé e cultura se entrelaçam de modo orgânico, oferecendo ao estudante a possibilidade de integrar razão e sensibilidade, conhecimento e transcendência.

3. Práticas e itinerários formativos: o espaço como estaleiro de esperança

As práticas desenvolvidas pela Pastoral Universitária do UNISAGRADO revelam a concretude de uma formação que acontece no ritmo da vida. Se o Espaço de Pastoral é o estaleiro onde a vida universitária se constrói e se renova, são as vivências espirituais e comunitárias que lhe conferem movimento e profundidade. A Pastoral atua como

ambiente educativo, onde o cotidiano acadêmico é perpassado por gestos de esperança, escuta e comunhão.

Inspiradas pelo lema *'Pastoral: um estaleiro de esperança'*, as ações pastorais expressam uma pedagogia que forma pela convivência e pelo testemunho. O estaleiro, enquanto metáfora, expressa o dinamismo de um espaço em permanente reconstrução, onde o encontro com o outro se torna possibilidade de reparação. Nesse horizonte, a esperança é a pedagogia, e o amor, o método. Paulo Freire observa que *'a esperança é um imperativo ontológico'* e que *'a educação é sempre um ato de amor e coragem'* (FREIRE, 1992). Essa concepção encontra profunda ressonância na espiritualidade clariana, para a qual *'educar é uma obra de amor'* (MERLONI, 1900), conforme afirmava e reafirmava a Bem-aventurada Clélia Merloni. Em diálogo fecundo, ambos os pensamentos convergem para a mesma convicção: educar é gesto de fé no potencial humano e compromisso ético com a transformação do mundo.



3.1 Protagonismo juvenil e espiritualidade no cotidiano

O protagonismo estudantil, no UNISAGRADO, não se estrutura por programas formais, mas floresce na convivência e na vida compartilhada. A Pastoral estimula a participação espontânea dos estudantes em projetos, campanhas e eventos, nos quais a fé se torna linguagem

e a solidariedade, prática concreta. Trata-se de uma formação silenciosa e progressiva, marcada pelo testemunho, pela escuta e pela corresponsabilidade.

Nos diferentes projetos e celebrações, o estudante é reconhecido como sujeito ativo de evangelização, protagonista de uma fé que se torna cultura e serviço. Esse protagonismo nasce do encontro e do pertencimento: emerge quando o estudante percebe-se parte de uma comunidade que o acolhe e confia em sua capacidade de gerar o bem. Como ensinava a Bem-aventurada Clélia Merloni, “a caridade é a rainha de todas as virtudes, e o educador deve praticá-la com humildade e paciência” (MERLONI, 1900).

Entre as experiências mais significativas está a formação de lideranças estudantis pastorais, por meio da coordenação de cada grupo de oração da IES, bem como por meio da Atlética e das tutorias de dança e música. O objetivo não é apenas formar agentes para eventos específicos, mas formar discípulos-líderes, capazes de atuar com empatia, maturidade e espírito de serviço em todos os espaços da IES. Assim, a liderança é entendida como testemunho e serviço e não centralização de poder: liderar é cuidar, inspirar e gerar comunhão.

3.2 A escuta e o cuidado como prática educativa

A Pastoral da Escuta, expressão consolidada da atuação pastoral, materializa o compromisso da Instituição com o cuidado integral da pessoa. Nesse espaço, estudantes, docentes e colaboradores encontram acolhimento e confidencialidade, experimentando a fé como gesto concreto de amor e como ato educativo e reparador. O ato de escutar, em sua dimensão teológica e pedagógica, reafirma a dignidade do outro e possibilita processos de reconstrução interior. Essa pedagogia da escuta reflete o carisma cleliano, centrado na reparação do coração humano ferido pela indiferença.

A escuta pastoral se articula com outras vivências que marcam a trajetória acadêmica. A Cápsula do Tempo, dirigida aos ingressantes, e a Aula da Saudade, vivida pelos concluintes, simbolizam os momentos de início e conclusão da travessia de um percurso educativo. Ambas reforçam a dimensão vocacional da formação universitária: o ingresso é um chamado, e a conclusão, um envio. A fé se manifesta como horizonte de sentido que acompanha o estudante em todo o seu processo formativo. Nesses momentos, a Pastoral transforma o tempo em lugar teológico, onde a memória se converte em gratidão e a esperança se renova.

3.3 Espiritualidade comunitária e (com)vivência

A espiritualidade comunitária constitui o eixo que sustenta as práticas da Pastoral. A Missa Universitária, as adorações e os terços rezados na Capela expressam a centralidade da Eucaristia na vida acadêmica. Essas celebrações, mais do que atos litúrgicos, tornam-se experiências pedagógicas de comunhão e transcendência.

A convivência entre grupos católicos e evangélicos, que se reúnem semanalmente na IES, reforça a dimensão ecumênica e dialogal da Pastoral. A diversidade religiosa é acolhida como riqueza educativa e oportunidade de aprendizado mútuo. O Papa Francisco, em *Veritatis Gaudium*, recorda que a universidade católica deve promover “uma cultura do encontro e do diálogo entre pessoas e tradições diversas” (FRANCISCO, 2018). Nesse sentido, o UNISAGRADO testemunha uma espiritualidade do respeito e da escuta, onde a fé se faz também caminho de convivência.

3.4 As oficinas do estaleiro: esperança como prática educativa

Embora não estruturadas como oficinas formais, as ações da Pastoral Universitária do UNISAGRADO podem ser compreendidas como oficinas simbólicas do estaleiro, nas quais a vida é continuamente restaurada pelo amor. Cada gesto de cuidado, cada oração partilhada e cada diálogo fraterno reafirmam a convicção de que a formação universitária só é plena quando abraça a totalidade do ser humano.

Como ensina a *Gravissimum Educationis*, “a verdadeira educação visa à formação da pessoa humana em vista de seu fim último e do bem das sociedades” (CONCÍLIO VATICANO II, 1965). Nesse horizonte, a Pastoral Universitária reafirma, com o espírito cleliano, que educar é uma obra de amor e que a esperança se torna pedagógica quando é vivida no concreto das relações humanas.

Essa concepção de formação integral se concretiza nas práticas cotidianas da Pastoral, que expressam uma educação construída no ritmo da vida. As ações pastorais não se limitam aos estudantes, mas envolvem também os colaboradores da Instituição, especialmente docentes e técnicos-administrativos. Por meio de encontros temáticos, celebrações mensais e momentos de espiritualidade, busca-se integrar a dimensão espiritual à prática profissional cotidiana. Em tais espaços, temas como ética, vocação, esperança e propósito são refletidos à luz do Evangelho e do carisma cleliano, recordando que o trabalho educativo é, antes de tudo, uma vocação e uma missão de amor e serviço.

O cuidado com os colaboradores revela que a formação integral não se limita aos estudantes, mas alcança toda a comunidade acadêmica. Como afirma o Papa Francisco, “a educação é um ato de amor, é dar vida” (FRANCISCO, 2022). Ao cuidar de quem educa, a Pastoral reafirma que uma instituição só se forma com esperança quando ela própria se deixa formar.

Essas experiências configuram uma pedagogia da ternura, na qual a espiritualidade não se impõe, mas se propõe como horizonte de sentido. O estaleiro pastoral é, portanto, o espaço onde se aprende a reparar feridas humanas, restaurar vínculos e reencontrar o significado do trabalho, do estudo e da convivência. Assim, a esperança se torna conteúdo e método da formação universitária, iluminando a vida cotidiana e fortalecendo o compromisso com o bem comum.

3.5 Espiritualidade, arte e cultura: expressões de esperança

A espiritualidade universitária, no contexto do UNISAGRADO, manifesta-se não apenas nos momentos explícitos de oração, mas também nas múltiplas formas de expressão artística e cultural que integram o cotidiano acadêmico. Essas experiências representam linguagens pedagógicas da fé, nas quais o sensível se torna caminho para o transcendente e a cultura se converte em meio de evangelização.

Em coerência com a *Ex Corde Ecclesiae*, que reconhece que “a fé cristã se torna fermento que vivifica a cultura” (JOÃO PAULO II, 1990), a Pastoral Universitária compreende a arte, a beleza e a convivência como dimensões intrínsecas à formação integral.

Entre as experiências que corporificam essa dimensão simbólica e comunitária destacam-se o *Intervalo Cultural*, o *Cine-Pastoral*, o *Varal da Esperança*, o *I Holy Night*, Salas temáticas do Sagrado Coração de Jesus e da Madre Clélia e as campanhas solidárias. Realizados em diferentes períodos do ano letivo, esses eventos unem fé, arte e solidariedade, promovendo a integração entre estudantes, docentes e colaboradores. Mais do que atividades pontuais, configuram uma espiritualidade do cotidiano, na qual a esperança é aprendida nas pequenas práticas de convivência e na celebração da beleza.

Essas ações traduzem o carisma cleliano em linguagem contemporânea. Como recorda Bento XVI, “a beleza é o caminho privilegiado para abrir o coração humano à verdade e ao bem” (BENTO XVI, 2009). Assim, a dimensão estética da pastoral não se reduz à ornamentação, mas torna-se instrumento teológico e pedagógico, por meio do qual a fé é

comunicada de maneira simbólica, participativa e encarnada. O gesto artístico e o gesto orante unem-se na mesma vocação: tornar visível o amor reparador do Coração de Jesus.

De modo especial, a diversidade espiritual presente nos grupos de oração universitários expressa a amplitude da presença pastoral. O UNISAGRADO acolhe semanalmente grupos católicos e evangélicos que partilham a mesma busca de fé e de comunhão fraterna, entre eles:

1. Segunda-feira, às 20h30: Terço Mariano e grupo ABU (Aliança Bíblica Universitária).
2. Segunda-feira, às 22h00: Terço da Misericórdia.
3. Terça-feira, às 20h30: grupo JOSH (Comunidade Shalom).
4. Quarta-feira, às 18h30: Missa Universitária.
5. Quarta-feira, às 20h30: Adoração Eucarística e grupo Upper Point.
6. Quinta-feira, às 20h30: grupo GOU (Movimento Universitário da Renovação Carismática Católica).
7. Sexta-feira, às 20h30: grupo Atos 29 (Comunidade Colo de Deus).

Essa variedade de expressões de fé constitui um testemunho concreto de ecumenismo vivido, em que a diversidade espiritual se transforma em comunhão e aprendizado. Em sintonia com o Papa Francisco, que propõe “uma cultura do encontro, capaz de reconhecer o outro como dom” (FRANCISCO, 2018), a Pastoral Universitária promove uma convivência que valoriza o pluralismo religioso sem diluir a identidade católica, mas fortalecendo-a pela abertura e pelo diálogo.

Nas experiências de arte, de convivência e de oração, a Pastoral torna-se ponte entre o sagrado e o cotidiano. A fé se faz cultura, e a cultura, por sua vez, revela o rosto de Deus nas relações humanas. Cada canção ensaiada, cada cena exibida, cada varal de mensagens ou gesto solidário são expressões da pedagogia da esperança, que transforma o campus universitário em um espaço de encontro, sentido e reparação.

Assim, a espiritualidade vivida no UNISAGRADO é também uma espiritualidade cultural — criativa, encarnada e dialogal — que reflete a própria missão institucional de “formar pessoas comprometidas com a sociedade”. No estaleiro da esperança, arte, fé e cultura se entrelaçam como dimensões de uma única pedagogia: aquela que forma o coração humano para o amor e educa a razão para a esperança.

4. O estaleiro e o horizonte: impactos e frutos da presença pastoral na IES

4.1 A identidade pastoral como fundamento institucional

Toda ação educativa, quando enraizada no amor e orientada pela esperança, produz frutos que transcendem o visível. No UNISAGRADO, a presença da Pastoral Universitária tornou-se elemento constitutivo da vida institucional, contribuindo de forma decisiva para a consolidação da identidade católica e cleliana da Instituição. Sua atuação não se restringe à realização de eventos ou celebrações: ela configura uma presença formativa que humaniza os processos acadêmicos e fortalece os vínculos comunitários.

A Pastoral Universitária atua como força transversal no tecido institucional, permeando dimensões pedagógicas, administrativas e relacionais, e promovendo uma cultura de comunhão e corresponsabilidade. Essa dinâmica reflete o princípio exposto na *Ex Corde Ecclesiae*, segundo a qual a universidade católica deve “assegurar, em todos os seus níveis, que a integração entre fé e cultura se realize de forma viva e orgânica” (JOÃO PAULO II, 1990). No contexto do UNISAGRADO, essa integração se concretiza na maneira como a fé inspira o trabalho cotidiano, orienta decisões, molda o ambiente e dá sentido às relações interpessoais.

4.2 O estaleiro e o horizonte: a missão formadora da Pastoral Universitária

Toda embarcação construída em um estaleiro nasce com destino ao mar. De modo análogo, cada ação da Pastoral Universitária do UNISAGRADO orienta-se por um horizonte: a formação integral das pessoas e a humanização da vida acadêmica. O estaleiro não existe para si mesmo, mas para preparar embarcações capazes de enfrentar o mar aberto da existência, sustentadas pela fé e orientadas pela esperança. Nesse horizonte, a Pastoral exerce um papel fundamental na preservação e na atualização da identidade católica e cleliana do UNISAGRADO.

4.3 Frutos da presença pastoral na vida estudantil

Essa presença pastoral se traduz em impactos mensuráveis e imensuráveis. No âmbito estudantil, a Pastoral contribui para o fortalecimento do sentimento de pertencimento e para o engajamento institucional, promovendo vínculos afetivos que repercutem na permanência e no bem-estar dos estudantes. Iniciativas como a Cápsula do Tempo, a Aula da Saudade, as Campanhas Solidárias e os eventos de espiritualidade constituem marcos simbólicos na

trajetória universitária, auxiliando os estudantes a compreenderem a formação acadêmica como uma travessia existencial, na qual conhecimento e sentido se encontram.

Essas vivências expressam uma pedagogia de comunhão, em que o aprender não se dissocia do viver e o conhecimento se torna caminho de autoconhecimento. A Pastoral torna-se, assim, mediadora de processos de amadurecimento humano, emocional e espiritual — oferecendo não apenas atividades, mas experiências de sentido.

4.4 A formação integral e o carisma Cleliano

Um dos principais impactos da Pastoral Universitária está na promoção da formação integral dos estudantes. Por meio de suas ações — encontros, escutas, celebrações ou projetos sociais —, ela favorece o desenvolvimento simultâneo das dimensões intelectual, ética, espiritual e afetiva da pessoa. Nessa perspectiva, a Pastoral se torna mediadora entre conhecimento e sabedoria, ajudando os estudantes a compreenderem que a excelência acadêmica se realiza plenamente quando é acompanhada pela maturidade humana.

Essa formação integral está intimamente ligada ao carisma cleliano. Para Madre Clélia Merloni, o verdadeiro educador deve “formar corações, não apenas instruir mentes” (MERLONI, 1900). Sua visão antecipa a noção contemporânea de educação integral, hoje defendida pelos organismos internacionais e pelo magistério da Igreja. O Papa Francisco, na *Fratelli Tutti*, reforça essa mesma orientação ao afirmar que a educação deve “despertar o sentido da solidariedade e da responsabilidade por um destino comum” (FRANCISCO, 2020). Assim, a Pastoral Universitária realiza, de modo concreto, essa pedagogia da integralidade: educa a inteligência pela luz da razão e o coração pela experiência do amor.

4.5 Cultura institucional e espiritualidade cleliana

A presença pastoral também repercute na cultura organizacional da Instituição. Ao integrar espiritualidade e gestão, fé e missão, a Pastoral contribui para que o UNISAGRADO mantenha viva sua identidade confessional e seu carisma fundador. Ela garante que os princípios católicos e clelianos não permaneçam apenas em documentos institucionais, mas se tornem experiências partilhadas entre estudantes, docentes e colaboradores.

As ações conjuntas com diferentes setores — Reitoria, Pró-Reitoria, Diretorias, Extensão, Comissões e Coordenações — fortalecem a percepção de que a espiritualidade é parte do projeto pedagógico institucional. A Pastoral, nesse sentido, atua como instância articuladora da unidade institucional, promovendo uma cultura de pertencimento e de cuidado. Como

observa Bento XVI, “a fé não empobrece o espírito universitário, mas o eleva e o enriquece” (BENTO XVI, 2008). Essa elevação manifesta-se em um ambiente em que o trabalho é compreendido como vocação e o ensino, como serviço à verdade e à dignidade humana.

4.6 Comunhão, esperança e sentimento de pertença

Outro fruto visível da ação pastoral é o fortalecimento do senso de comunidade. As atividades de espiritualidade, os projetos sociais e as celebrações comuns geram vínculos de comunhão que reduzem distâncias e ampliam a confiança entre os membros da Instituição. Estudantes e colaboradores percebem na Pastoral um espaço de referência afetiva e espiritual, onde podem encontrar acolhida, orientação e partilha.

Esses vínculos repercutem diretamente na permanência e no engajamento dos estudantes, favorecendo o sentimento de pertença à Instituição. A esperança, vivida como virtude e pedagogia, torna-se força motivadora para enfrentar desafios pessoais e acadêmicos. Como afirma Paulo Freire, “a desesperança é o que paralisa; a esperança é o que nos faz caminhar” (FREIRE, 1992). A Pastoral Universitária, ao cultivar a esperança, não apenas motiva, mas reconstrói: ela sustenta o processo formativo nos momentos de fragilidade e devolve ao estudante o sentido de propósito em sua trajetória.

4.7 O impacto invisível: a transformação interior

Há, contudo, um fruto que ultrapassa os indicadores e as estatísticas: o impacto invisível da presença pastoral. Ele se manifesta nas transformações silenciosas do coração humano — na reconciliação, no perdão, na redescoberta da fé e no renascimento da esperança. Muitos estudantes encontram na Pastoral um espaço de escuta e renovação interior, onde a espiritualidade se apresenta como caminho de cura e reorientação.

Essas experiências confirmam o que Bento XVI denominou “razão alargada”, segundo a qual a fé e a espiritualidade não se opõem ao conhecimento, mas o completam e o elevam (BENTO XVI, 2006). No âmbito universitário, isso significa compreender que a educação não é apenas transmissão de saberes, mas também processo de humanização e transcendência. Nessa perspectiva, a Pastoral Universitária torna-se um laboratório espiritual da esperança, onde a fé ilumina a razão e a vida cotidiana é transformada em experiência de encontro com Deus.

4.8 A Pastoral como presença sinodal e transformadora

Sob a luz dos princípios da subsidiariedade e do bem comum, a Pastoral atua como força de comunhão, colaborando com os demais setores institucionais sem substituí-los, mas oferecendo suporte humano e espiritual para que cada área realize plenamente sua missão. Essa dinâmica reflete a convicção de que a universidade católica não é apenas um espaço de ensino, mas uma comunidade de vida e de fé.

Em perspectiva teológica, essa atuação manifesta uma dimensão sinodal: a Pastoral caminha com a comunidade acadêmica, escuta suas dores, celebra suas conquistas e, em conjunto, discerne caminhos de esperança. A presença da gestão pastoral com uma irmã religiosa e da coordenação pastoral com um leigo constituem expressão concreta dessa sinodalidade vivida — uma liderança que se constrói na escuta e no serviço, e que faz do carisma cleliano um fermento de comunhão no cotidiano da IES.

4.9 Síntese: fé que se faz cultura, esperança que se torna pedagogia

A influência pastoral ultrapassa o espaço físico e alcança o modo de ser institucional. Ela molda a cultura do UNISAGRADO, inspirando projetos mais solidários, relações mais fraternas e práticas pedagógicas mais compassivas. Em um cenário educacional frequentemente marcado pela lógica da competição e do desempenho, a Pastoral recorda que educar é cuidar e que a universidade é, antes de tudo, um lugar de humanização.

Como ensina o Papa Francisco, “a esperança é ousada; sabe olhar para além das comodidades pessoais e abrir-se à transformação” (FRANCISCO, 2020). Assim, os frutos do estaleiro pastoral se manifestam nas vidas reconstruídas, nas vocações despertadas e nas comunidades fortalecidas.

A Pastoral é o lugar onde a fé se faz cultura e a esperança se torna pedagogia: uma esperança que não ilude, mas sustenta; que não foge do real, mas transforma a realidade. No estaleiro do UNISAGRADO, onde ciência e fé se encontram, Deus continua a ser o grande construtor — Aquele que inspira, sustenta e dá sentido a todas as travessias acadêmicas e humanas.

5. Deus, o grande construtor

Toda embarcação, antes de lançar-se ao mar, depende das mãos de um construtor que conhece o vento, as marés e a delicadeza da madeira. Assim também é a vida acadêmica:

construída aos poucos, entre acertos e remendos, sob o olhar d'Aquele que faz novas todas as coisas (Ap 21,5). No estaleiro pastoral do UNISAGRADO, esse construtor é Deus — o grande arquiteto da esperança, que inspira, sustenta e conduz cada travessia. Todas as ações, projetos e espaços descritos até aqui só encontram sentido quando reconhecidos como expressões de uma obra divina que se realiza no ser humano. A presença da Pastoral Universitária é, portanto, mais do que estratégica: é sacramental. Ela torna visível, no cotidiano da IES, o amor invisível de Deus — uma presença que, como recorda Bento XVI (2006), “não anula a razão, mas a amplia e a eleva para a verdade”. Na escuta, Deus acolhe; na convivência, Ele une; na celebração, Ele se doa. A Pastoral é o lugar teológico onde o humano e o divino se encontram, onde o conhecimento se faz comunhão e a fé se converte em cultura.

Em uma sociedade marcada pela produtividade e pela busca incessante por resultados, a Pastoral recorda que o verdadeiro êxito não se mede pelas conquistas visíveis, mas pela fidelidade ao que nos torna humanos. A metáfora do estaleiro expressa, portanto, uma teologia da reconstrução. Cada pessoa é uma embarcação em processo de formação, restaurada pela fé e sustentada pela esperança. Como ensinava Madre Clélia Merloni, “educar é uma obra de amor”, e, nessa pedagogia do amor, o próprio Deus se revela como mestre e artífice da vida. A Pastoral, ao cultivar essa mística, ensina que a esperança é um verbo que se conjuga com as mãos, e que a fé, quando se faz cultura, transforma toda travessia em caminho de luz. Permanece, ao final, a convicção de que nenhuma ação pastoral é pequena quando realizada com amor: cada escuta, cada silêncio e cada celebração participam da grande obra de Deus, que continua a construir, restaurar e enviar. No estaleiro do UNISAGRADO, ciência e fé se unem para anunciar que o Coração de Jesus é o porto seguro e a bússola fiel para todas as travessias humanas.

6. Conclusão – o estaleiro como horizonte de esperança

A experiência da Pastoral Universitária do UNISAGRADO evidencia que educar é, antes de tudo, participar da própria obra criadora de Deus. No estaleiro da vida acadêmica, cada ação pastoral — da escuta silenciosa às celebrações comunitárias — torna-se um gesto de construção, reparo e envio. A Pastoral não se limita a um setor institucional, mas constitui o coração espiritual da universidade, onde fé e cultura se encontram e o conhecimento se converte em comunhão.

A metáfora do estaleiro revelou-se síntese fecunda da missão educativa e evangelizadora: um espaço em que o humano é restaurado pelo divino, a esperança se faz método e o amor se

torna pedagogia. Inspirada na Bem-aventurada Clélia Merloni, que afirmava que “educar é uma obra de amor”, e iluminada pela visão de Paulo Freire (1992), para quem “a esperança é o que nos faz caminhar”, a Pastoral integra saber e sentido, razão e ternura, ciência e transcendência.

Nesse horizonte, o UNISAGRADO reafirma sua vocação de formar pessoas integralmente, comprometidas com o bem comum e animadas por uma esperança ativa que transforma o cotidiano. Como recorda o Papa Francisco (2020), “a esperança é ousada e capaz de transformar a realidade”. É essa esperança — construída com as mãos, sustentada pela fé e guiada pelo Coração de Jesus — que continua a inspirar o fazer educativo e a pastoral da Instituição. Assim, o estaleiro do UNISAGRADO permanece aberto: lugar de encontro, reparação e envio, onde Deus segue sendo o grande construtor de todas as travessias humanas.

Referências bibliográficas

BENTO XVI. *Caritas in Veritate: Carta Encíclica sobre o desenvolvimento humano integral na caridade e na verdade*. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2009. Disponível em: https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/encyclicals/documents/hf_ben-xvi_enc_20090629_caritas-in-veritate.html. Acesso em: 11 nov. 2025.

BENTO XVI. *Discurso à Universidade de São Tomás de Aquino (Angelicum)*. Vaticano, 21 jun. 2008. Disponível em: https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2008/june/documents/hf_ben-xvi_spe_20080621_angelicum.html. Acesso em: 11 nov. 2025.

BENTO XVI. *Discurso aos artistas*. Vaticano, 21 nov. 2009. Disponível em: https://www.vatican.va/content/benedictxvi/pt/speeches/2009/november/documents/hf_ben-xvi_spe_20091121_artists.html. Acesso em: 11 nov. 2025.

BENTO XVI. *Discurso aos membros da Universidade Católica do Sagrado Coração*. Vaticano, 2008. Disponível em: https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2008/november/documents/hf_ben-xvi_spe_20081121_universita-cattolica.html. Acesso em: 11 nov. 2025.

BENTO XVI. *Discurso na Universidade de Regensburg*. Alemanha, 12 set. 2006. Disponível em: https://www.vatican.va/content/benedictxvi/pt/speeches/2006/september/documents/hf_ben-xvi_spe_20060912_university-regensburg.html. Acesso em: 11 nov. 2025.

BENTO XVI. *Encontro com artistas: discurso do Santo Padre Bento XVI na Capela Sistina*. Vaticano, 2009. Disponível em: https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2009/november/documents/hf_ben-xvi_spe_20091121_artisti.html.

CONCÍLIO VATICANO II. *Gravissimum Educationis: Declaração sobre a educação cristã*. Vaticano, 28 out. 1965. Disponível em: https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vatii_decl_19651028_gravissimum-educationis_po.html. Acesso em: 11 nov. 2025.

FRANCISCO. *Discurso aos participantes do Congresso Global de Educação Católica*. Vaticano, 2022. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2022/october/documents/20221021-educazione-cattolica.html>. Acesso em: 11 nov. 2025.

FRANCISCO. *Evangelii Gaudium: Exortação Apostólica sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual*. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2013. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papafrancesco_esortazione-ap_20131124_evangelii-gaudium.html. Acesso em: 11 nov. 2025.

FRANCISCO. *Fratelli Tutti: Carta Encíclica sobre a fraternidade e a amizade social*. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2020. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papafrancesco_20201003_enciclica-fratelli-tutti.html. Acesso em: 11 nov. 2025.

FRANCISCO. *Veritatis Gaudium: Constituição Apostólica sobre as universidades e as faculdades eclesiásticas*. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2018. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_constitutions/documents/papafrancesco_costituzione-ap_20171208_veritatis-gaudium.html. Acesso em: 11 nov. 2025.

FREIRE, P. *Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido*. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

FREIRE, P. *Pedagogia do oprimido*. 1968.

JOÃO PAULO II. *Ecclesia de Eucharistia: Encíclica sobre a Eucaristia na sua relação com a Igreja*. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2003. Disponível em: https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_20030417_eccl-de-euch.html. Acesso em: 11 nov. 2025.

JOÃO PAULO II. *Ex Corde Ecclesiae: Constituição Apostólica sobre as universidades católicas*. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 1990. Disponível em: https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_constitutions/documents/hf_jp-ii_apc_15081990_ex-corde-ecclesiae.html. Acesso em: 11 nov. 2025.

MERLONI, C. *Escritos espirituais*. Roma: Instituto das Apóstolas do Sagrado Coração de Jesus, 1900.

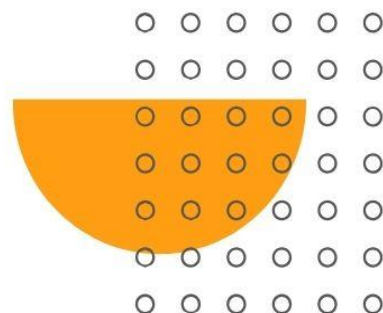


5

O PACTO EDUCATIVO GLOBAL E O ENSINO RELIGIOSO NA ESCOLA CATÓLICA:

CAMINHOS PARA UMA EDUCAÇÃO INTEGRAL, DIALÓGICA E SUSTENTÁVEL

Thaís de Lima Lins, Sérgio Rogério Azevedo Junqueira



O PACTO EDUCATIVO GLOBAL E O ENSINO RELIGIOSO NA ESCOLA CATÓLICA: CAMINHOS PARA UMA EDUCAÇÃO INTEGRAL, DIALÓGICA E SUSTENTÁVEL

Thais Lima Lins

Sérgio Rogério Azevedo Junqueira

I. Para início de conversa

A Igreja Católica Apostólica Romana (ICAR) reconhece o papel da educação na sociedade, conforme expressado ao longo de sua história, especialmente a partir da declaração *Gravissimum Educationis* (1965), que propõe uma educação comprometida com a formação integral do ser humano, abrangendo os aspectos físico, intelectual, moral e espiritual do indivíduo. Desse modo, observa-se um compromisso social específico da Igreja com a educação, bem como sua missão evangelizadora por meio da ação educativa.

Essa perspectiva foi confirmada e assumida no Pacto Educativo Global (PEG), lançado em 2019 pelo Papa Francisco, considerando a realidade da educação para toda a humanidade. Dessa forma, este convite é destinado às escolas de todos os continentes e diversas realidades para que reflitam sobre uma educação renovada enquanto resposta às questões da atualidade. Incentivado por algumas lideranças das Nações Unidas, o Pontífice realizou um chamamento a todas as pessoas de boa vontade, para realizar o referido Pacto Educativo Global, buscando formar uma Aliança entre família, escola e sociedade. Em seu discurso de lançamento afirmou que:

Toda a mudança requer um percurso educativo para construir novos paradigmas capazes de responder aos desafios e emergências do mundo atual, de compreender e encontrar as soluções para as exigências de cada geração e de fazer florir a humanidade de hoje e de amanhã. Disponível em: <https://www.educatemagis.org/wp-content/uploads/2021/03/A-NOVA-EDUCACAO-VERSION-PORTUGUES.pdf>. Acesso em: 3 dez. 2024.

Nesse contexto, o Pacto Educativo Global explicita e atualiza a compreensão da Igreja Católica Apostólica Romana acerca da educação, especialmente no âmbito do pontificado do

Papa Francisco, ao propor uma resposta educativa às demandas contemporâneas em escala global. No contexto brasileiro, essa proposta é interpretada e operacionalizada por meio de documentos e orientações elaborados pela Associação Nacional de Educação Católica (ANEC), que oferecem subsídios teóricos e pedagógicos para sua implementação nas escolas confessionais. A esse respeito, temos tais justificativas apresentadas no documento Pacto Educativo Global: Projeto executivo da ANEC (2020):

A construção de um Pacto Global pela educação vem da sensibilidade do Papa Francisco que traduz muitas das inquietações contemporâneas. Existe um contexto de individualização da vida, que significa ética e politicamente numa ruptura do nosso pacto social. O Instrumentum Laboris destaca ao menos cinco fatores que justificam a criação desta aliança global: 1- A mudança de época, que exige uma postura educativa diferenciada; 2- A egolatria – entendida como fratura entre povos, gerações e culturas diferentes; 3- A internet e as mídias sociais que, não obstante suas riquezas de possibilidades, instalaram desafios ao processo de formação da pessoa humana; 4- A fragmentação das subjetividades e a decorrente pobreza interior como resíduos do processo de tecnologização da vida; 5- A crise ambiental que não se restringe aos parâmetros ecológicos, mas que é compreendida como crise principalmente antropológica, pois no cerne do descaso com a Casa Comum está a indisponibilidade das pessoas para uma fraternidade universal.

As justificativas apresentadas têm o propósito de respaldar a importância do PEG e sua exequibilidade na educação básica no Brasil, sobretudo nas escolas confessionais católicas, permitindo identificar os desafios da educação contemporânea e a intencionalidade de uma educação humanizadora, ressignificada em consonância com as demandas pessoais, sociais, intelectuais e interculturais dos sujeitos mediados pela educação.

Efetivamente o caminho do Pacto Educativo Global pretende facilitar as relações interpessoais, tornando-as reais, vivas e solidárias. Assim, inicia-se um projeto duradouro que visa a formar as pessoas dispostas a se colocarem ao serviço educativo para a comunidade. Uma pedagogia concreta - baseada em testemunho, conhecimento e diálogo - é um ponto de partida para uma mudança pessoal, comunitária, social e ambiental. Por essa razão, é necessário um

“amplo pacto educativo, capaz de transmitir não só o conhecimento dos conteúdos técnicos, mas também, e sobretudo, a sabedoria espiritual e humana, feita de justiça” e comportamentos virtuosos capazes de serem materializados nas relações do dia a dia em toda a sociedade.

O Pacto Educativo Global demonstra que não é possível educar de forma isolada, compartimentada, fragmentada. Para Francisco, “não é possível educar sem induzir à beleza, sem induzir o coração à beleza. E o caminho da beleza é um desafio, que deve ser enfrentado”. Para dar conta dessa convocação e do apelo a um novo pacto educativo, o Papa Francisco propõe compromissos a serem assumidos e vivenciados. São eles: colocar a pessoa no centro de cada processo educativo; ouvir as gerações mais novas; promover a mulher; responsabilizar a família; abrir-se à acolhida; renovar a economia e a política; cuidar da casa comum.

Para que essa proposta possa acontecer, é preciso que nos unamos na reconstrução de um PEG, traduzido em uma ampla Aliança Educativa, que envolva todas e todos. Mudanças significativas exigem estratégias bem pensadas e planejadas; por essa razão, a educação torna-se a aposta e a porta para que essa mudança aconteça. Para isso, uma “aldeia educacional” precisa ser construída, pois a abertura ao outro, como fundamento, também compreende que: há um pacto quando, mantendo-se as recíprocas diferenças, opta-se por colocar as próprias forças ao serviço do mesmo projeto; há um pacto quando se reconhece no outro, no diferente, não uma ameaça à identidade, mas um companheiro, em que se descobre o esplendor da imagem de Deus.

A escola católica é um espaço privilegiado para promover um autêntico encontro entre culturas, na pluralidade de ideias. É um ambiente primoroso de interação entre pessoas em vista de uma nova história a ser pautada e construída a partir das novas gerações. É esta cultura do encontro que, simultaneamente, faz a escola católica ser um espaço contundente e provocador de comunhão, de diálogo e de partilha de conhecimentos acadêmicos que busquem compreender e promover a vida.

Neste sentido, uma escola católica é compreendida como uma escola em pastoral; então, essa seria aquela que está a serviço, que prioriza o cuidado com a pessoa em sua integralidade, que promove a inclusão e a justiça, a partir dos valores do Evangelho em comunhão com a Igreja. Cabe, assim, ao Projeto Educativo da Escola Católica apresentar e assumir, em seus propósitos e ações, uma síntese entre cultura e fé, ao mesmo tempo em que salvaguarda sua identidade confessional e a realização do seu papel social.

A Escola Católica trabalha no sentido de formar seres humanos, profissionais, éticos, responsáveis, comprometidos, competentes e solidários. Porém, esse agir necessita de uma

perfeita sintonia com a cultura da comunidade. Ao conceito de Educação Católica, compreende-se que a pessoa humana é vista como a presença viva de um Cristo que deu a própria vida para que todos se tornassem seres livres e felizes.

Esta instituição educacional confessional vinculada a ICAR é um espaço profético e missionário da Igreja, presente no campo da cultura acadêmica. Enquanto Igreja, por sua missão primeira, a Escola Católica evangeliza por meio de sua presença e atuação, sendo sinal de Deus entre crianças, jovens estudantes e toda a comunidade educativa. De acordo com o Código de Direito Canônico, para dar conta de tal múnus, a Escola Católica precisa estar presente em todas as dimensões de ser humano, anelando desenvolver com maestria e dignidade o afetivo, o psíquico, o cognitivo, o físico e o espiritual de cada um e de todos os seus membros, para que “adquiram um sentido mais perfeito da responsabilidade e o reto uso da liberdade, e sejam preparados para participar ativamente na vida social” (CIC, can. 795).

O PEG promove significativamente o fortalecimento da identidade pastoral nas escolas católicas, admitindo-se três dimensões de reflexão: a) dimensão cidadã: o pacto colabora com uma visão de mundo ampliada acerca da própria realidade de inserção do indivíduo, da perspectiva local à global – possibilitando a formação do cidadão em caráter nacional e do cidadão global. Ambas as instâncias formativas se constituem como fundamentais na educação contemporânea. A pastoral enriquece sua identidade em compromisso com a formação de alunos empenhados com a justiça social por meio da compreensão sobre os direitos, deveres e equidade social, estabelecendo uma sociedade que politicamente exercite o bem comum. Por conseguinte, b) dimensão antropológica: o pacto propicia a aprendizagem sobre o valor da cultura como uma expressão viva de formação humana, por meio do respeito à pessoa, inserindo-a no centro das reflexões e, portanto, das individualidades que compõem a diversidade cultural e religiosa nas sociedades. Tal dimensão produz identidade à pastoral escolar da Escola Católica, por priorizar uma educação cristã de respeito às diferenças, à dignidade humana, à espiritualidade comunitária, validando o protagonismo das infâncias e juventudes em seu percurso educativo como trilha de busca e realização na vocação a ser descoberta na relação consigo mesmo e no ethos cultural de pertencimento.

Dessa forma, configura-se uma c) Dimensão ecológica e ética: o projeto educativo de Francisco (PEG) corrobora o incentivo à prática do humanismo solidário, em respeito à criação divina. O cuidado com a Casa Comum e a noção de ecologia integral estimulam novas práticas de sustentabilidade e consciência socioambiental. Isso reforça a legitimidade da pastoral escolar como base motriz para o ensino evangelizador voltado à preservação do planeta e de todas as

formas de vida, reafirmando o compromisso da comunhão e da fraternidade, que geram um pacto pela proteção da criação e das criaturas, fundamentado em princípios cristológicos.

Diante dessa renovada consciência, a escola em pastoral necessita ser uma escola inserida na missão da Igreja, verdadeiramente confessional, que evangeliza, colocando-se a serviço do desenvolvimento integral da pessoa humana. O termo expressa e promove uma ação evangelizadora integrada e integradora, o que implica preparar pessoas abertas à experiência do encontro com Jesus.

Assim, por meio do projeto educativo da escola e do projeto de vida de cada educador e de cada educando, constitui-se a função mediadora exercida pela Pastoral Escolar, que apoia na tomada de consciência, com fins de encaminhar mudanças internas e externas, ampliando a possibilidade de novos aprendizados e intervenções transformadoras, com o propósito de gerar vida plena para todos.

A Escola Católica é convocada, por seu ambiente, a desenvolver atividades de instrução e aprendizagem que favoreçam os valores propostos pelo Evangelho, mesmo na pluralidade dos contextos culturais e na variedade de possibilidades educativas, colaborando na formação do respeito pela dignidade de cada pessoa. Além disso, na promoção da pesquisa científica com empenho rigoroso em relação à verdade, com a consciência dos limites do conhecimento humano, mas também com uma grande abertura da mente e do coração para o respeito pelas ideias, a abertura ao confronto, a capacidade de discutir e colaborar em espírito de liberdade e de atenção pela pessoa.

Verdadeiramente, a Escola Católica identifica-se enquanto espaço privilegiado para produzir um autêntico encontro entre culturas, semeando experiências num contexto de multiplicidade de ideias. É um espaço primoroso de convivência de pessoas que se reúnem com vistas a escrever uma nova história, pautada e construída a partir das novas gerações. A cultura do encontro é o que, simultaneamente, faz a Escola Católica ser um espaço contundente e provocador, instando-a a refletir continuamente sobre sua identidade, a fim de responder aos novos desafios e dialogar com os contextos emergentes. Para tanto, os últimos documentos do Dicastério para a Educação Católica, bem como eventos que discutem a educação confessional dessa denominação religiosa, retomam aspectos das discussões desde a *Gravissimum Educationis* e desafiam a propor perspectivas frente à pluralidade e aos novos contextos sociais.

II. Um desafio e uma proposta

As renovações paradigmáticas na educação perpassam pelo fazer ciência; logo, tal prerrogativa de direito dos cidadãos ocorre na educação básica. Neste artigo, optaremos pelo universo educacional da educação católica em específico, em razão de o PEG ser oriundo de uma proposta nascida a partir da influência da ICAR e da liderança religiosa do Papa Francisco. Sendo assim, relacionada à proposta do PEG e à sua flexibilidade para um desdobramento a nível de exequibilidade, admite-se uma leitura sobre o currículo de disciplinas da educação básica. A partir desta perspectiva, é possível compreender que, em especial, existe um componente no currículo das escolas confessionais católicas e públicas que se aproxima significativamente das propostas do PEG – estamos mencionando - o Ensino Religioso.

Ao contextualizar o Ensino Religioso na história da educação brasileira, com destaque para a escola católica, chegaremos à compreensão dos processos de afirmação de sua identidade pedagógica, assim como à possibilidade de contribuir no processo de compreensão de uma sociedade pluralista e diversa. Portanto, verifica-se o papel assumido pelo Ensino Religioso a partir da Base Nacional Comum Curricular, em proximidade direta com a proposta do Pacto Educativo Global. Afinal, busca-se validar a dignidade humana, compreender as diferenças culturais e religiosas, gerar um espírito de solidariedade e desenvolver compromissos ético-morais. Tal como descreve o *Vademecum* do Pacto Educativo Global, em sua mensagem introdutória do Papa Francisco: “Uma aliança entre os habitantes da terra e a «casa comum», à qual devemos cuidado e respeito. Uma aliança geradora de paz, justiça e aceitação entre todos os povos da família humana, bem como de diálogo entre as religiões.”

As compatibilidades entre os princípios do Pacto Educativo Global e a proposta do componente Ensino Religioso destacam-se em três aspectos fundamentais: educação integral e holística, promoção do diálogo inter-religioso, sustentabilidade e ecologia integral, que elucidam reflexões que corroborem com uma pesquisa científica colaborativa para a educação católica.

Visando à escolarização do Ensino Religioso, verificou-se a necessidade de aproximar este componente dos princípios pedagógicos propostos pelas legislações, tais como a importância de dialogar com uma sociedade plural e laica, valorizando a diversidade cultural e religiosa do país. Por esse motivo, a área de referência para o Ensino Religioso passa a ser a Ciência da Religião no Brasil. Assim ocorrem reflexões pautadas no ensinar e suas formas,

reverberando na consolidação do Ensino Religioso como componente curricular, assim como destacam Junqueira e Itoz (2019, p.17):

A partir desta abordagem se constrói a leitura do Ensino Religioso, tendo como ciência de referência as Ciências da Religião, para que se permita a valorização do pluralismo e da diversidade cultural presentes na sociedade brasileira, favorecendo a compreensão das formas que exprimem a diversidade religiosa presente na realidade. Para tal é necessário proporcionar o conhecimento dos elementos básicos que compõem o fenômeno religioso, a partir das experiências religiosas percebidas no contexto do educando; assim como subsidiar o educando na formulação do questionamento existencial, em profundidade, para dar sua resposta devidamente informado; analisar o papel das tradições religiosas na estruturação e manutenção das diferentes culturas e manifestações socioculturais; facilitar a compreensão do significado das afirmações e verdades de fé das tradições religiosas; refletir o sentido da atitude moral como consequência do fenômeno religioso e expressão da consciência e da resposta pessoal e comunitária do ser humano; possibilitar esclarecimentos sobre o direito à diferença na construção de estruturas religiosas que têm na liberdade o seu valor inalienável.

Ainda sobre o processo de instauração do componente Ensino Religioso, faz-se importante, no contexto de validação científica e do ensino na escola, destacar o que afirma Passos (2015, p. 27): “Não há ciência se não for construída pelas pesquisas e não há ensino escolar instituído sem ciência”. Logo, a ciência da religião vem assumir um papel fundamental para a eficácia do Ensino Religioso, indo além de um contexto meramente universitário, como pondera Cavallin (2021, p. 1): “a ciência da religião é, antes de tudo, uma atividade da razão teórica, deixando a aplicação do conhecimento acadêmico a contextos extra-acadêmicos”. Diante desse contexto, o panorama atual do Ensino Religioso no Brasil permite-nos compreender o que cita Brasil (2023, p. 16): “Após a redemocratização, o modelo de laicidade que se desenvolvia no país apontava em direção à valorização da diversidade

cultural e religiosa, e da ampla tolerância com sua manifestação”. Portanto, quanto ao seu caráter de disciplina escolar, tomamos como base de entendimento o que afirma Passos (2015, p. 27):

O processo de institucionalização do ER não contou com um acúmulo epistemológico do qual fosse nada mais que uma espécie de resultado natural, prevaleceu em âmbito nacional o caminho político que instituiu legalmente a disciplina, porém sem as bases constituídas de uma área de conhecimento que, por si mesma, pudesse reivindicar seu lugar no ensino oficial ou nesse status fosse inserida pela força das relevâncias científica e sociocultural.

Compreender o modelo de laicidade vivido no Brasil implica diretamente na concepção de Ensino Religioso presente nas escolas, haja vista que o referencial legal orienta direta ou indiretamente as instituições educacionais, associado também à Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e as matrizes curriculares próprias de cada escola. Considerando as escolas confessionais católicas é possível frisar o que pontuam Junqueira e Itoz (2019, p.16-17):

O componente curricular Ensino Religioso assume o papel contundente de apresentar diferenciados objetos de conhecimento para refletir sobre critérios que fundamentam compromissos éticos e posturas morais, bem como discuti-los e analisá-los, para garantir a expressão das liberdades, o exercício da justiça, o direito a ser diferente, a solidariedade às causas humanas, em busca da plena defesa da dignidade do ser humano.

Existem interrelações plausíveis entre o PEG e o Ensino Religioso, as quais evidenciam princípios educativos que se conectam com os objetivos do PEG e as habilidades do componente Ensino Religioso numa leitura a partir da BNCC (2018). Tais interlocuções manifestam as associações possíveis para o desenvolvimento de atividades pedagógicas, projetos educativos e propostas de ensino e aprendizagem nas escolas, visando à exequibilidade do PEG mediante as possibilidades aplicáveis a cada realidade escolar e/ou comunidade educativa.

Nesse sentido, a educação integral e holística surge como um chamado presente no Pacto Educativo Global. O documento *Instrumentum Laboris* do Pacto Educativo Global (2020, p. 2-3) cita parte do argumento do Papa Francisco nesta perspectiva:

Nunca como agora – num contexto dilacerado por contrastes sociais e sem uma visão comum – é urgente uma mudança de rumo que – através de uma **educação integral** e inclusiva, capaz de uma escuta paciente e de um diálogo construtivo – faça prevalecer a unidade ao conflito. Para este fim, é altamente desejável, afirma o Papa, que sejam iniciados processos de partilha e transformação, com todas as iniciativas necessárias para permitir às gerações futuras a construção de um futuro de esperança e de paz.

O entendimento acerca da educação integral, holística e inclusiva admite uma interpretação baseada na formação geral do indivíduo, considerando diferentes aspectos: pessoal, social, intelectual e espiritual. Respeitando as individualidades e colocando a pessoa no centro do processo educativo, como orienta o primeiro objetivo do PEG, de acordo com o documento *Vademecum* do Pacto Educativo Global (2020, p.9): “Colocar a pessoa no centro de cada processo educativo, realçar a sua especificidade e a sua capacidade de estar relacionado com os outros, contra a cultura do descartável.”

Em consonância com os objetivos propostos pelo Pacto Educativo Global (PEG), o componente curricular Ensino Religioso apresenta habilidades que colocam a pessoa no centro do processo educativo. Essas habilidades estão alinhadas ao ensino de valores, à construção da identidade, à valorização da diversidade, às práticas culturais, às tradições religiosas e à vivência da alteridade.

A promoção do diálogo inter-religioso está direcionada ao objetivo 5 do PEG: abrir-se à acolhida, assim descrito no *Vademecum* do Pacto Educativo Global (2020, p.9): “Educar e educar-nos à acolhida, abrindo-nos aos mais vulneráveis e marginalizados.” A importância do acolhimento ressoa como urgente em um mundo polarizado e demarcado por problemáticas sociais tão excludentes, tais como: intolerância religiosa e racismo religioso.

Ambas as problemáticas, por exemplo, são abordadas no Ensino Religioso com a intencionalidade educativa de promover o respeito às diferenças, estimular a tolerância diante das relações humanas e fomentar o diálogo inter-religioso. Todos esses aspectos são reforçados no texto publicado a partir do Encontro dos Líderes das Religiões Mundiais com o Papa Francisco: “Religiões e educação: rumo a um pacto pela educação” (2023, p.3):

As religiões sempre tiveram uma relação estreita com a educação, acompanhando as atividades religiosas com as educativas, escolares e

acadêmicas. Como no passado, também hoje queremos, com a sabedoria e a humanidade das nossas tradições religiosas, ser estímulo para uma renovada ação educativa que possa fazer crescer no mundo a fraternidade universal. (Mensagem do Papa Francisco para o lançamento do Pacto Educativo Global – 12/09/2019).

O princípio educativo da sustentabilidade e da ecologia integral relaciona-se diretamente ao objetivo 7 (sete) do PEG: Cuidar da casa comum. O destaque do Dicionário do Pacto Educativo Global explica o que significa a casa comum e o sentido de cuidar (2021, p. 40).

Casa, de forma objetiva é o lugar onde se vive. Comum, traz o toque da subjetividade, pois acena para o sujeito que habita a casa, nesse caso, sujeito. Sendo a casa habitada por sujeitos-pessoas, convém lembrar que cada pessoa também tem sua casa individual, seu corpo, seus ecossistemas pessoais, onde se conectam seus valores transcendentais. (...) O termo Casa Comum, portanto, evoca a consciência e a responsabilidade de cada pessoa que habita o Planeta Terra. Consciência de suas possibilidades existenciais e a responsabilidade pelo seu cuidado pessoal e coletivo, pois a casa é de todos e todas. E todos/as dela dependem para viver, sejam as atuais ou as futuras gerações. A ciência e todo o processo formativo geram o conhecimento dessas realidades fomentando a consciência e o compromisso no cuidado do ambiente vital.

Compreender o termo “Casa Comum”, em suas dimensões científica, espiritual e subjetiva, leva-nos a estabelecer vínculo com algumas habilidades do componente curricular Ensino Religioso, tal como a descrita para o oitavo ano da BNCC (2018): “(EF08ER02) Identificar os valores promovidos pelas tradições religiosas em relação à justiça social, à sustentabilidade e ao cuidado com a vida.” Desse modo, a sustentabilidade promovida pela consciência ambiental converge em alinhamento ao PEG e às habilidades do Ensino Religioso, trazendo à tona o entendimento sobre a ecologia integral como um tema que se interconecta às práticas humanas, ao consumo consciente, ao respeito ao meio ambiente e às espiritualidades que reconhecem a relação ética, simbólica e religiosa entre o ser humano e a natureza, presentes em diferentes tradições culturais e religiosas.

Nesse sentido, a proposta de articulações dinâmicas entre o princípio educativo, os objetivos do Pacto Educativo Global e as habilidades do Ensino Religioso estabelece um diálogo fluido com as práticas pedagógicas e, uma vez implementadas nas escolas de educação formal católicas, promoverá o estreitamento entre o PEG e o componente curricular Ensino Religioso para a consolidação de uma educação holística e humanizadora.

III. Compreende-se:

As reflexões emergentes das possibilidades de articulação entre o PEG e o Ensino Religioso, a partir dos aspectos da educação integral e holística, da promoção do diálogo inter-religioso e da sustentabilidade e ecologia integral, são relevantes para o campo de estudo da Ciência da Religião e para a linha de pesquisa Religião e Sociedades, admitindo conjecturas construtivas pautadas na aplicabilidade do Ensino Religioso como componente curricular que possui uma ciência de referência e, portanto, dialoga com uma percepção de temas atuais como o PEG e sua influência na educação, bem como sua influência para a consolidação da identidade pastoral nas escolas católicas do ensino básico.

Desta forma, as contribuições do Ensino Religioso ampliam, com certeza, a discussão sobre o PEG, com destaque no espaço das escolas católicas, por estas se articularem com a validação dos documentos da Igreja Católica e comungarem com a visão do sumo pontífice, o Papa Francisco. Este componente curricular, a partir da BNCC, organiza habilidades, competências e unidades temáticas, que se inter-relacionam com os princípios do PEG, podendo, assim, ser um agente promotor das reflexões e possíveis implementações do PEG nas escolas católicas. Ressalta-se que tais atribuições são sugeridas como propostas pedagógicas, pois as parcerias entre diferentes agentes na escola católica seriam importantes para uma exequibilidade do PEG mediante seus objetivos e intencionalidades.

Referenciais Bibliográficas:

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE EDUCAÇÃO CATÓLICA – ANEC. **Pacto Educativo Global: Projeto executivo da ANEC**. Brasília: ANEC, 2020.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018.

CAVALLIN, Paul Clemens. Ciência da religião aplicada: quatro tipos ideais. *REVER*, São Paulo, v. 21, n. 1, 2021. Tradução de Adilson Skalski Zabiela. Revisão de Fábio L. Stern.

CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. **Gravissimum Educationis: Declaração sobre a educação cristã**. Promulgada por Paulo VI em 28 de outubro de 1965. Disponível em: https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_decl_19651028_gravissimum-educationis_en.html. Acesso em: 05 nov. 2025.

CONGREGAÇÃO PARA A EDUCAÇÃO CATÓLICA. **Vademécum do Pacto Educativo Global**. Roma: Dicastério para a Cultura e a Educação, 2021. Disponível em: <https://www.educationglobalcompact.org/resources/Risorse/vademecum-portuges.pdf>. Acesso em: 05 nov. 2025.

DEGRANDIS, F. Currículo evangelizador. In: JUNQUEIRA, S. R. A.; LEAL, V. A.; RIAL, G. (orgs.). **Compêndio de Pastoral Escolar para a Educação Básica**. Brasília; Petrópolis: Edições CNBB; Vozes, 2021. p. 189-196.

HERRERA CONTRERAS, Humberto Silvano; PAULA, Ir. Jorge Luiz de; CHESINI, Ir. Cláudia, ACSC (orgs.). **Dicionário do Pacto Educativo Global - Dictionario del Pacto Educativo Global**. Curitiba: ANEC, 2021. 171 p. ISBN 978-65-991727-4-8. Disponível em: <https://anec.org.br/wp-content/uploads/2020/12/Dicionario-Pacto-Educativo-Global-2021.pdf>. Acesso em: 06 nov. 2025.

IGREJA CATÓLICA. **Código de Direito Canônico**. Promulgado por João Paulo II em 25 de janeiro de 1983. São Paulo: Loyola, 1983. Disponível em: https://www.vatican.va/archive/cod-iuris-canonici/cic_index_po.html. Acesso em: 05 nov. 2025.

JUNQUEIRA, Sérgio Rogério Azevedo; BRANDENBURG, Laude Erandi; KLEIN, Remí (orgs.). **Compêndio do Ensino Religioso**. São Leopoldo: Sinodal; Petrópolis: Vozes, 2017. ISBN 978-85-326-5546-2.

JUNQUEIRA, Sérgio Rogério Azevedo; ITOZ, Sônia. Escola católica: Ensino Religioso e BNCC. *Revista Educ*, Brasília, ano 42, n. 158, p. 12-27, jan./jun. 2019.

JUNQUEIRA, Sérgio Rogério Azevedo; LEAL, Ir. Valéria Andrade, ASCJ; RIAL, Gregory (orgs.). **Compêndio de Pastoral Escolar para a Educação Básica na Escola Católica**. Brasília: Edições CNBB; Petrópolis: Vozes, 2021. 424 p. ISBN 978-65-5713-347-7 (Vozes); 978-65-5975-055-9 (Edições CNBB).

KLEIN, Luiz Fernando, S.J. **Papa Francisco: A nova educação e o Pacto Educativo Global**. Montserrat Fotografía / Argentina; Entreculturas ONGD; Edição da Conferência dos Provinciais na América Latina e Caribe – CPAL, mar. 2021.

PACTO EDUCATIVO GLOBAL. **Instrumentum Laboris**. Roma: [s.n.], 2020.

PAPA FRANCISCO. **Religiões e educação: rumo a um pacto pela educação**. Brasília: Edições CNBB, 2023. Documento elaborado a partir do Encontro dos Líderes das Religiões Mundiais com o Papa Francisco, realizado em 5 de outubro de 2021, no Vaticano. Disponível em: <https://www.cnbb.org.br/livro-traz-reflexoes-do-papa-sobre-o-pacto-educativo-e-o-papel-das-religoes/>. Acesso em: 05 nov. 2025.

PAPA FRANCISCO. **Videomensaje del Santo Padre con ocasión del lanzamiento del Pacto Educativo**. 12 set. 2019. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/es/messages/pont-messages/2019/documents/papa-francesco_20190912_videomessaggio-patto-educativo.html. Acesso em: 05 nov. 2025.

PASSOS, João Décio. Epistemologia do Ensino Religioso: do Ensino à Ciência, da Ciência ao Ensino. *REVER*, São Paulo, ano 15, n. 2, jul./dez. 2015.



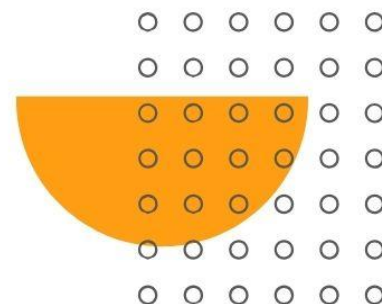
6



PASTORAL UNIVERSITÁRIA - DIÁLOGOS ECUMÊNICOS COMO UM DOS DESAFIOS DA ATUALIDADE:

A MISSÃO DA IGREJA NUMA SOCIEDADE PLURAL

Eduardo de Campos Garcia



PASTORAL UNIVERSITÁRIA - DIÁLOGOS ECUMÊNICOS COMO UM DOS DESAFIOS DA ATUALIDADE: A MISSÃO DA IGREJA NUMA SOCIEDADE PLURAL

Prof. Eduardo de Campos Garcia

A missão da Igreja:

Documentos produzidos pelo Vaticano, como o decreto *Ad Gentes* – Para as Nações, enfatizam que “a Igreja, toda ela em sua própria natureza, precisa ser missionária. Essa condição tem origem no envio de Jesus Cristo pelo seu Pai e é impulsionada pelo Espírito Santo, que mantém e anima a própria Igreja” (Paulo VI, 1998). Nesse contexto, o próprio anúncio do nascimento de Jesus é, por si só, a essência de toda missão da igreja, afinal, foi esse marco que alterou todo o rumo da história. Por esse motivo, a pastoral, como uma ação da Igreja Católica, que sustenta o acolhimento a toda e qualquer pessoa e anuncia os trabalhos de Jesus, não é somente um caminho a ser percorrido, mas os próprios pés de Jesus que seguem pela Terra ensinando os sentidos atribuídos à vida plena.

Na paisagem que se desenha, o conceito de “vida plena” intriga a razão humana, porque interfere nos valores de uma sociedade que se organiza por meio da meritocracia e do mercado, lógica na qual a maioria das instituições de ensino superior operam. Habermas (2013), em seu livro “Fé e Saber”, entende que a linguagem do mercado – meritocrática – penetra em todos os poros da sociedade, forçando todas as relações entre os seres humanos a se pautarem na autorreferência, por meio da qual as escolhas passam a ser solitárias e de acordo com as próprias preferências. Tudo isso é um problema do ponto de vista de quem é cristão; ou pelo menos deveria ser.

Flusser (2002), em síntese, afirma que, em épocas nas quais as sociedades são religiosamente férteis, há uma educação para que o indivíduo desenvolva a sua capacidade de doação; o oposto ocorre no tempo atual: uma época em que a religiosidade é culturalmente empobrecida, porque cede lugar às tecnologias, e em que atua uma força repressora sobre os afetos e os sentidos de doação. Tal dinâmica se caracteriza pelo isolamento. Nesse contexto, cabe ressaltar que as instituições de ensino superior formam pessoas para o mercado e, por esse motivo, adotam para si uma postura meritocrática. Contudo, o que se anula, nessa perspectiva, é a relação social e humana, os afetos positivos, o diálogo e, como consequência, o amor, que

dá lugar ao egoísmo. Desse modo, competição, afastamento social e múltiplos ranqueamentos são fatores que ferem o sentido de vida proclamado por Jesus Cristo. Trata-se de um problema contínuo e recorrente entre os jovens na atualidade. A solidão, contrária à vida em comum e aos sentidos de comunhão e celebração, passa a compor a memória, o passado de inúmeros universitários. Não é à toa que Habermas (2013) explica que uma das perturbações mais profundas de todo ser humano é o princípio da irreversibilidade dos sofrimentos já ocorridos. Com tantos sentimentos, possivelmente negativos, a pastoral tem um sentido de salvação, porque uma de suas missões é acolher, ouvir e dialogar. Por isso, não se pode esquecer que Jesus ensina o perdão e o autoperdão como forma de libertação do passado. Em todos os sentidos, a caminhada com Jesus mostra que é possível compreender o significado da felicidade.

Sobre a felicidade, o Papa Francisco explicou que a busca por ela é um caminho comum a todas as pessoas de todos os tempos e de todas as idades porque o próprio Deus colocou no coração de cada homem e de cada mulher um desejo irreprimível de felicidade e de plenitude (Centofanti, 2019). Logo, uma vida plena é uma vida com felicidade. Não foi à toa que Paulo VI (1998), em síntese, disse que é importante que o dicastério seja tanto um instrumento de administração quanto um órgão de direcionamento dinâmico e, em função disso, precise empregar métodos científicos como elemento necessário à investigação teológica e seguir em missão por meio de suas pastorais. Ou seja, é significativo, aos olhos da Igreja, que as pastorais assumam o seu papel como agentes de transformação social, tendo como base a Palavra de Jesus e, para além disso, assumam, também, a sua responsabilidade como construtoras de conhecimento em uma sociedade multifacetada. Nesse caminho, a felicidade e a vida plena passam a ser configuradas como categorias éticas. Logo, precisam realizar-se como valor humano que se desdobra em ações na e pela sociedade.

Foi exatamente isso que os jesuítas, entre tantas outras congregações, fizeram. Como apresentado nas cenas do filme “A Missão” (1986), inúmeros missionários, em nome da ação pastoral, deixaram suas terras de origem e foram para outros lugares transformar a relação humana por meio do Evangelho e, sendo fiéis à mensagem de Cristo, lutar pela dignidade daqueles que sequer eram reconhecidos como seres humanos; mais do que isso, a intenção era também o desenvolvimento tecnológico, tendo como resultado a autonomia e a liberdade. Nessa luta, configurada como uma manifestação de arte, filosofia e fé, a convivência com alguns povos originários e a vontade de transformação por meio do convívio eram a marca do trabalho pastoral. Por meio desse olhar, conviver é o mesmo que compreender, acolher, observar, aconselhar, aprender com o outro e, por meio da confiança que se estabelece, dialogar sobre

valores e processos para a mudança: uma mudança em Cristo. Afinal, a participação pastoral não se trata de um trabalho, mas de um convívio entre pessoas, tendo como finalidade o anúncio dos ensinamentos de Cristo em busca da verdade. Esse anúncio se sustenta pela fé; uma fé que gera vida e reflexão sobre a própria vida em Cristo. Como anunciado pelo Apóstolo João: “conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará” (Jo 8,32).

É preciso ir além: embora hoje se viva no século XXI, inúmeras pessoas sofrem com angústias e falta de esperança, sem vida plena. Muitas pessoas, inclusive as juventudes, vivem um paradoxo entre o mundo real e o mundo ideal. Tudo isso pode provocar dúvidas e dor a ponto de Habermas (2013) afirmar que, nos tempos atuais, ainda não se dispõe de conceitos apropriados para a diferenciação do que é moralmente incorreto e profundamente mal. Os caminhos são confusos. Nessa confusão, o mundo globalizado, as novas tendências tecnológicas, os afastamentos entre as pessoas provocados pelas redes sociais, quando usadas sem propósitos de dignificação e/ou sem a cautela necessária, têm apagado a chama da vida. Nesse mundo, as juventudes, em busca de felicidade, a cada dia se medicam e são medicadas com psicotrópicos com o intuito de conseguir sorrir e suportar cargas emocionais que lhes são atribuídas como responsabilidade. Isso é tão significativo e digno de reflexão que o Papa Francisco afirmou aos jovens que a felicidade não se compra no supermercado (Centofanti, 2019). Sobre isso, sob a mesma perspectiva, Garcia (2012) já dizia que a felicidade não se compra na farmácia.

Nesse trajeto, com uma paisagem solitária e vazia, a depressão, a tristeza, a falta de afetos positivos, como explicado por Garcia (2020), têm se tornado objetos culturais, que impulsionam a venda de fármacos para a manutenção da vida e para tentativas de sentir satisfação com a própria experiência terrena. A vida, que deveria ser plena, torna-se um objeto cultural patologizado; isso significa que o ser humano e sua existência sucumbem as cobranças estéticas da contemporaneidade e vivem como se o próprio corpo fosse uma mercadoria. Na atualidade, há uma tentativa de realização emocional por meio de fármacos, uma distorção da própria imagem por meio do corpo ideal; isso é patológico. Logo, tornar-se um objeto cultural é o mesmo que ser objetificado e, como consequência, consumido. Mas somente a medicina é capaz de alterar esse quadro cinza que se manifesta como arte da vida? A resposta é: não.

Hoje, inúmeros antropólogos, sociólogos, filósofos, teólogos, neuropedagogos, psicanalistas, psicólogos, psiquiatras e neurologistas, que lutam pela despatologização do comportamento, questionam alguns métodos usados pela medicina alopática e colocam em discussão o excesso de medicalização, muitas vezes sem necessidade, bem como os

diagnósticos cada vez mais precoces que estão em cena. Não é à toa que a Universidade de Maryland (EUA) publicou uma nota alarmante em 2024, na qual explicita que, abaixo dos 17 anos de idade, há um número crescente de crianças e adolescentes que estão recebendo prescrição de vários medicamentos psiquiátricos para serem tomados simultaneamente, sendo que muitos deles não estão relacionados a um diagnóstico concluído. Paralelamente a isso, nas academias de ginástica e nas mídias, pessoas diversas, presas na ilusão da beleza cosmética, buscando satisfação pela imagem refletida no espelho, inflamam e/ou intoxicam seus corpos, numa tentativa de esculpi-los a partir de treinos exaustivos e consumo de anabolizantes. Sobre isso, Garcia (2025) explica que quem usa suplementos anabólicos para alterar o seu corpo está mais preocupado com a imagem do que com a própria saúde e qualidade de vida. Por isso, é preciso pensar: é possível experienciar uma vida plena quando os valores se tornam superficiais?

Tudo isso revela uma triste realidade: quando o mundo não muda de modo humanizado, as pessoas tentam, de alguma forma, sobreviver nele por meio de técnicas possíveis, algumas proporcionadas pela medicina, outras por tantos outros meios. Desse modo, a ciência mantém ativa a evolução das sociedades. Entretanto, como tentou dizer Friedrich Nietzsche (1844-1900), no conjunto de sua obra, em síntese, toda sociedade evolui, não significa que para melhor. Tudo isso exige um alerta! Diante disso, qual é a função da pastoral universitária no meio de todo esse jogo social?

Há uma alternativa para esse mundo que se sobrecarrega com os prazeres imediatos e com as ilusões que se criam como forma de vida feliz. Existem pessoas que, ao assumirem seu compromisso com a espiritualidade por meio de sua religião, entregam-se à vida de modo que as tentações terrenas deixam de ser atraentes. Essas pessoas mudam por fora e mudam seu estilo de vida, porque aprimoraram as suas experiências, apropriando-se dos ensinamentos de Jesus. Elas se tornam íntimas do evangelho e, desse modo, a comunhão e a eucaristia são, para elas, o pão da vida. Essa mensagem é forte e fundamenta as pastorais, entre as quais está a pastoral universitária. Afinal, o próprio Jesus anunciou ao seu povo: Eu sou o pão da vida. Quem vem a mim não terá mais fome e quem crê em mim não terá mais sede (Jo 6,35). A pastoral universitária tem como missão ser pão para aqueles que, estando longe de casa, das suas famílias, ou que seguem com o cansaço do dia a dia, porque trabalham e estudam, necessitam de uma força que alimente o espírito da esperança. A pastoral universitária pode ser esse espaço de esperança, de aconselhamento e de comunhão que alimenta.

Por isso, reafirmando o trabalho pastoral como missão da igreja, em 1974, o Padre José Weber compôs, para a Campanha da Fraternidade, uma das canções que anuncia a essência da palavra cristã: “*eu vim para que todos tenham vida, que todos tenham vida plenamente*”. Logo, as pessoas que escolhem os ensinamentos de Jesus compreendem que a vida precisa ser plena, mas uma plenitude cujas raízes se sustentam na missão da Igreja.

Para além de tudo o que foi exposto, entre esses dois mundos, que podem ser divididos por meio das categorias, objetificação da vida ou vida em missão, há, também, as escolhas das instituições de ensino superior que precisam, quando confessionais, oferecer algo a mais do que somente uma formação para o mercado. Quando uma pessoa deixa a sua casa e segue para a universidade, nesse espaço de produção da ciência, surge um outro universo, que se expande em sonhos, dúvidas, responsabilidades e medo. O medo é um sentimento que entra em cena quando se acredita em algo cujos resultados são imprevisíveis ou quando a superstição gera buscas por ensinamentos que resultam em cobranças e alianças de dor. O medo paralisa a ponto de sua manifestação excessiva ser clinicamente diagnosticada como síndrome do pânico. O medo é acreditar em algo que presumidamente pode acontecer, mas cuja natureza habita o mal, pois é sempre uma crença em algo ruim. O contrário do medo não é a coragem, mas a fé.

A fé também é uma manifestação de crença, mas se coloca em cena quando as pessoas acreditam em algo bom. Contrária ao medo, a fé impulsiona a vida. Torna-se a força propulsora da conduta, de modo que a sua vivência estimula a busca pela plenitude. Sustentada pela oração, pela conversão e pela ética cristã, a fé proporciona a vida plena. Nesses cenários, as instituições de ensino confessionais estão, ao mesmo tempo, assumindo o seu papel em produzir ciência e, por meio da pastoral universitária, declarando seu compromisso com a missão da Igreja. O Papa Leão XIV (2025) propõe uma reflexão que vai além: explica que o coração da missão da Igreja não se trata de administrar um poder sobre os outros, mas de comunicar a alegria de quem foi amado exatamente quando não o merecia – ou seja, o que pulsa numa pastoral é o desejo de acolher a todos e a todas por meio dos ensinamentos de Cristo Jesus. Em outro momento, o Papa Francisco explica que o caminho para a satisfação pessoal é buscar o bem do próximo (Centofanti, 2019). Logo, centros universitários com pastoral universitária ativa comprometem-se tanto com a missão de formar pessoas para a ciência quanto com a de acolher seus estudantes para a vida plena e a felicidade como categoria ética. Portanto, a missão da pastoral universitária, na atualidade, passa por reconhecer a diversidade humana para que, desse modo, possa acolhê-la.

Quando se fala de sociedade, de mundo e de cultura da humanidade, o que dá sentido à diversidade são as diferenças, as identidades múltiplas, o multifacetamento e as outridades; e tudo isso representa as ações e formações de coletivos como o movimento pretitude e negritude, as pessoas LGBTQIA+, homens e mulheres, os PCDs, e, também as diferentes formas e meios de manifestação da fé. Por isso, quando se trata da usabilidade do conceito de diversidade em função da fé, a palavra que se aplica é ecumenismo. Não obstante, segundo André Beato (2018), a palavra *oikouméne* significa a terra habitada, o mundo conhecido e civilizado, o universo; e, por esse motivo, antigos sacerdotes compreendiam *oikouméne* como Igreja Universal. Hoje, é possível entender que ecumenismo é uma prática que tem como intenção acolher e incluir, segundo o amor de Jesus Cristo e de sua Palavra, sem que elementos históricos, que separaram as igrejas e a fé, interfiram nos encontros. Nesse cenário, as instituições de ensino superior são espaços em que inúmeras pessoas permanecem por algum tempo e sendo esse mesmo espaço o encontro de inúmeros sentimentos de fé e medo, quando a pastoral universitária assume uma proposição ecumênica, ela permite que as diferenças sejam acolhidas e abraçadas. Por isso, Di Bussolo (2020) explica que, para o Papa Francisco, o caminho ecumênico é uma exigência essencial da fé, um "requisito" factual para todos aqueles e aquelas que se sentem discípulos de Cristo. Portanto, a pastoral universitária, quando ecumênica, e fazendo uso de uma metáfora, mais do que uma porta aberta para acolher as diferenças, torna-se um coração aberto para receber todo aquele que chega. Por fim, é necessária uma profunda reflexão sobre a sociedade atual e o comprometimento com as suas necessidades humanas, entre elas a de ter um espaço para falar sobre espiritualidade e refletir sobre os ensinamentos de Jesus Cristo. Por meio desse olhar, a pastoral universitária pode ser esse lugar de encontro, de acolhimento, de diversidade e de fé.

Referências Bibliográficas:

BEATO, André Felipe Gomes. A Igreja Católica e o Movimento Ecumênico: da Conferência de Edimburgo ao II Concílio Vaticano. (1910- 1965). Universidade Católica Portuguesa – Faculdade de Teologia. Lisboa. 2018. Disponível no site: Veritati - Repositório Institucional da Universidade Católica Portuguesa: A Igreja Católica e o Movimento Ecumênico: da Conferência de Edimburgo ao II Concílio do Vaticano : 1910-1965.

CENTOFANTI, Sergio. Papa Francisco e o caminho da verdadeira felicidade. In: Vaticano News. Publicado em 20 de março de 2019. Disponível em: <https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2019-03/paap-francisco-alegria-decalogo.html>

Acesso em 05 de novembro de 2025 às 0h20

DI BUSSOLO, Alessandro. Francisco e o ecumenismo: um “caminho irreversível”. In: Vaticano News. Publicado em 26 de maio de 2020. Disponível em: <https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2020-05/francisco-ecumenismo-papa-igreja.html>

Acesso em: 01 de novembro de 2025 às 23h

FLUSSER, Vilém. Da Religiosidade. São Paulo, SP: Editora Escrituras, 2002.

GARCIA, Eduardo de Campos. Biopolítica, filosofia e estudos decoloniais. São Paulo, SP: SENAC, 2025.

GARCIA, Eduardo de Campos. Implante Coclear: estudos concernentes a biopolítica, ao biopoder e ao biocapital em III Volumes. Chisinau, Moldávia: NEA, 2020.

GARCIA, Eduardo de Campos. A felicidade não se compra na farmácia – uma análise crítica e reflexiva sobre o uso desenfreado de medicamentos psicotrópicos. São Paulo, SP/Brasília, DF: Revista de Sustentabilidade e Qualidade de Vida da Rede Sustentabilidade, 2012.

HABERMAS, Jürgen. Fé e Saber. São Paulo, SP: UNESP, 2013

JOFFÉ, Roland. A Missão. Reino Unido; Goldcrest Films, 1986

JOÃO. A Bíblia Sagrada Edição Pastoral – Evangelho segundo João. São Paulo, SP: Paulus, 1990.

JOÃO XXIV. A missão da Igreja não é exercer poder, mas comunicar a alegria da Ressurreição, diz Leão XIV. In: Apontamentos de Victória Cardiel Para o Jornal ACIDIGITAL – Edição de 01 de outubro de 2025 - EWTN. Disponível em: <https://www.acidigital.com/noticia/64769/a-missao-da-igreja-nao-e-exercer-poder-mas-comunicar-a-alegria-da-ressurreicao-diz-leao-xiv>

Acesso em 01 de novembro de 2025 às 23h

MARYLAND University. Aumenta o número de crianças e adolescentes que tomam vários medicamentos psiquiátricos, aponta estudo. In: Revista Eletrônica de Saúde e Bem Estar Por Crescer – Publicado em 11 de novembro de 2025. Disponível em: <https://encurtador.com.br/afZR> Acesso em: 11 de novembro de 2025

Paulo VI. AD GENTES - Decreto do Concílio do Vaticano II: Sobre a atividade missionária da igreja. São Paulo, SP: Paulinas, 1998.

WEBER, José. Campanha da Fraternidade – CNBB. Brasil, 1974.

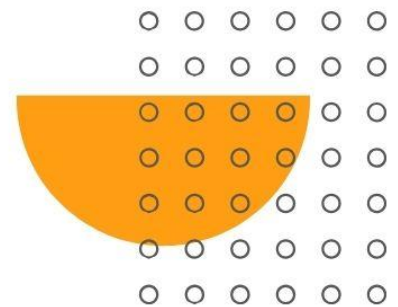


7

PESSOA, SOCIEDADE E TECNOLOGIA:

A INFLUÊNCIA DOS PROJETOS SOCIAIS NA FORMAÇÃO ACADÊMICA

Rafael Mahfoud Marcoccia



PESSOA, SOCIEDADE E TECNOLOGIA: A INFLUÊNCIA DOS PROJETOS SOCIAIS NA FORMAÇÃO ACADÊMICA

Rafael Mahfoud Marcoccia

Abstract

Este artigo é um relato da minha experiência como professor da disciplina Pessoa, Sociedade e Tecnologia no Centro Universitário FEI, utilizando o estudo do meio como metodologia ativa no ensino desse conteúdo programático. Um dos pilares do curso é a realização de uma ação social em uma instituição do terceiro setor, na qual os estudantes desenvolvem um projeto de apoio às necessidades identificadas. O objetivo geral foi apresentar a maneira como o conteúdo da disciplina é abordado e transmitido aos alunos, assinalando as estratégias e os resultados alcançados. O trabalho é baseado em minhas observações diretas das experiências dos alunos, bem como em relatos obtidos. Concluo que a metodologia em questão favorece o aprendizado pessoal e social dos estudantes, pois incentiva os alunos a se colocarem em ação, utilizando todas as suas capacidades na realização de uma experiência de gratuidade. Essa experiência transforma alunos e instituições, ampliando o sentido da atuação social e profissional.

1. Introdução

O Centro Universitário FEI, de identidade católica e inspiração jesuíta, tem por missão “oferecer sólida formação humanista, científica e tecnológica, preparando seus alunos para contribuir com uma sociedade mais desenvolvida, humana e justa”, de acordo com informações do site institucional (CENTRO UNIVERSITÁRIO FEI, 2025). Nesse contexto de compromisso ético e transformação social, a disciplina Pessoa, Sociedade e Tecnologia foi implementada como componente obrigatório nos cursos de graduação, promovendo o estudo do meio e a atuação prática junto às instituições do terceiro setor.

A disciplina articula teoria e experiência, incentivando os estudantes a analisar criticamente a realidade brasileira, marcada por profundas desigualdades. O objetivo é ultrapassar o simples reconhecimento dessas injustiças, buscando compreender suas causas

estruturais e promover a reflexão ética sobre responsabilidades. Por meio de projetos de intervenção social alinhados ao conteúdo do curso, busca-se o desenvolvimento acadêmico, a formação da consciência e o engajamento em ações transformadoras.

Fundamentada na noção da pessoa como centro do processo educativo e inspirada por autores contemporâneos, a disciplina integra debates sobre dignidade humana, autoconhecimento, solidariedade, sociedade, Estado e impactos das tecnologias. Dessa forma, contribui para a formação de profissionais competentes e cidadãos responsáveis, preparados para atuar de modo crítico, criativo e comprometido com o desenvolvimento integral e justo da sociedade.

2. O trabalho social como instrumento de formação na Universidade

Para promover simultaneamente a reflexão sobre os conteúdos de Pessoa, Sociedade e Tecnologia e sua aplicação, a disciplina incentiva os estudantes a realizar um projeto de ação solidária em entidades do terceiro setor. Esse trabalho prático é desenvolvido por etapas, que se realizam ao longo de todo o semestre letivo.

Os alunos organizam-se em grupos e selecionam livremente entidades do terceiro setor para realizar projetos de ação solidária, coordenados pelo professor da disciplina. O procedimento envolve visitas às instituições, pesquisa de campo, levantamento bibliográfico sobre o contexto social de cada entidade e identificação de necessidades reais. Com base nesse diagnóstico, cada grupo elabora, negocia e implementa uma proposta de intervenção - que responda total ou parcialmente ao problema ou necessidade identificados. Após aprovação, a instituição agenda a execução do projeto. Caso contrário, os alunos renegociam e adaptam a proposta. Os alunos têm cerca de três meses para colocarem em prática suas ideias.

Alguns exemplos de iniciativas que os alunos realizam são: participação em eventos, bazares, reforma de móveis, pintura de salas, arrecadação de produtos de limpeza e alimentos, organização de festas ou atividades culturais e recreativas para crianças, adolescentes e idosos, entre outros.

Nos últimos três anos, observou-se um aumento significativo na procura, por parte das entidades sociais, pelo desenvolvimento de websites ou aplicativos, bem como pela análise e pelo fortalecimento das redes sociais. Para o desenvolvimento de alguns aplicativos ou mesmo websites, os alunos e eu temos contado com o apoio de professores especialistas.

Após cerca de três meses de execução, os alunos apresentam suas experiências e resultados em seminários, compartilhando relatos, registros audiovisuais e reflexões sobre os desafios enfrentados, os aprendizados e os impactos observados. A avaliação da disciplina envolve relatórios escritos e debates coletivos, contextualizando a atuação dos grupos e relacionando as vivências aos princípios éticos e humanistas que fundamentam o curso. O professor acompanha toda a trajetória, orientando, estimulando a pesquisa, auxiliando o grupo a superar obstáculos e a valorizar o protagonismo estudantil frente à realidade social.

3. O que é possível aprender desta experiência: alguns testemunhos dos próprios estudantes

Nos últimos anos, diversos grupos optaram por participar de eventos para arrecadar fundos, garantindo, em muitos casos, o sustento parcial da entidade (como as festas da APAE, do Lar São Vicente de Paulo e do Lar da Mamãe Clory, em São Bernardo do Campo). Outros grupos realizaram melhorias internas nas instituições escolhidas, como a organização de sebos ou de bazares de roupas e móveis usados, que também geram renda para as entidades. No segundo semestre de 2024, por exemplo, foi feito o isolamento acústico de uma sala de aula de música da Instituição Assistencial Meimei. Um dos resultados mais palpáveis do trabalho desenvolvido no último ano é que a Instituição Criança Vida Nova agora pode contar com uma biblioteca montada pelos alunos da FEI. Outros grupos realizaram campanhas de arrecadação de alimentos, de produtos de limpeza e higiene e de brinquedos.

Além disso, alguns alunos fortaleceram o trabalho de reforço escolar no Instituto Meninos de São Judas, com aulas de matemática. No primeiro semestre de 2025, um grupo de alunos gravou um curso online de programação Python para alunos do Ensino Fundamental de uma escola municipal de São Paulo (EMEF Zacaria).

Como mencionado anteriormente, os alunos também têm desenvolvido soluções digitais. No primeiro semestre de 2025, um grupo analisou as redes sociais da Fundação Rotaract¹ de Santos e fez propostas de melhorias. Os alunos da FEI, inclusive, ministraram treinamentos para os voluntários responsáveis pela área, visando a prepará-los para assumir as atividades no futuro. Outro grupo participou ativamente do desenvolvimento do roteiro e das filmagens de um curta-metragem institucional do 70º Grupo de Escoteiros de Santo Antônio de Osasco. Esse tipo de ação foi facilitado pelo fato de um dos estudantes já fazer parte do grupo beneficiado.

O tipo de trabalho é escolhido de acordo com a necessidade da instituição, mas também com a disposição e a criatividade do grupo. O ponto de partida para o trabalho é a própria entidade, que, ao ser observada com atenção, sugere formas de intervenção e mobiliza os alunos. Ao buscar soluções para os problemas que surgem no decorrer do projeto, os alunos muitas vezes se deparam com obstáculos colocados pela própria instituição ou por circunstâncias que superam a capacidade de atuação do grupo (como a falta de recursos financeiros ou de conhecimento nas áreas de educação, marketing, captação de recursos e até mesmo de conhecimentos técnicos mais avançados, seja de engenharia, de administração ou de computação em geral).

Não obstante, é imprescindível que os alunos apresentem um resultado final e procedam à avaliação (e à autoavaliação) do que aconteceu e do resultado obtido.

Ajudar crianças e adolescentes com aulas de reforço em matemática no Instituto Meninos de São Judas Tadeu foi um desafio para um grupo de alunos que, com criatividade e empenho, buscou formas de atender às necessidades do local.

Quando iniciamos nossas visitas no Instituto, percebi que as crianças tinham certa aversão e desinteresse a respeito do trabalho que estávamos propondo a eles. Mas, após algumas visitas, percebi que esse desinteresse e aversão eram fruto do medo de aquela atividade ser algo de um ou dois dias apenas, e pela insegurança de parecerem “bobos” ao expor suas dúvidas escolares. Após algumas visitas e um acompanhamento mais focado nas dúvidas de cada um, percebi que todo aquele desinteresse e aversão transformaram-se em vontade e simpatia. Essa mudança ficou clara quando as crianças nos viam nos corredores e diziam com um sorriso no rosto: “Vocês voltaram!”, ou então quando eles vinham correndo em minha direção com o caderno, lápis e os olhos cheios de dúvidas, perguntando: “Como faço para fazer essas contas com fração? Tem de simplificar?” (...) Essa mudança de comportamento das crianças me fez entender e experimentar um pouco do “combustível” que faz com que o pessoal do Instituto queira ajudá-los. Diante disso, nós decidimos dar a eles algo que fosse além de reforço escolar, e para isso decidimos promover um “Dia da Ciência”, que foi um dia divertidíssimo e super didático para eles, que a cada

experimento científico que participavam, arregalavam os olhos e perguntavam: “Nossa, isso é bruxaria?!” (L., aluno de engenharia).

O trabalho social é uma oportunidade de aprendizado pessoal, pois amplia o conhecimento sobre o mundo e sobre si mesmo, formando a personalidade, os valores e os princípios.

Devo confessar que a princípio não me foi conveniente trabalhar voluntariamente, não gostava deste tipo de coisa, trabalhar de graça foi sempre uma coisa que odiei. Ora, por que oferecer meu trabalho em troca de nada, se posso muito bem ficar parado em casa, descansando? O que não sabia é que ao passo que trabalhava lá, crescia silenciosamente dentro de mim uma sensação de bem-estar, um sentimento de dever cumprido que jamais conseguirei expressar com exatidão. Este sentimento me alimentava e me faz querer mais e mais ser útil à sociedade (G., aluno de engenharia).

Ou, nas palavras de outro estudante:

Graças aos momentos que vivi na entidade, pude experimentar valores humanos que, sinceramente, não acreditava que seria possível encontrar nos dias de hoje. Acreditava que o mundo em que vivemos era um lugar ganancioso, onde as pessoas só se moviam por algum tipo de interesse pessoal. Bem, a realidade que encontrei foi completamente diferente. Há pessoas que estão dispostas a trabalhar pelo futuro daqueles que têm toda a vida pela frente, e o mais importante, pessoas que fazem isso por satisfação (W., aluno de ciência da computação).

Podemos afirmar que o trabalho social é um valioso instrumento para a formação pessoal e uma forma de dar origem a relações sociais e econômicas voltadas para a realização da justiça e do bem comum.

Trabalhar no Lar Mamãe Clory foi sem dúvida um grande acontecimento para mim, especialmente porque com este tipo de trabalho me foram abertos amplos horizontes a respeito do que é realmente ser humano. Trabalhando nesta instituição me foi ensinado a ajudar, pois o propósito da vida, na minha visão, é ser útil (G., aluno de administração).

Quando os alunos vivenciam o cotidiano de entidades voltadas aos mais vulneráveis, valores como a solidariedade, o papel social e o papel do Estado deixam de ser apenas teoria e passam a se concretizar na experiência prática.

Por fim, é interessante notar que os alunos se dão conta da vasta rede de solidariedade existente no Brasil, composta por milhares de entidades sociais nascidas da livre iniciativa de pessoas ou grupos para responder às carências nas áreas da educação, saúde e cultura, promovendo silenciosamente o desenvolvimento social. Os alunos percebem, então, que essas entidades são uma manifestação visível da caridade e que respondem, de forma mais humanizada e completa, às necessidades sociais.

A solidariedade modifica as relações sociais. Trata-se de um gesto que traz esperança para a vida das pessoas, mudando sua visão de mundo infeliz e sem futuro. Se este gesto for levado a sério por quem o pratica, o resultado é muito satisfatório porque você consegue invadir a realidade de quem está descreditando na vida e transforma este pensamento em ação para querer mudar. Quando isto atinge um grupo de pessoas, suas relações sociais, que antes eram marcadas por barreiras de preconceito e sentimento de incapacidade, se quebram e abrem-se novas realidades (L, aluna de administração).

4. Alguns elementos decorrentes dessa experiência

Destacam-se, na experiência que realizamos na disciplina de Pessoa, Sociedade e Tecnologia na FEI, três pontos fundamentais:

4.1 Formação Integral da Pessoa

A formação humanista cristã não deve ser entendida como um simples adendo à formação dos alunos nas áreas tecnológicas e de gestão. O autêntico humanismo cristão busca fomentar um desenvolvimento integral, que não atenda somente aos requisitos da utilidade econômico-financeira ou às exigências do mercado de trabalho, mas que seja sensível a outras dimensões igualmente essenciais da experiência humana, como a busca do sentido da própria existência e a exigência de justiça, por exemplo.

4.2 Inserção social da universidade

Outro aspecto essencial é formar cidadãos preparados para dialogar, compreender o contexto e propor soluções inovadoras para desafios sociais e profissionais. Mais do que profissionais competentes, busca-se formar pessoas capazes de decisões orientadas pelo bem comum. Por

isso, a disciplina incentiva o protagonismo e o discernimento ético, promovendo experiências reais de cidadania e transformação social.

4.3 Atenção ao Bem Comum

a) O bem comum é um bem do qual todos participam. Os projetos realizados pelos alunos demonstram que, por meio do esforço, da criatividade e do compromisso pessoal, é possível interferir na realidade do nosso país, fortalecendo obras sociais que atuam para reduzir a pobreza material, cultural e espiritual.

b) O bem comum é construído a partir da pluralidade de ações. Ao entrar em contato, a cada semestre, com inúmeras instituições sociais, com seu trabalho e com seu valor — algumas atuando no mesmo ramo, mas com metodologias bem diferentes —, a perspectiva de encontrar diversos exemplos de atos verdadeiramente solidários em nossa cultura é sempre retomada.

5. Considerações finais

A sala de aula deve se tornar um espaço de discussão centrado em paradigmas inovadores, para desenvolver nos alunos competências que lhes permitam desenvolver o raciocínio crítico necessário para atender às demandas da sociedade atual. As metodologias de ensino centradas nos estudantes permitem que eles aprendam por meio de descobertas, desenvolvam suas habilidades analíticas e se motivem (FINI, 2018). A participação e o envolvimento dos estudantes têm um grande impacto no aprendizado e no nível de responsabilidade de cada um pelo seu próprio processo de crescimento (LEAL; MIRANDA; CASA NOVA, 2017). O estudo do meio é fundamental para enriquecer a experiência dos estudantes, desenvolver o senso de realidade, diminuir o verbalismo das aulas expositivas, relacionar a Universidade com a comunidade, além de treinar a observação, a coleta de dados e a análise, oferecendo materiais diversificados para serem trabalhados em sala de aula (MELLO; NETO; PETRILLO, 2019).

Por fim, é notório que a atividade realizada na disciplina de Pessoa, Sociedade e Tecnologia desenvolve competências como: aprender de forma autônoma, para lidar com situações e contextos complexos; tomar decisões e agir à luz de um referencial ético e humanista; liderar equipes multidisciplinares, sendo capaz de compreender, respeitar e valorizar as diferenças; comunicar-se de forma eficiente nas modalidades escrita, oral e gráfica;

e analisar e compreender as demandas e os usuários da engenharia e seu contexto para formular questões e conceber soluções para a área em questão.

Referências Bibliográficas

CENTRO UNIVERSITÁRIO FEI. Disponível em: <https://portal.fei.edu.br/>. Acesso em: 14 nov. 2025.

Fini, M. I. Inovações no ensino superior: Metodologias inovadoras de aprendizagem e suas relações com o mundo do trabalho: desafios para a transformação de uma cultura. Revista Sustinere, v. 19, n. 1, p. 176–183, 2018.

Leal, E. A.; Miranda, G. J.; Casa Nova, S. P. C. (Orgs.). Revolucionando a sala de aula: como envolver o estudante aplicando as técnicas de metodologias ativas de aprendizagem. 1. ed. São Paulo: Atlas, 2017.

Mello, C. de M.; Neto, J. R. M. de A.; Petrillo, R. P. Metodologias ativas: desafios contemporâneos e aprendizagem transformadora. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 2019.

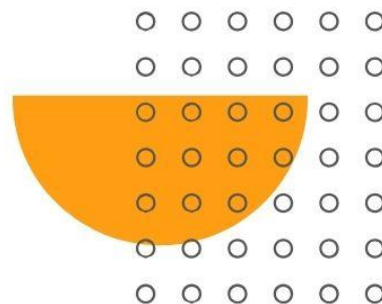


8

RELATO DE EXPERIÊNCIA:

AÇÃO SOCIAL, FORMAÇÃO INTEGRAL E A MISSÃO DA PASTORAL UNIVERSITÁRIA

Vinício Felipe Brasil Rocha, Edson Cassiano Lopes



RELATO DE EXPERIÊNCIA: AÇÃO SOCIAL, FORMAÇÃO INTEGRAL E A MISSÃO DA PASTORAL UNIVERSITÁRIA

Vinício Felipe Brasil Rocha, Edson Cassiano Lopes

1. Introdução e Fundamentação da Ação Pastoral

O Setor Universidades da Diocese da Campanha-MG se insere no horizonte da evangelização do mundo acadêmico, buscando a inculturação do Evangelho no ambiente universitário e a formação integral. Este esforço se fundamenta no princípio da santificação do trabalho e da vida ordinária, conforme o espírito proposto por São Josemaria Escrivá, com a participação ativa dos agentes de pastoral e do apostolado do Opus Dei na promoção e no desenvolvimento social. As atividades, realizadas entre 2024 e 2025, buscam articular a fé com a realidade acadêmica e social, visando à formação de indivíduos competentes, eticamente comprometidos e espiritualmente inspirados.

2. Estrutura da Evangelização e Ação Pastoral

A atuação da Pastoral Universitária diocesana se manifestou em três frentes principais: o serviço missionário explícito à sociedade (Diaconia), a formação contínua (Diálogo/Espiritualidade) e a articulação eclesial (Comunidade).

2.1. Ação Social "Dia do Bem": Serviço e Diaconia

A ação social "Dia do Bem" foi realizada nas datas de 16 de novembro de 2024 e 20 de dezembro de 2025, em Varginha/MG, configurando-se como um ato de serviço e de testemunho. O objetivo foi proporcionar bem-estar, alegria e serviços comunitários, reforçando o compromisso social. As atividades foram categorizadas com vistas a um desenvolvimento humano abrangente:

2.2. Saúde e cuidados: atendimentos de saúde bucal com oferta de insumos de higiene oral, serviço de corte de cabelo, aferição de pressão arterial e puericultura.

2.3. Educação e desenvolvimento: palestras e atividades educativas sobre desenvolvimento e saúde mental da criança, alimentação saudável, harmonia familiar e saúde e movimento.

2.4. Solidariedade: distribuição gratuita de alimentos e oferta de lanches saudáveis e a implementação do "Varal Solidário", no qual foram doados brinquedos e roupas.



Ação social "Dia do bem". Fonte: Instagram 2025: @centrocatuai

2.5. Estudos Online Mensais: Diálogo e Espiritualidade

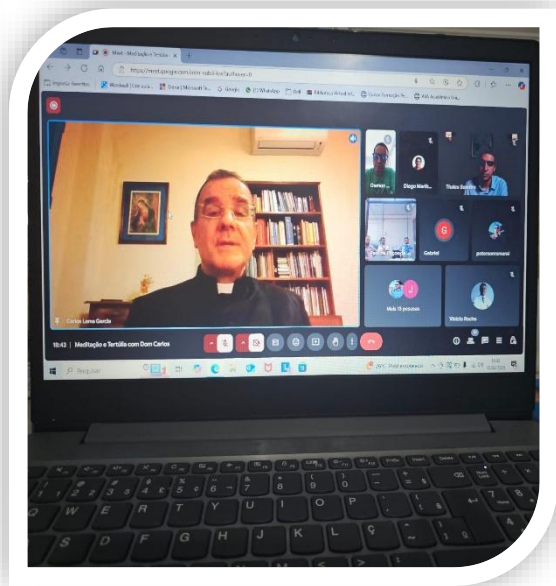
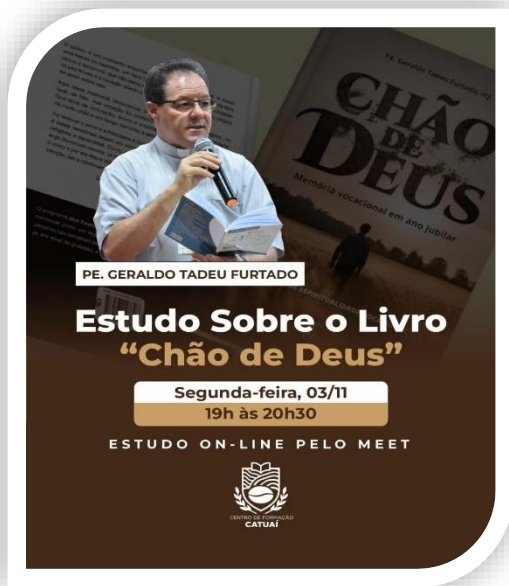
A formação contínua foi realizada por meio de encontros mensais (na 1ª segunda-feira do mês, das 19h30 às 20h30), via Google Meet, utilizando a modalidade online para alcançar um público universitário mais abrangente. Tais estudos tiveram como foco o aprofundamento

da doutrina católica e a discussão de temas relevantes para o desenvolvimento humano integral.

A Tabela 1 resume os temas e palestras realizadas:

Tema	Palestrante	Foco (Desenvolvimento Integral)
"Espiritualidade e Saúde"	Dr. André Amado, médico	Inter-relação entre vida espiritual e o bem-estar físico e mental.
"Performance Física, Cognitiva, Emocional e Espiritual"	Dr. Bernardo Busanello, médico	Abordagem multifacetada sobre o desenvolvimento e otimização das diferentes dimensões do ser humano.
"O Matrimônio"	Dr. Bruno Farnetano, médico	Reflexão aprofundada sobre a instituição do matrimônio sob a perspectiva da fé e da doutrina católica.
"Teologia do Corpo"	Dr. Igor de Castro, médico veterinário	Estudo dos ensinamentos de São João Paulo II sobre a sexualidade humana e o corpo como dom de Deus.
"Confissões de Santo Agostinho"	Prof. Willian Afonso, filósofo	Análise de uma das obras clássicas da literatura cristã, explorando a jornada espiritual e filosófica.
"A Paternidade"	Dr. José Roberto de Mello Porto, advogado	Discussão sobre o significado e os desafios da paternidade, à luz dos valores e princípios católicos.
"Dilexit Nos"	Cônego Bruno César, Presbítero	Análise da encíclica de Papa Francisco, aprofundando a teologia do amor e do coração de Jesus.
"O Chamado do Empreendedor"	Prof. Marçal, contador	Reflexão sobre o empreendedorismo sob uma perspectiva ética e cristã, abordando a vocação para criar e inovar.
"Estudo Sobre o Livro 'Chão de Deus'"	Pe. Geraldo Tadeu Furtado, rcj. Presbítero	Memória vocacional em ano jubilar.

Tabela 1: Programação dos Estudos Online Mensais (2025)



Estudos online. Fonte: Instagram 2025: @centrocatuai

2.6 Peregrinação a Baependi: Comunidade e Articulação

A articulação eclesial e o fortalecimento da comunidade foram vivenciados por meio da Peregrinação do Setor Universidades da CNBB e da Província Eclesiástica de Pouso Alegre, no dia 20 de setembro de 2025, ao Santuário de Nossa Senhora da Conceição e da Beata Nhá Chica. O evento promoveu a organicidade da Pastoral, com momentos de:

- Espiritualidade: Santa Missa no Santuário.
- Diálogo/Formação: Mesa Redonda sobre a temática: "Como fazer pastoral na escola e na universidade?"
- Comunidade e Partilha: Rodas de conversa sobre "Identidade e missão da Pastoral na educação", "Espiritualidade no ambiente educativo," e "Escuta ativa e cuidado emocional na ação pastoral".



Peregrinação ao Santuário em Baependi-MG. Fonte: Instagram 2025: @centrocatuai

3. Conclusão: Ações nos Quatro Pilares da Pastoral Universitária

As atividades do Setor Universidades da Diocese da Campanha-MG no biênio 2024-2025 demonstram um modelo de atuação que abrange os quatro pilares da Pastoral Universitária (PU): **(i)** Diálogo/Inculturação (Ciência e Fé): evidenciado pelos estudos online (Tabela 1) que promoveram o debate entre temas de doutrina, ciência, ética e vocação profissional. **(ii)** Serviço (Diaconia): concretizado pela ação social "Dia do Bem", que mobilizou a comunidade acadêmica para a transformação social. **(iii)** Espiritualidade/Interioridade: reforçado pelos temas de formação e pelo caráter de peregrinação do encontro em Baependi. **(iv)** Comunidade (Fraternidade): consolidado pela articulação eclesial (Peregrinação) e pela capacidade de mobilização de voluntários e profissionais na ação social.

As ações aqui relatadas, fundamentadas no espírito de São Josemaria Escrivá, cumprem o objetivo de promover a formação integral dos universitários, capacitando-os a levar a mensagem cristã e a esperança para o mundo acadêmico e para a sociedade em geral.

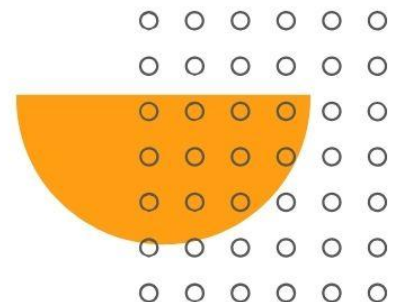


9

RELATO DE EXPERIÊNCIA:

A IMPORTÂNCIA DA PASTORAL ESCOLAR NA FORMAÇÃO INTEGRAL E VOCACIONAL

Diego Kenji de Almeida Marihama



RELATO DE EXPERIÊNCIA: A IMPORTÂNCIA DA PASTORAL ESCOLAR NA FORMAÇÃO INTEGRAL E VOCACIONAL

Diego Kenji de Almeida Marihama

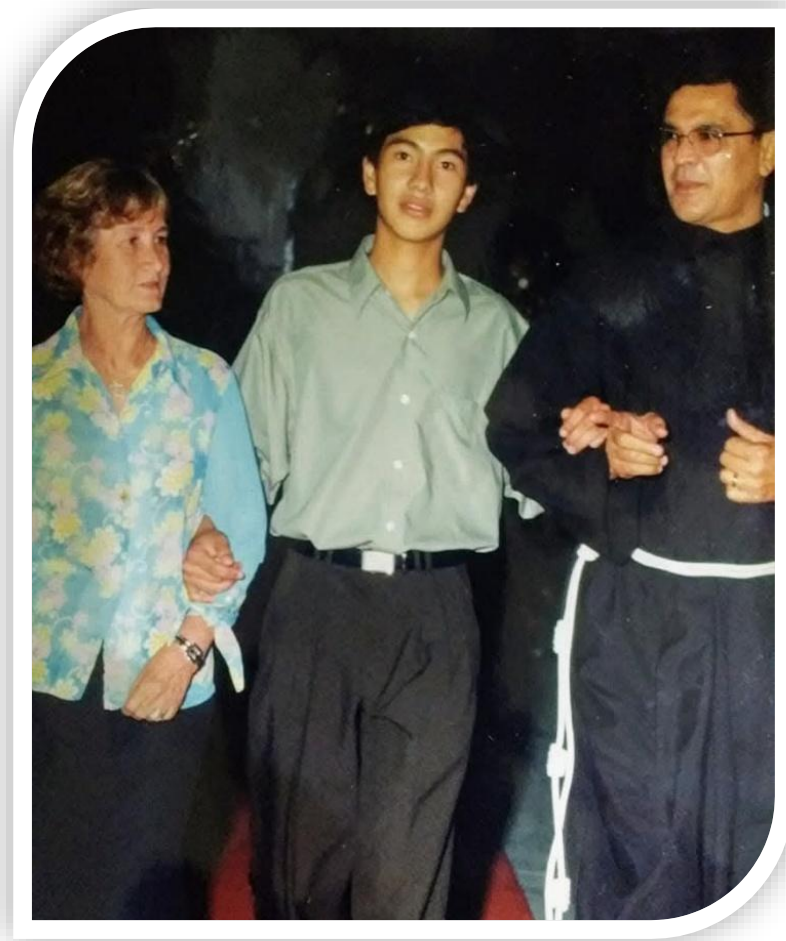
Na Roda de Conversa do Setor Universidades da CNBB, compartilhei um pouco das minhas vivências vocacionais, retomando memórias que começam no período em que estive no seminário menor e se estendem à experiência na vida religiosa, passando pela constituição da minha família e pela alegria de ser pai de dois filhos. Ao revisitar esse caminho, percebo que o ponto de partida foram três grupos que marcaram profundamente minha trajetória: a pastoral escolar, os acólitos e os vocacionados.

A *Evangelii Gaudium* (2013) afirma que a fé floresce onde nasce a alegria do encontro. Hoje entendo: aqueles espaços de partilha eram o terreno fértil onde tudo começou. Assim, a relação entre pastoral escolar e acólitos era muito viva. Havia encontros, retiros, formações e convivências que davam sentido à fé.

Naquele tempo, o seminário menor ainda era uma realidade presente em diversas congregações e dioceses, uma realidade hoje rara. Meu ingresso aconteceu de forma simples e natural: um sacerdote, que coordenava tanto o grupo dos acólitos quanto o dos vocacionados, convidou-me e a outros colegas da escola para participar dos momentos formativos.

O grupo dos vocacionados, mesmo reunindo jovens que nem sempre seguiam o caminho para o seminário, era um ambiente acolhedor, no qual se cultivavam boas conversas, amizade, estudo, fé e até a partilha de um café saboroso. Para um pré-adolescente, aquele era um espaço em que a juventude se encontrava e em que a experiência cristã fazia sentido, oferecendo incentivo e inspiração para a construção de um projeto de vida.

As reuniões dos vocacionados, ocorriam mensalmente, sempre no primeiro sábado, em uma sala ampla da Paróquia de São Lourenço, voltada para um jardim com chafariz, cenário que inspirava a todos os que lá participavam dos encontros. Já os acólitos se reuniam semanalmente, aos domingos, após a missa das 8h, para organizar as escalas litúrgicas. Esse percurso foi parte de uma escolha vocacional que se consolidou graças ao trabalho de Frei Perceval Canuto Carvalho, OFM (*in memoriam*), que atuava como promotor vocacional.



(Arquivo pessoal)

Quanto à pastoral escolar, tem um papel fundamental na afirmação da identidade de um colégio tipicamente católico. Isso significa testemunhar a fé no cotidiano, integrando liturgia, oração, formação cristã e valores evangélicos a todas as dimensões da vida escolar. É muitas vezes no ambiente educativo que jovens têm seu primeiro contato profundo com a vida e a missão da Igreja e cabe à pastoral escolar garantir que essa experiência seja autêntica, significativa e transformadora.

Um colégio que vive com coerência sua identidade católica educa e evangeliza. Nesse caminho de escola em saída e de vivência pastoral, tive a alegria de ser acompanhado por uma Religiosa Franciscana – Ir. Geralda, desde os meus 7 anos de idade. Foi ela quem me motivou a ingressar no grupo de acólitos e, posteriormente, a seguir junto com Frei Perceval o caminho do seminário menor em Agudos/SP.

Nesse sentido, a pastoral escolar deve ser também um espaço de cultivo vocacional, um verdadeiro berço de vocações. Ao assumir a missão de ser presença evangelizadora no ambiente educativo, ela anuncia a fé e testemunha o Evangelho de modo cotidiano, permitindo que a experiência de Deus se faça concreta na vida dos alunos. Assim como uma família acompanha os primeiros passos de uma criança, a pastoral escolar acompanha, fortalece e estimula os primeiros sinais de um chamado, favorecendo o desenvolvimento integral do jovem nas dimensões cognitiva, social, afetiva e espiritual.

Em um ambiente marcado pela humanização, pelo diálogo e pela escuta, a pastoral escolar torna-se um terreno fértil no qual a dignidade de cada pessoa é reconhecida e a cultura do encontro faz nascer novos sentidos de vida. Ao integrar formação humana e cristã, ela conecta o itinerário educativo à dimensão religiosa e transcendental, ajudando cada aluno a discernir sua própria missão no mundo.

É nesse espaço de fé, convivência fraterna e serviço que muitos jovens podem descobrir e amadurecer o desejo de entregar a vida a Deus, seja no sacerdócio, na vida consagrada ou no laicato comprometido. Quando um colégio assume essa vocação pastoral, torna-se uma verdadeira sementeira para o presente e o futuro da Igreja, formando gerações capazes de viver o bem comum com profundidade, responsabilidade e esperança.

Hoje, percebo com mais clareza que a vocação é simultaneamente um movimento interior e exterior: nasce no íntimo da pessoa, mas é fortalecida pela motivação, pelo testemunho e pelo cuidado de outros. Nesse processo, pastorais, grupos e pessoas - como os acólitos, grupos de jovens, catequese e a pastoral escolar e universitária - têm papel fundamental, pois oferecem espaços de convivência comunitária que ajudam crianças e jovens a discernir e amadurecer seu chamado.



(SL Jornal, 1998)

Ao olhar para trás, recorro que, naquele período, o trabalho conjunto desses três grupos gerou frutos abundantes: foram 17 vocações que seguiram ao seminário, além de muitas outras pessoas que, mesmo seguindo outros caminhos, levaram consigo os valores cultivados. Isso me leva a perguntar: como estamos, hoje, em nossos colégios e paróquias, favorecendo o discernimento vocacional? Que espaços, experiências e testemunhos temos oferecido para que novos chamados possam, de fato, florescer no coração de nossas crianças, adolescentes e jovens?

Concluindo esta partilha, expresso minha gratidão por ter vivido esse processo. Acredito que, se retomarmos e fortalecermos grupos como os acólitos, os vocacionados e a pastoral escolar, colheremos bons frutos. É um trabalho que exige cuidado, constância e dedicação, mas que vale a pena, pois cada vocação despertada é uma resposta viva ao chamado do Senhor.

Referências Bibliográficas

CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. **Gravissimum educationis: declaração sobre a educação cristã.** [S.l.]: Santa Sé, 1965. Disponível em: https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_decl_19651028_gravissimum-educationis_po.html Acesso em: 07/11/2025.

PAPA FRANCISCO. **Exortação Apostólica Evangelii Gaudium: sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual.** São Paulo: Paulinas, 2013.

SANTA SÉ. **A identidade da escola católica: para uma cultura do diálogo.** Santa Sé, 2022. Disponível em: https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/ccatheduc/documents/rc_con_ccatheduc_doc_20220125_istruzione-identita-scuola-cattolica_po.html Acesso em: 07/11/2025.

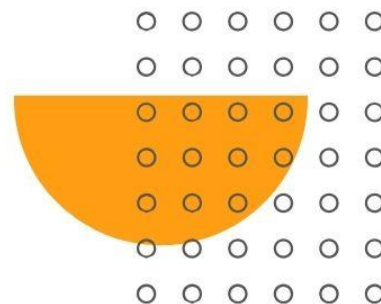


10



JUVENTUDE EM ORAÇÃO: FÉ E UNIDADE NO ENSINO MÉDIO

Diego Andrade de Jesus Lelis, Maria Victoria Fiori Giannoni



JUVENTUDE EM ORAÇÃO: FÉ E UNIDADE NO ENSINO MÉDIO

Diego Andrade de Jesus Lelis, Maria Victoria Fiori Giannoni

No primeiro semestre de 2025, o Claretiano Colégio São José de Batatais - SP, fiel à sua missão educativa e evangelizadora, deu um passo significativo ao lançar, por meio da Pastoral Educativa, a proposta de criação de um Grupo de Oração destinado aos estudantes do Ensino Médio. A iniciativa surgiu do desejo de oferecer aos jovens um espaço privilegiado de espiritualidade, convivência fraterna e acolhimento, dentro do próprio ambiente escolar. Mais do que uma simples atividade complementar, o projeto nasceu como expressão concreta da evangelização explícita, dimensão essencial da Pastoral Claretiana, que busca integrar fé e vida, ensino e testemunho, razão e transcendência.

A proposta foi apresentada como um convite aberto, simples e sincero, para que os estudantes pudessem se reunir e rezar juntos, descobrindo, na experiência da oração comunitária, uma forma de fortalecer a fé e construir laços de amizade alicerçados no amor de Cristo. Desde o início, o objetivo pastoral foi claro: promover um espaço em que a juventude pudesse se sentir à vontade para viver sua fé com alegria e liberdade, reconhecendo que o caminho do Evangelho se faz também nas relações cotidianas, nas pausas entre as aulas e nos gestos de solidariedade que brotam de corações dispostos a servir.

Nesse sentido, o Grupo de Oração se tornou um testemunho vivo da missão educativa do Claretiano Colégio São José, que compreende a formação integral da pessoa humana como um processo que envolve não apenas o desenvolvimento intelectual, mas também o amadurecimento espiritual e afetivo. Ao valorizar a dimensão da evangelização explícita, a escola reafirma que a fé pode e deve ser vivida com naturalidade no espaço educativo, como fonte de sentido, de esperança e de transformação pessoal e comunitária. Assim, a proposta pastoral do Grupo de Oração não apenas enriquece a vida dos estudantes, mas também ilumina o cotidiano escolar com a presença do sagrado, fazendo da escola um verdadeiro lugar de encontro entre Deus, a vida e a juventude.

A Pastoral Educativa Claretiana constitui uma das expressões mais autênticas da missão evangelizadora confiada à Rede Claretiano de Educação. Inspirada no carisma de Santo Antônio Maria Claret, ela entende a escola como espaço privilegiado de evangelização, onde fé e vida se encontram para formar pessoas íntegras, críticas e comprometidas com o bem comum. Não se trata de uma pastoral paralela ao processo educativo, mas de uma ação que

atravessa todo o projeto pedagógico, conferindo-lhe sentido, coerência e profundidade. Sua tarefa é articular o conhecimento acadêmico à experiência de fé, de modo que a aprendizagem se torne também caminho de humanização, espiritualidade e responsabilidade social.

Essa compreensão integra plenamente o que o Projeto Educativo Claretiano de Pastoral (PECP) denomina de evangelização explícita, dimensão que visa a anunciar com clareza e ternura a presença de Deus na vida cotidiana, sem imposições, mas com testemunho e diálogo. Evangelizar explicitamente significa dar visibilidade à fé por meio de gestos, palavras e práticas pedagógicas que manifestem o amor de Cristo no ambiente escolar. Cada ação pastoral - uma celebração, um projeto solidário, um grupo de oração ou um momento de escuta - torna-se, assim, um espaço de encontro entre Evangelho e educação.

No horizonte da formação integral, a Pastoral Educativa Claretiana reconhece que educar não é apenas transmitir saberes, mas ajudar o estudante a descobrir o sentido profundo da existência. A dimensão espiritual da pessoa é, portanto, parte essencial da aprendizagem. Nesse processo, o educador também é chamado a ser testemunha e mediador da fé, promovendo valores como empatia, solidariedade, respeito e justiça. Assim, o ambiente escolar transforma-se em comunidade de vida e de fé, onde o conhecimento é iluminado pela esperança e o convívio se torna expressão do amor evangélico.

Ao assumir a evangelização explícita como eixo orientador, o Claretiano Colégio São José reafirma sua identidade de instituição católica comprometida com o Pacto Educativo Global e com a pedagogia do coração. A escola torna-se, então, um verdadeiro laboratório de fraternidade e espiritualidade, em que cada estudante é convidado a crescer como sujeito livre, responsável e solidário, preparado não apenas para o sucesso acadêmico, mas para o serviço e o cuidado com a vida em todas as suas dimensões.

O convite para a formação do Grupo de Oração foi lançado pela Pastoral Educativa do Claretiano Colégio São José de Batatais no início de 2025, com o objetivo de oferecer aos estudantes do Ensino Médio um espaço de vivência espiritual e partilha fraterna. A proposta, acolhida com entusiasmo por diversos jovens, nasceu do desejo de integrar a fé ao cotidiano escolar, criando momentos de encontro com Deus e com os colegas em meio à rotina intensa de estudos. O simples gesto de reunir-se para rezar, refletir e cantar transformou-se em uma experiência profunda de comunidade e pertença, revelando o quanto a juventude anseia por espaços autênticos de espiritualidade.

Os primeiros encontros foram conduzidos pela pastoralista Maria Victória Fiori Giannoni, cuja presença e sensibilidade desempenharam papel fundamental na consolidação do

grupo. Com dedicação e escuta atenta, ela orientou os jovens a compreenderem que a oração não é apenas um ato religioso, mas um diálogo de amor com Deus e com o próximo. Suas reflexões bíblicas ajudavam os participantes a relacionarem a Palavra com suas experiências pessoais, enquanto os momentos de partilha fortaleciam o sentimento de unidade e acolhimento.

A dinâmica dos encontros foi sendo construída de forma simples e participativa. As orações iniciais abriam o coração dos estudantes para o silêncio interior, seguidas pela leitura de um trecho bíblico, reflexão e cânticos escolhidos pelos próprios jovens. As músicas, tanto de tradição católica quanto evangélica, tornaram-se pontes de comunhão e expressão da fé, mostrando que a diversidade não é obstáculo, mas riqueza. Em cada reunião, gestos de fraternidade, risos e abraços davam testemunho de que a fé, quando vivida em comunidade, gera alegria e transforma o ambiente escolar em um espaço de paz.

Com o passar das semanas, o grupo amadureceu e assumiu seu próprio ritmo. Os estudantes começaram a preparar as orações, selecionar os textos bíblicos e conduzir as falas, assumindo o protagonismo com responsabilidade e entusiasmo. Esse movimento espontâneo revelou a força da juventude quando motivada pela fé e pelo desejo de servir. A convivência entre católicos e evangélicos consolidou-se como um exemplo de diálogo e respeito, expressando o espírito ecumênico que a Pastoral Educativa Claretiana tanto valoriza. Assim, o Grupo de Oração tornou-se um verdadeiro espaço de comunhão inter-religiosa e testemunho cristão dentro da escola, irradiando esperança e renovando a experiência de viver o Evangelho no coração da comunidade educativa.

A partir da vivência constante do Grupo de Oração, os jovens começaram a assumir, de modo natural e espontâneo, papéis de liderança e corresponsabilidade. O protagonismo juvenil foi se fortalecendo à medida que os estudantes se sentiram confiantes para conduzir os encontros, organizar os momentos de oração, escolher as passagens bíblicas e propor reflexões. Essa autonomia não foi imposta, mas cultivada com cuidado pela Pastoral Educativa, que ofereceu aos alunos a liberdade de experimentar e criar, reconhecendo que o amadurecimento da fé passa também pela experiência concreta de participação e decisão. Cada encontro se tornou uma oportunidade para que os jovens percebessem sua capacidade de evangelizar e de servir, compreendendo que a espiritualidade não é algo distante, mas parte essencial de sua própria identidade.

A música e a oração, centrais nas atividades do grupo, assumiram papel de profunda integração. Os cânticos, tanto católicos quanto protestantes, foram se tornando linguagem de unidade, emoção e comunhão. Ao cantar juntos, os estudantes experimentavam a força do

louvor coletivo e descobriam que o Espírito de Deus se manifesta também na beleza dos sons e na harmonia dos corações. A música passou a ser uma expressão da fé vivida com alegria, revelando que o encontro com o sagrado pode ser também uma experiência festiva, marcada pela ternura, pela simplicidade e pela presença viva de Cristo entre os jovens.

A vivência da fé no Grupo de Oração consolidou-se como experiência de alegria, compromisso e amor. A cada quinta-feira, os estudantes redescobriam que seguir Jesus não é um fardo, mas um caminho de liberdade e esperança. As reflexões, as partilhas e os gestos concretos de solidariedade foram se convertendo em aprendizado de vida e em exercício de cuidado mútuo. Desse modo, o grupo se tornou também um espaço formativo, onde valores como empatia, serviço e fraternidade foram sendo incorporados à vida cotidiana.

Nesse processo, a Pastoral Educativa desempenhou um papel essencial de acompanhamento e discernimento, ajudando os jovens a reconhecerem seu chamado para o serviço e a liderança cristã. A formação de lideranças juvenis surgiu, então, como um dos frutos mais significativos do projeto: estudantes que aprenderam a organizar, escutar, acolher e testemunhar sua fé de maneira autêntica e madura. Assim, a experiência do Grupo de Oração ultrapassou os limites de uma prática devocional e transformou-se em uma verdadeira escola de espiritualidade e protagonismo, fortalecendo a identidade cristã dos jovens e revelando que a fé, quando assumida com amor e alegria, é capaz de gerar transformações profundas dentro e fora da escola.

Com o amadurecimento das experiências e a continuidade dos encontros, o Grupo de Oração passou a ser reconhecido pelos próprios estudantes como um verdadeiro espaço de acolhimento e cuidado. Em meio às exigências escolares, às cobranças do vestibular e às tensões cotidianas próprias da adolescência, o grupo tornou-se um refúgio seguro, onde os jovens podiam se sentir escutados, compreendidos e amparados. A espiritualidade, vivida de maneira leve e comunitária, revelou-se um importante fator de saúde emocional e relacional, promovendo equilíbrio interior e fortalecendo os vínculos afetivos entre os participantes

Muitos estudantes relatam que as quintas-feiras ganharam um novo significado, pois representam o momento de pausa e de reencontro com o essencial. A cada oração, música e partilha, a rotina intensa da vida escolar era ressignificada, permitindo que o coração respirasse. O grupo tornou-se um lugar de partilha sincera, onde os jovens se sentem livres para expressar suas alegrias, angústias e esperanças, encontrando no outro um espelho de sua própria humanidade. Essa convivência fraterna ajudou a transformar o ambiente escolar em um espaço

mais humano, onde o amor e o cuidado deixam de ser apenas palavras e se tornam atitudes concretas.

A dimensão pastoral da escuta e da empatia emergiu como um dos pilares do grupo. A cada encontro, os participantes aprendiam a ouvir sem julgar, a acolher sem impor e a partilhar sem medo. O simples gesto de prestar atenção ao que o outro sente tornou-se exercício espiritual e pedagógico, favorecendo o crescimento humano e a comunhão entre diferentes modos de crer e viver a fé. Nesse contexto, a presença da Pastoral Educativa foi fundamental, pois ofereceu aos jovens um modelo de acompanhamento próximo, respeitoso e inspirador, no qual o diálogo se tornou caminho de cura e amadurecimento.

O Grupo de Oração tem se consolidado como uma expressão concreta do compromisso do Colégio Claretiano com a formação integral. A escola, ao favorecer esse espaço, mostra que a educação não se limita à dimensão intelectual, mas abrange também a formação emocional, ética e espiritual. Fé, emoção e solidariedade entrelaçam-se em um mesmo propósito: formar pessoas capazes de amar e cuidar. Nessa integração entre oração e convivência, o grupo se tornou sinal visível de que a espiritualidade, quando acolhida e vivida com autenticidade, tem o poder de transformar o coração humano e renovar o sentido da vida comunitária dentro da escola.

Com o êxito e a repercussão positiva das primeiras reuniões, expandiram-se as atividades do Grupo de Oração, alcançando novos espaços e formatos dentro da rotina escolar. O entusiasmo dos participantes e o desejo de aprofundar a vivência espiritual levaram à criação de encontros no contraturno, realizados fora do horário regular de aulas. Esses momentos ampliados permitiram um convívio mais demorado e reflexivo, no qual os jovens puderam mergulhar com mais profundidade na oração, no diálogo e no estudo da Palavra de Deus.

As atividades foram organizadas de maneira dinâmica e participativa, sempre sob o acompanhamento da Pastoral Educativa. Foram promovidas dinâmicas de integração - que despertavam a confiança e a amizade entre os participantes -, estudos bíblicos orientados para a vida cotidiana dos jovens e rodas de conversa sobre temas existenciais que os interpelam de forma direta. Questões como amizade, perdão, propósito de vida e confiança em Deus foram tratadas com leveza e profundidade, estimulando os estudantes a perceberem que a fé cristã é também uma fonte de sentido para as dúvidas e desafios da juventude contemporânea.

Além das reflexões e das orações, o grupo começou a realizar ações práticas de solidariedade e serviço. O cuidado com o outro tornou-se expressão concreta da espiritualidade vivida em comunidade. Os jovens passaram a organizar pequenas campanhas de arrecadação,

preparar lanches para partilhar, acolher novos participantes e visitar colegas em momentos de dificuldade. Essas atitudes simples, mas profundamente significativas, manifestam o que o Evangelho ensina: a fé autêntica se traduz em amor e serviço.

A comunhão construída nesses encontros foi se fortalecendo e irradiando para além das reuniões. O grupo passou a influenciar positivamente a vida escolar, inspirando outros estudantes e motivando a criação de novos espaços de convivência e oração. O testemunho dos jovens mostrou que a espiritualidade, quando vivida em comunidade, gera laços de fraternidade e esperança. Assim, o Grupo de Oração tornou-se um verdadeiro laboratório de vida cristã, onde fé, amizade e solidariedade se entrelaçam, confirmando que evangelizar pela educação é também ensinar a viver o amor como fundamento de toda experiência humana.

Os impactos do Grupo de Oração na convivência escolar tornaram-se perceptíveis com o passar do tempo. Professores, colaboradores e até famílias começaram a notar mudanças significativas nas atitudes dos estudantes que participavam dos encontros. A espiritualidade, vivida de modo simples e sincero, começou a refletir-se em comportamentos cotidianos: mais respeito nas relações, maior disposição para o diálogo e uma atitude constante de empatia diante dos desafios da vida escolar. O que antes era apenas um grupo reunido para rezar passou a ser reconhecido como uma presença transformadora dentro da comunidade educativa.

Os próprios educadores observaram que os alunos envolvidos com o grupo demonstravam mais paciência, serenidade e abertura para ajudar os colegas. A oração e o convívio fraterno despertaram neles um senso de responsabilidade afetiva, um olhar mais compassivo e uma postura colaborativa que inspirava os demais. Muitos passaram a agir como mediadores de conflitos, propondo o diálogo e buscando soluções pacíficas em situações de tensão. Essa transformação interior revelou que a fé, quando vivida de forma concreta, gera frutos de convivência e constrói uma cultura de paz.

A espiritualidade cultivada no grupo também influenciou o ambiente escolar como um todo. Gestos simples, como um sorriso, um cumprimento, uma escuta atenta, tornaram-se sinais de que a fé não é apenas um sentimento íntimo, mas uma força que humaniza as relações e reencanta o cotidiano. A presença do sagrado passou a ser percebida não apenas nos momentos de oração, mas também nas atitudes éticas e solidárias dos estudantes.

Essa mudança de clima reforça a convicção de que a evangelização, quando inserida na vida escolar, é capaz de transformar não apenas os indivíduos, mas a própria cultura institucional. A fé, compreendida como experiência de amor e cuidado, torna-se motor de uma educação mais humana, compassiva e integral. Assim, o Grupo de Oração não se limita a um

espaço de espiritualidade, mas se afirma como um agente de transformação da convivência, inspirando todos os membros da comunidade educativa a viverem com mais empatia, esperança e compromisso com o bem comum.

Apesar dos frutos espirituais e humanos colhidos ao longo do caminho, o Grupo de Oração também enfrentou desafios significativos em sua criação e manutenção. A principal dificuldade observada foi a rotina intensa dos estudantes do Ensino Médio, marcada por responsabilidades escolares, cursos preparatórios e a pressão constante dos vestibulares. Em meio a tantos compromissos, encontrar tempo e disposição para a vivência espiritual tornou-se um esforço de equilíbrio. Muitos jovens expressaram o desejo de participar com mais frequência, mas se viam limitados pelos horários e pelas exigências acadêmicas.

Outro obstáculo foi a limitação de tempo disponível para o planejamento e a execução das atividades. Como os encontros ocorrem durante o intervalo ou em breves espaços no contraturno, nem sempre é possível preparar dinâmicas mais longas ou aprofundar certos temas bíblicos e reflexões. A própria natureza da vida escolar, com sua cadência rápida e programações fixas, exige criatividade pastoral para que a espiritualidade não perca seu lugar. Nesse sentido, a Pastoral Educativa desempenhou papel essencial ao adaptar o formato das reuniões, preservando o sentido profundo do encontro mesmo em contextos de tempo reduzido.

Além do tempo, há também o desafio do equilíbrio entre a vida escolar e a prática espiritual. Em uma fase marcada por decisões, expectativas e pressões externas, o grupo de oração oferece um contraponto necessário: o respiro da alma em meio à correria. Contudo, manter a constância e o comprometimento requer maturidade e perseverança. A Pastoral Educativa, ciente dessa realidade, buscou apoiar os jovens na organização de suas agendas, promovendo encontros mais flexíveis e integrando o grupo a outras atividades pedagógicas e solidárias da escola.

Para garantir a continuidade e o engajamento, algumas estratégias foram implementadas: a alternância de lideranças entre os estudantes, a criação de pequenos grupos de apoio, a inclusão de novas linguagens juvenis, como músicas atuais, orações criativas e momentos de partilha afetiva, e o uso das redes sociais para manter a comunicação e o vínculo entre os participantes. Essas ações ajudaram a fortalecer o sentimento de pertença e a superar o desânimo que por vezes acompanha os períodos de maior sobrecarga escolar.

Em meio a essas dificuldades, o grupo permanece como sinal de perseverança e esperança. Sua continuidade demonstra que, mesmo em um contexto de pressa e competitividade, a juventude é capaz de cultivar espaços de espiritualidade e comunhão. O

desafio cotidiano de conciliar estudos, compromissos e fé revela, em última instância, a maturidade dos jovens que, movidos pelo amor de Cristo, aprendem a transformar as limitações do tempo em oportunidades de encontro e crescimento interior.

A experiência do Grupo de Oração no Claretiano Colégio São José de Batatais revela-se como um dos frutos mais belos e significativos da ação da Pastoral Educativa. O projeto, nascido de uma proposta simples e profundamente humana, transformou-se em espaço de encontro com Deus, de escuta mútua e de amadurecimento pessoal. Ao longo do tempo, tornou-se evidente que a espiritualidade, quando vivida em comunidade, não apenas fortalece a fé individual, mas também renova as relações e transforma o ambiente escolar em um lugar de comunhão e paz. A convivência fraterna, a oração partilhada e o protagonismo juvenil são marcas visíveis desse caminho, que uniu fé, alegria e compromisso cristão em um mesmo propósito educativo e evangelizador.

Do ponto de vista pastoral e pedagógico, o Grupo de Oração constitui uma expressão concreta do carisma claretiano, que busca evangelizar pela educação e educar pela fé. Inspirado em Santo Antônio Maria Claret, o colégio reafirma, por meio dessa experiência, sua missão de formar pessoas que unam conhecimento e amor, razão e espiritualidade, fé e compromisso social. A evangelização explícita, vivida de forma respeitosa e alegre, demonstra que a escola é também um terreno fértil para o florescimento da fé, desde que ofereça aos jovens espaços de liberdade, escuta e expressão.

A juventude, quando convidada a participar com autenticidade e confiança, revela-se como semente de esperança e renovação da Igreja. No testemunho dos estudantes que conduzem orações, acolhem colegas e transformam gestos simples em atos de amor, é possível reconhecer a presença viva do Evangelho. Eles mostram que a fé cristã continua pulsando nas novas gerações e que o Espírito Santo age com criatividade no coração da juventude contemporânea.

O Grupo de Oração reafirma o papel da escola como espaço de fé viva, união e serviço. Ao integrar a dimensão espiritual à formação acadêmica, o Claretiano Colégio São José fortalece sua identidade de instituição católica comprometida com o desenvolvimento integral do ser humano. Cada encontro, cada oração e cada gesto de partilha tornam-se um testemunho de que educar é também cuidar da alma e formar corações capazes de amar. Assim, o projeto “Juventude em Oração” não é apenas uma atividade pastoral, mas uma verdadeira experiência de vida, que continua a germinar nas atitudes, nas relações e na esperança dos jovens que fazem da escola um lugar onde Deus habita, fala e transforma.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo do Caderno Pedagógico, diferentes experiências, reflexões e práticas foram apresentadas com o objetivo de iluminar a presença e a missão da ação pastoral no contexto educacional. As contribuições reunidas nesta obra apresentam uma pastoral que se manifesta na escuta atenta das juventudes, no cultivo da fé, no acompanhamento formativo dos alunos, no diálogo entre fé e cultura, na promoção da solidariedade e na construção de comunidades educativas baseadas na fraternidade e no respeito.

Nas escolas, a pastoral apresenta-se como um espaço privilegiado de acolhimento humano e espiritual. Em um contexto marcado pela rapidez das informações, pela fragilidade das relações e pela constante busca por reconhecimento social, muitos jovens necessitam de ambientes nos quais possam encontrar sentido para suas vidas, experimentar o sentimento de pertença e alimentar a esperança. Nesse horizonte, a pastoral procura oferecer um verdadeiro espaço de encontro com a pessoa de Jesus Cristo, onde a fé se traduz em experiências de vida, em práticas de solidariedade e em processos formativos que ajudam os alunos a discernir e compreender a própria vocação.

Nas universidades, a missão pastoral assume contornos igualmente significativos. O ambiente universitário, caracterizado pela investigação e pela produção de conhecimento, desafia continuamente a integração entre ciência, cultura e transcendência. Nesse contexto, a pastoral universitária torna-se uma presença que promove o diálogo entre fé e razão, contribuindo para que a formação acadêmica seja também um caminho de amadurecimento humano e espiritual.

Quando inspirada por essa perspectiva, a universidade torna-se um espaço de humanização do saber, no qual o conhecimento deixa de ser compreendido apenas como um instrumento técnico e passa a ser reconhecido como um serviço à sociedade e ao bem comum, enquanto a pastoral, nesse contexto, desempenha um papel fundamental ao recordar que toda verdadeira educação deve considerar a pessoa humana em sua integralidade, integrando as dimensões intelectuais, sociais, afetivas e espirituais.

Outro elemento que se destaca ao longo desta obra é a importância da pastoral como espaço de encontro e diálogo. Em uma sociedade plural, marcada por múltiplas identidades culturais e religiosas, a pastoral é chamada a promover uma verdadeira cultura do encontro, como frequentemente recorda o Papa Francisco. Isso implica cultivar ambientes nos quais a escuta, o respeito mútuo e a convivência fraterna se tornem valores fundamentais da vida institucional.

Nesse sentido, a pastoral contribui para transformar a cultura das instituições. Ao promover experiências de solidariedade, voluntariado, espiritualidade e reflexão, ajuda a construir comunidades educativas mais humanas, sensíveis às realidades sociais e comprometidas com a transformação do mundo.

Os relatos de experiência apresentados neste caderno revelam que a pastoral é uma dimensão profundamente prática, que se concretiza nas pequenas iniciativas do cotidiano: nos encontros formativos, nos projetos sociais, nas atividades culturais, nos espaços de escuta e acompanhamento, nas celebrações e nas experiências comunitárias que fortalecem o sentimento de pertença. Essas práticas demonstram que a pastoral se configura, acima de tudo, como uma verdadeira pedagogia da esperança.

Em um tempo marcado por crises sociais, culturais e existenciais, a educação é chamada a oferecer novos horizontes de sentido. Nesse contexto, a pastoral escolar e universitária contribui para essa missão ao recordar que o conhecimento deve estar sempre a serviço da vida, da justiça e da fraternidade. Ela convida educadores e estudantes a reconhecer que o processo de aprendizagem também implica crescimento humano, desenvolvimento da sensibilidade e da empatia, além da responsabilidade diante da sociedade.

Outro aspecto fundamental desta obra é o protagonismo dos jovens, pois as novas gerações não são apenas destinatárias da ação pastoral, mas também protagonistas da vida e da missão das instituições educativas. Quando acolhidos, escutados e incentivados, os jovens tornam-se agentes de transformação, capazes de construir iniciativas solidárias, fortalecer vínculos comunitários e testemunhar valores.

Contudo, a pastoral escolar e universitária precisa permanecer atenta aos sinais dos tempos, pois evangelizar no contexto atual exige criatividade, sensibilidade e abertura ao diálogo com as novas linguagens e realidades juvenis, de modo que não permaneça presa a modelos, mas renove continuamente suas práticas, mantendo-se fiel à sua essência: anunciar o Evangelho por meio do cuidado com a pessoa humana.

Diego Kenji de Almeida Marihama, 22 de fevereiro de 2026.



SOBRE OS AUTORES

Dom Carlos Lema Garcia

Dom Carlos Lema Garcia Nasceu na cidade de São Paulo (SP), em 1956. Graduiu-se em Direito Civil pela Universidade de São Paulo em 1979. Iniciou os Cursos Conciliou os anos de formação universitária com a direção de diversas iniciativas para a formação da juventude promovidas por instituições de utilidade pública criadas por pais de família. Coursou Filosofia e Teologia no Studium Generale da Prelazia do Opus Dei no Brasil e concluiu os Estudos Institucionais de Teologia entre os anos 1983-1984, no Seminário Internacional da Prelazia do Opus Dei em Roma. Recebeu a Ordenação Sacerdotal das mãos do Santo Padre João Paulo II, na Basílica de São Pedro em Roma, no dia 2 de junho de 1985. Obteve o Doutorado em Teologia Dogmática em 1987, em Roma, no Centro Acadêmico Romano da Santa Cruz, hoje Pontifícia Universidade da Santa Cruz. Sua ordenação episcopal ocorreu em 29 de junho de 2014 na Catedral Metropolitana de São Paulo (Catedral da Sé), mesma data de sua posse canônica. Desde 2014, Dom Carlos é Bispo auxiliar da Arquidiocese de São Paulo e Vigário Episcopal para a Educação e a Universidade. Entre 2017 e 2019 atuou como Conselheiro Suplente do Conselho Estadual de Educação de São Paulo. Desde 2022, é Bispo Referencial do Setor Universidades da CNBB nacional. Também está encarregado da Pastoral da Educação e da Pastoral Universitária do Regional Sul-1 da CNBB. Atualmente também é Diretor Acadêmico do Núcleo de Formação Continuada para Profissionais da Educação, da Fundação São Paulo.

Currículo Lattes: <https://arquisp.org.br/bispos-auxiliares/dom-carlos-lema-garcia/>

Ir. Elton Lopes

Bacharel em Ciências da Religião - Faculdades Integradas Claretianas de São Paulo (2005). Graduado em Psicologia - Formação de Psicólogo - Universidade do Sagrado Coração de Bauru/SP (2011). Especialista em Psicoterapia Psicanalítica - Fundação de Ensino "Eurípedes Soares da Rocha" de Marília/SP (2013). Atualmente é Psicólogo Clínico e Diretor Geral - Colégio Cristo Rei. Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Direção Geral e Administrativa.

Currículo Lattes: <https://lattes.cnpq.br/7039147433322994>

Jaqueline Alves

Graduada em Serviço Social pela Universidade de Marília (2012), possui especialização *lato sensu* em Juventude no Mundo Contemporâneo, na área de Educação, pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás (2022). Sua trajetória profissional é marcada pela atuação nas áreas social, educacional e cultural, com foco no trabalho com crianças, adolescentes e jovens. Atualmente é Supervisora de Desenvolvimento Social no Programa Guri do Governo do Estado de São Paulo, vinculado à Secretaria Estadual de Cultura e Indústrias Criativas, gerido pela Santa Marcelina Cultura, onde atua desde novembro de 2023, acompanhando e articulando oficinas e atividades socioeducativas e acompanhamento social dos alunos. Também atua como Produtora Cultural e Arte Educadora no Estúdio Nosotras desde 2017, desenvolvendo atividades ligadas à arte, cultura e educação. Atua como Assistente Social no Colégio Cristo Rei de Marília, realizando acompanhamento social e articulando ações de cidadania, voluntariado e convivência com estudantes. Anteriormente, integrou a equipe do Espaço Juventudes, da ABASE – Aliança Brasileira de Assistência Social e Educacional, onde atuou como Auxiliar de Projetos Sociais entre 2010 e 2014, participando da implementação e acompanhamento de projetos voltados à juventude.

Currículo Lattes:

https://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do;jsessionid=8E61AD6CF6B5FA5891F8A37C3CBCFDEE.buscatextual_0

Ir. Vânia Cristina de Oliveira

Apóstola do Sagrado Coração de Jesus. Doutora em Língua Portuguesa pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Gestão, Espiritualidade, Pastoral Escolar e Universitária. Ministra cursos e formação sobre Espiritualidade do Coração de Jesus, Vida Religiosa Consagrada, Educação Católica e Formação cristã de jovens e adultos. Atualmente é Conselheira Provincial, Reitora do Centro Universitário Sagrado Coração - Unisagrado (Bauru), Membro do Setor Educação e Cultura da Diocese de Bauru, Responsável do Departamento de Gestores do Núcleo de Formação Continuada para Profissionais da Educação da Arquidiocese de São Paulo e Secretária Executiva da Pastoral Universitária do Regional Sul 1 da CNBB.

Currículo lattes: <http://lattes.cnpq.br/7969042954742493>

Natália Santos

Graduada em Comunicação Social - Jornalismo pela Universidade de Marília (2006) e pós-graduada em Comunicação Empresarial pela Universidade Metodista de São Paulo (2014). Tem formação em Redação Publicitária pela ESPM (2011). Atua como Assessora de Comunicação do Colégio Cristo Rei desde 2008. Possui experiência em Marketing Educacional e Comunicação Institucional. É redatora da Revista Destaque Cristo Rei desde 2009. Desenvolve trabalhos vinculados ao Instituto dos Irmãos do Sagrado Coração.

Diego Kenji de Almeida Marihama

Doutor em Educação, Coordenador Acadêmico do Núcleo de Formação Continuada para Profissionais da Educação - Fundação São Paulo, e do Vicariato Episcopal para Educação e a Universidade da Arquidiocese de São Paulo. Assessor Educacional e Especialista em Inteligência Artificial aplicada à Educação. Atua como Designer de Projetos Inovadores com foco em Metodologias Ativas, Modelos Flexíveis e Tecnologias Digitais.

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8685829647191794>

Sérgio Rogério Azevedo Junqueira

Livre Docente em Ciência da Religião (PUCSP) . Pós- Doutor em Ciência da Religião (PUCSP). Pós- Doutor em Geografia da Religião (UFPR) . Pós - Doutor em Ciência da Religião (UEPA) - Doutor em Ciência da Educação (UPS) . Mestre em Ciência da Educação (UPS) . Especialista em Metodologia do Ensino Religioso (PUCSP) . Especialista em Metodologia do Ensino Superior (CPEMG) . Licenciado em Pedagogia (UNIUBE) . Licenciado em Ciências da Religião (UNINTER) - Bacharel em Ciências Religiosas (IMACH) . Foi Professor Titular (PUCPR). Líder do Grupo de Pesquisa Educação e Religião (GPER). Diretor de Pesquisa do Instituto de Pesquisa e Formação Educação e Religião (IPFER).

Currículo Lattes: <https://lattes.cnpq.br/8648726976057922>

Thiago Pignatti de Freitas

Matemático, Físico, Engenheiro de Produção, Empreendedor e CEO da Escola do Prof. Mestre e bacharel em Engenharia de Produção pela UNESP. Licenciado em Ensino Técnico de Nível Médio, Licenciado em Matemática e Licenciado em Física. Possui pós graduação em Educação Especial Inclusiva. Traz experiências como consultor em Engenharia de Produção, como professor de Matemática e Física para ensino fundamental, médio e cursos preparatórios para Vestibulares e como professor universitário. É professor do UNISAGRADO e coordenador dos cursos de Engenharia Civil, Engenharia de Produção e Licenciatura em Matemática. Desenvolve pesquisas na área de Logística 4.0 e Indústria 4.0, Inteligência Emocional e Gestão Emocional, Melhoria de Processos e Desempenho Operacional, Gestão Ambiental e Tecnologia e Inovação. É formado e atua também como Copywriter no mercado de Marketing Digital, sendo CEO da Escola do Prof.

Currículo lattes: <http://lattes.cnpq.br/4274027425690969>

Ir. Ana Paula Gobbo Motta

Apóstola do Sagrado Coração de Jesus. Atualmente é Gestora de Pastoral Universitária do Centro Universitário Sagrado Coração de Jesus - Unisagrado e membro do Setor de Educação e Cultura da Diocese de Bauru. Possui Bacharelado em Enfermagem e Mestrado em Ciências pela Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo (EERP-USP).

Currículo Lattes: [Currículo lattes: https://lattes.cnpq.br/2844940891993992](https://lattes.cnpq.br/2844940891993992)

Eduardo de Campos Garcia

Doutor e Mestre em Educação, Arte e História da Cultura pelo Mackenzie; Pós doutorado em Educação e Saúde pela UNIFESP; PhD em Psicanálise Clínica pela Logos University Internacional; atualmente é professor de Libras do departamento de Ciências Sociais e Jurídicas da FEI.

Currículo Lattes: <https://lattes.cnpq.br/6264617117450444>

Thaís de Lima Lins.

Mestra em Ciências da Religião (UEPA); Graduada em Ciências da Religião pela UEPA; Especialista em Relações Étnico-Raciais pela UFPA. Pesquisadora do Grupo de Estudos Religião e Educação (GPER). Assessora para o Ensino Religioso da Comissão de Cultura e Educação (CNBB – Regional Norte II). Professora de Ensino Religioso na educação básica.

Currículo Lattes: <https://lattes.cnpq.br/1203381762401185>

Rafael Mahfoud Marcoccia

Doutor em Ciências Sociais pela PUC-SP (2013), com mestrado em Ciências Políticas (2007) e graduação em Comunicação Social - Jornalismo (2003) pela mesma instituição. Coordena o curso de Filosofia e ministra disciplinas como Pessoa, Sociedade e Tecnologia, Sociologia e Doutrina Social da Igreja no Centro Universitário FEI desde 2008. Dedicar-se à pesquisa sobre o princípio personalista — aplicado à Doutrina Social da Igreja —, solidariedade e subsidiariedade, além de participação popular, movimentos sociais urbanos, sociedade civil e Estado.

Currículo Lattes: <https://lattes.cnpq.br/7916156311845104>

Vinício Felipe Brasil Rocha

Doutor e Mestre em Odontologia em Saúde Coletiva pela UNICAMP, com formação internacional em Epidemiologia para Gestores de Saúde pela Johns Hopkins University (EUA). A formação acadêmica complementar engloba especialização em Saúde Coletiva pela USP. A trajetória profissional é marcada por relevante atuação no ensino **superior**, na tutoria especializada e no Serviço Público. É o atual coordenador do Setor Universidades da Diocese da Campanha e fiel da prelazia do Opus Dei.

Currículo Lattes: <https://lattes.cnpq.br/3620583513522034>

Maria Victoria Fiori Giannoni

Graduada em Licenciatura em Pedagogia pelo Claretiano – Centro Universitário. Pós-graduada em Educação Especial e Inclusiva pela Faculdade EAD Metropolitana. Técnica em Recursos Humanos pela ETEC – Centro Paula Souza. Atualmente, atua como Agente de Pastoral no Claretiano Colégio São José.

Currículo Lattes: <https://lattes.cnpq.br/4341877862135100>

Diego Andrade de Jesus Lelis

Doutor e Mestre em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná-PUCPR. Especialista em Tutoria em Educação a Distância e EJA, em Educação Especial e Ensino Religioso, e em Geografia, História. Licenciado em Geografia e em Filosofia e bacharel em Teologia. É membro do Grupo de Pesquisa Criatividade e Inovação Docente no Ensino Superior (CIDES). Está Coordenador de Pastoral, Pós-Graduação e Extensão no Claretiano Rede de Educação.

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/95974094968123733>

Ir. Lucinalva de Jesus Souza

Possui graduação em Pedagogia pelas Faculdades Integradas de Botucatu (2008), pós-graduação em Ensino Religioso Escolar pelo UNISAL (2013) e formação tecnológica em Design de Interiores. Atua na área da Educação, com experiência em Administração Educacional, Pastoral Escolar e formação humana e espiritual, desenvolvendo projetos de evangelização, acompanhamento de jovens e formação de comunidades educativas. Participou também de cursos de Governança Corporativa e Liderança Educacional voltados à gestão e formação de lideranças no contexto educacional.

Currículo Lattes: <https://lattes.cnpq.br/6939704002084321>

Edson Cassiano Lopes:

Mestrando em Teologia Sistemático-Pastoral pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Bacharelado em Teologia pela Faculdade Católica de Pouso Alegre (2021). Especializado em Filosofia e Ensino de Filosofia pelo Centro Universitário Claretiano (2019). Licenciado em Filosofia pelo Instituto de Ciências Sociais e Humanas do Centro de Ensino Superior do Brasil (2014). Desde 2022, presbítero da Diocese da Campanha (MG).

Currículo Lattes: <https://lattes.cnpq.br/322488336809632>

Equipe Técnica Colaborativa

Vigário Episcopal: Dom Carlos Lema Garcia

Coordenador Acadêmico: Diego Kenji de Almeida Marihama

Design Educacional: Mauro Cesar Bertolino

Diagramação e Arte: Catia Bertolino

Revisão Textual: Frei Maciel Bueno

Revisão Textual: Ir.Vânia Cristina de Oliveira

Revisão Textual: Karoline Lessa



ARQUIDIOCESE DE SÃO PAULO
VICARIATO EPISCOPAL PARA A EDUCAÇÃO E A UNIVERSIDADE
2026 - 280 ANOS DE CRIAÇÃO DA DIOCESE DE SÃO PAULO.



CADERNO PEDAGÓGICO AÇÃO PASTORAL

Este caderno constitui um recurso essencial para a formação continuada, visando qualificar a Ação Pastoral nas instituições de ensino através de uma fundamentação teórica robusta e diretrizes práticas aplicáveis. É fruto da parceria entre a Arquidiocese de São Paulo e o Núcleo de Formação Continuada.

CADERNO PEDAGÓGICO | 01/2026

ARQUIDIOCESE DE SÃO PAULO

📍 Avenida Higienópolis, 890 – São Paulo/SP – Brasil
☎ (11) 3660-3747 🌐 www.vicariatoedusp.org
✉ arquidiocese@nucleo.vicariatoedusp.org